



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**JANAINA COUTINHO RODRIGUES**

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA FRENTE À  
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL**

---

Campo Grande/MS  
2014

**JANAINA COUTINHO RODRIGUES**

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA FRENTE À  
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração: Linguagem, Língua e Literatura. Linha de Pesquisa: Produção de Texto Escrito e Oral.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros

Campo Grande/MS  
2014

**S477i** Rodrigues, Janaina Coutinho

**Reflexões sobre o ensino da língua portuguesa na EJA frente à diversidade linguística no Brasil**

Janaina Coutinho Rodrigues. Campo Grande, MS: UEMS, 2014.

114 p. ; 30cm

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Lúcia Escobar Chaves de Barros

1.Literatura - pesquisa 2. Crítica 3. Autores I. Título

**CDD 20.ed. - 401**

**JANAINA COUTINHO RODRIGUES**

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA FRENTE À  
DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profª. Drª. Adriana Lúcia Escobar Chaves de Barros  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profª. Drª. Maria Leda Pinto  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.Drª. Nara Hiroko Takaki  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof. Dr. Nataniel Dos Santos Gomes  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof.Dr. Miguel Eugênio Almeida  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 28 de abril de 2014.

*Para meus amados pais, Idelfonso Vasque Rodrigues e Neuza Rute Coutinho, sempre presentes na minha vida com incentivos de encorajamento, força e dedicação; para meus amados filhos, Bruno, Bianca e Mateus, que abdicaram da minha presença de forma paciente e colaborativa; e para meu querido esposo, Nivaldo Ferreira Gonçalves, pelo seu amor e companheirismo.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus de promessas que, conhecendo os segredos mais íntimos do meu coração, ilumina todos os dias o meu caminho, proporcionando, assim, este momento valoroso, mostrando que sou capaz de atingir meus objetivos por mais impossíveis que pareçam, para que eu siga caminhos de luz e sabedoria.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros, por sua dedicação, carinho, competência, incentivo, paciência, confiança e valiosos ensinamentos, que se tornou pessoa importante em minha vida, ao acreditar, acolher meu projeto de pesquisa e fazer parte da minha história.

Aos Professores Doutores Nataniel dos Santos Gomes, Marlon Rodrigues Leal e Maria Leda Pinto, que, em suas aulas, levaram ao meu alcance conhecimentos que outrora nunca teria tido se não pela dedicação e amor ao que fazem.

Aos professores participantes da banca examinadora por aceitarem tão gentilmente o convite.

Aos colegas de curso pelas partilhas e contribuições em sala de aula.

Aos amigos de trabalho; e ao meu diretor Roberto Assaf, que, por meio de incentivos, apoiou-me e deixou livres os caminhos.

À minha coordenadora, Sílvia Regina de Mello, pela disponibilidade de horários, contribuindo para que eu participasse de todos os eventos acadêmicos e aulas.

Aos meus colegas professores, que sempre apontaram o mestrado como meta possível, e utilizando palavras de encorajamento e força.

Aos professores, colegas e alunos participantes desta pesquisa, que gentilmente me receberam em sala de aula e compartilharam comigo um pouco de histórias.

Aos meus queridos irmãos, Lucas e Thiago, que auxiliaram meus estudos com participação ativa em apoio à minha família e ao meu lar.

*“Não há saber mais ou saber menos:  
há saberes diferentes”.*  
*Paulo Freire*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos frente à diversidade linguística no Brasil. Através de um projeto que se constitui em uma elaboração de uma edição de jornal escolar, durante um ano letivo, procuramos possibilitar aos alunos da turma inicial de uma escola pólo na EJA, o uso das variações linguísticas, de acordo com diferentes gêneros textuais. Esse projeto procurou conscientizar os alunos sobre a importância do respeito às variantes populares e às de prestígio, para que saibam adequá-las aos diferentes contextos, esclarecendo-os sobre questões que envolvam o preconceito, a inclusão / exclusão social e o exercício da cidadania. Como fundamentação teórica, discorremos sobre os estudos da diversidade e preconceito linguístico e, apresentamos considerações sobre o ensino do Português na Educação de Jovens e Adultos. Em EJA, tratamos sucintamente da história da educação de jovens no Brasil, contribuições da Sociolinguística para o ensino da Língua Portuguesa na EJA, do ensino do Português por meio dos gêneros textuais, destacando a importância dessas metodologias para a aprendizagem da língua. Essa é uma pesquisa qualitativa e um estudo de caso. À luz dos conceitos da Sociolinguística, analisamos as entrevistas, que é o *corpus* desta pesquisa, com cinco alunos, para ouvirmos nos seus discursos se os objetivos propostos haviam sido atingidos. Observamos que eles refletiram e se conscientizaram sobre o fato de que o ensino da Língua Portuguesa deve ser amplo e abrangente devendo respeitar e valorizar todas as variantes da língua, ou seja, linguagem formal e informal, variantes de prestígio e menos prestigiadas. Constatamos que a escola precisa nortear a aprendizagem da língua e os demais conteúdos por meio da reflexão e conscientização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação de Jovens e Adultos; ensino de Língua Portuguesa; diversidade linguística no Brasil.



## **ABSTRACT**

This research aims to reflect on the teaching of Portuguese in Youth and Adult Education across the linguistic diversity in Brazil. Through a project that constitutes an elaboration of an edition of the school newspaper, a school year, try giving students the initial class of a polo school in adult education , the use of language variation according to different text genres . This project sought to educate students about the importance of respecting the popular variants and prestige , so they know adapt them to different contexts, clarifying them on issues involving prejudice, social inclusion / exclusion and citizenship . As theoretical foundation, we discuss about the studies of linguistic diversity and prejudice, beyond the teaching of Portuguese in Youth and Adult Education. In EJA, we treat briefly the history of youth education in Brazil, Sociolinguistics contributions to the teaching of the Portuguese language in adult education, teaching Portuguese through textual genres, highlighting the importance of these methods for learning the language . This is a qualitative study and a case study In light of the concepts of sociolinguistics, we analyze the interviews, which is the corpus of this study with five students, to listen to his speeches if the proposed objectives had been achieved. We note that they reflect and become aware that the teaching of the Portuguese language should be broad and comprehensive and should respect and value all varieties of the language, formal and informal variants prestigious and less prestigious language. We note that the school needs to guide the learning of language and other content through reflection and awareness.

**KEYWORDS** : Youth and Adult Education ; teaching Portuguese; linguistic diversity in Brazil .

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
1.1 SOCIOLINGUÍSTICA E DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS DO BRASIL .....	15
1.2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	20
1.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	22
1.4 EJA.....	25
1.5 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA .....	29
1.6 GÊNEROS TEXTUAIS .....	31
1.7 ENSINO DO PORTUGUÊS POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS .....	33
<b>2. METODOLOGIA</b> .....	36
2.1 MINHA VIVÊNCIA NA EJA .....	36
2.2 PESQUISA EM SOCIOLINGUÍSTICA.....	39
2.3 TIPO DE PESQUISA .....	40
2.4 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA.....	42
2.5 A TURMA.....	45
2.6 ENTREVISTADOS.....	45
2.6.1 João .....	47
2.6.2 Luís .....	48
2.6.3 Maria .....	48
2.6.4 Marta .....	48
2.6.5 Lúcia .....	49
2.7 COLETA DE DADOS TIPO DE PESQUISA .....	49
2.8 PROPOSTA DO JORNAL.....	50
2.9 TRATAMENTO DE DADOS.....	57
<b>3. ANÁLISE E REFLEXÕES</b> .....	59
3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E EJA .....	59
3.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA EJA, SUPERAÇÃO E ORGULHO PRÓPRIO .....	65
3.3 SENTIMENTO DE CIDADANIA E VALORIZAÇÃO DO ALUNO DA EJA .....	74
3.4 CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS DA EJA SOBRE O USO DAS NORMAS DA LÍNGUA CULTA .....	80
<b>REFLEXÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	92
<b>ANEXOS</b> .....	94

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, estudiosos e linguistas vêm desenvolvendo inúmeras pesquisas científicas sobre variação, fenômeno que ocorre em todas as línguas, uma vez que são sempre heterogêneas e variáveis. Além da formação dos professores nas IES (Instituições de Ensino Superior) doravante IES, ainda há muito a ser estudado, principalmente no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa.

Os componentes curriculares contemplam a importância da relação do sujeito aprendiz e sua interação com o mundo, tanto na escrita quanto na fala. Além disso, os PCN (BRASIL, 1998, p.33) apresentam a questão de o aluno ser capaz de “conhecer e utilizar as diferentes linguagens” para poder interagir adequadamente com as várias formas de comunicação.

Sendo essas diretrizes mal compreendidas, cresce a dicotomia entre a gramática normativa e linguística entre os professores de Português, muitos dos quais resistem em valorizar as questões da diversidade da língua em suas aulas, não levando em consideração o fato de que seus alunos são provenientes de comunidades e culturas diferentes.

A partir do princípio de que a linguagem é crucial para a interação sociocultural, de que a língua é viva e não existe apenas uma forma de transmitir o mesmo pensamento, a escola deve preparar-se para abordar a diversidade na língua, envolvendo não só professores de Língua Portuguesa, mas todo o corpo docente, promovendo, dessa forma, a interdisciplinaridade nos estudos.

Ao se trabalhar as variações linguísticas em sala de aula, o ensino da norma culta deve ser valorizado, já que, para o crescimento do indivíduo como cidadão e interação com o meio, deve-se dominar a gramática normativa, utilizando-a corretamente em situações cotidianas, como vestibulares, Enem, concursos, avaliações externas e seleção de emprego.

Como mediador de conhecimentos, o professor apresenta as várias linguagens como forma de interação humana, levando o aluno a apropriar-se das regras da norma culta, como uma das ferramentas de relações sociais, valorizando, ao mesmo tempo, as variações linguísticas principalmente, as trazidas pelos seus alunos.

Contudo, muitos professores não sabem ainda como colocar em prática as questões da variedade linguística em sala de aula e deparam-se sempre com as mesmas dúvidas ao ensinar a Língua Portuguesa ou corrigi-la.

Diante desse cenário, surgem os seguintes questionamentos: Como ensinar a Língua Portuguesa tendo presente a diversidade linguística no Brasil? Como abordar o

conceito de variação do idioma nas aulas de Português na Educação de Jovens e Adultos EJA?

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa na EJA diante das questões de diversidade linguística no Brasil. Como objetivos específicos, procuramos possibilitar aos alunos o uso das diversidades linguísticas do Português de acordo com diferentes gêneros textuais; proporcionar-lhes conceitos sociolinguísticos sobre a heterogeneidade e variabilidade da língua, levando-os a valorizar as variantes linguísticas populares e as de prestígio; e promover, assim, o conhecimento de questões como preconceito linguístico, inclusão e exclusão social, que envolvem a diversidade linguística para que possam exercer plenamente sua cidadania.

Por meio da elaboração de uma edição de jornal escolar, durante um ano letivo, possibilitamos aos alunos da turma inicial de uma escola da EJA o uso das variações do Português, utilizando os diferentes gêneros textuais.

Destacamos a relevância desta pesquisa uma vez que é importante ao aluno compreender, no que se refere ao ensino-aprendizagem do nosso idioma, que a gramática normativa e a linguística podem caminhar juntas.

A fundamentação teórica está dividida em sete subcapítulos e permeada pelos conceitos dos PCN, que são os norteadores da educação básica. O primeiro apresenta conceitos da Sociolinguística e a diversidade do Português do Brasil, mostrando que língua e sociedade estão ligadas entre si com um papel fundamental para as relações humanas na comunicação, ou seja, todas as línguas apresentam um dinamismo inerente entre elas, o que significa dizer que são heterogêneas.

Na sequência, destacam-se a diversidade linguística e o ensino, sendo que, ao longo desse estudo, uma atenção especial foi dada aos alunos da EJA no que diz respeito aos conceitos sociolinguísticos em sala de aula, principalmente no ensino da fala e da escrita, pois, o conhecimento da linguagem oral e escrita é a porta de entrada para uma participação social mais efetiva.

Ao discorrer sobre o preconceito linguístico, mostramos que a linguagem está presente em todos os aspectos de convivência social, já que a usamos para nos comunicar e interagir em sociedade. A existência de vários tipos de discurso utilizados nas camadas sociais interfere na vida social das pessoas, sendo que devemos lutar contra as mais diversas formas de preconceito, como: racial, de idade, sexo, cultura, dentre outros. Há também o preconceito linguístico, resultado da intolerância e do desconhecimento da população em nossa sociedade com relação às variações linguísticas.

No quarto subcapítulo, apresentamos brevemente a história da EJA no Brasil, que percorreu caminhos e descaminhos em sua trajetória e, sendo essa uma das modalidades de ensino, percebemos que ainda há uma dívida social não reparada para com aqueles que não puderam concluir seus estudos em tempo e idade hábil.

É fundamental destacar as contribuições da Sociolinguística para o ensino da Língua Portuguesa na EJA e, diante das perspectivas dessa área de estudo, esta possibilita aos alunos conhecerem a diversidade linguística em nosso país e compreenderem que linguística e gramática normativa podem seguir juntas durante o processo de ensino-aprendizagem, partindo de um conhecimento por parte deles sobre o uso adequado de cada uma e tornando-os capazes de refletir sobre a língua em uso.

Ao tratar dos gêneros textuais, demonstramos a importância de se trabalhar com os vários tipos de textos, podendo, assim, propiciar aos alunos jovens e adultos a ampliação de seu conhecimento linguístico, elaborando formas diferentes de discurso.

O sétimo e último subcapítulo discorre sobre o ensino do Português por meio dos gêneros textuais. Esses métodos aumentam a capacidade de interação do sujeito com seu contexto real e significativo, ou seja, contribui para seu desenvolvimento oral e escrito também nas áreas em que atuam fora da escola como no trabalho, em avaliações externas, entrevistas de empregos e conversas informais. São muitas as possibilidades que interagem estes conhecimentos por meio dos diversos tipos de texto podendo melhorar o rendimento escolar e as práticas sociais dos estudantes, principalmente dos alunos da EJA.

Na metodologia, o estudo divide-se em nove subcapítulos. A saber:

Discorreremos sobre a vivência da autora na EJA, suas experiências e expectativas durante o curso, retratando a realidade desta modalidade da educação, apresentando a escola, seu contexto e localização, bem como sua realidade com relação a essa modalidade de ensino.

No subcapítulo 2.3, apresentamos a proposta de criação de um jornal após o trabalho dos gêneros textuais, pois, a partir dos vários textos produzidos em sala, podem-se enriquecer ainda mais as produções realizadas pelos alunos, utilizando a escrita e reescrita para desenvolver habilidades de produção, leitura e interpretação de textos.

É apresentada a turma que participou desta pesquisa e, em seguida, há o enfoque da pesquisa em Sociolinguística, abordando sua teoria e metodologia, ressaltando que esta tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos, pois muitas pesquisas científicas se desenvolvem evidenciando que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam, sendo impossível conceber-se a existência de uma sem a outra.

O sexto subcapítulo discorre sobre o tipo de pesquisa utilizada e tem base nas perspectivas da Sociolinguística, que conceitua e norteia este estudo apresentando características qualitativas e estudo de caso.

O sétimo apresenta, respectivamente, os alunos entrevistados, o perfil de cada um, sua história de vida e expectativas para com a EJA; a coleta de dados e as metodologias utilizadas durante a pesquisa e o desenvolvimento do projeto; e finalmente o tratamento dos dados.

Em “Análise e Reflexões”, mostramos os dados obtidos por meio das entrevistas, o *corpus* desta pesquisa e objeto de estudo. Essa etapa será permeada por várias reflexões sobre a complexidade encontrada diante do ensino da Língua Portuguesa na EJA, cujos principais desafios estão nos alunos que, por sua vez, buscam através da escola incluir-se na sociedade por meio da linguagem e do conhecimento.

Esse capítulo está dividido em quatro partes. A primeira trata da diversidade linguística e da EJA, sendo essa modalidade de ensino composta por sujeitos aprendizes, que trazem consigo linguagens diversas, levando o professor ao uso de metodologias de ensino diversificadas. Nesse sentido, apresentamos as contribuições da Sociolinguística para um ensino consciente sobre o uso da língua, partindo dos discursos proferidos pelos alunos, ensinando-lhes o emprego adequado da língua e situações diferenciadas do seu contexto.

Discorreremos sobre os preconceitos linguísticos na EJA, superações e orgulho próprio, com análise nas entrevistas e claramente se percebe que alguns alunos sofrem preconceitos no momento da oralidade e escrita. As entrevistas mostram as expectativas deles durante a pesquisa e o resultado após o término dela, bem como as situações que foram superadas e o aprendizado adquirido.

A terceira parte deste capítulo trata do sentimento de cidadania e a valorização do aluno da EJA, mostrando a importância em valorizar esse estudante que busca, por meio da educação, sua inserção no meio social com práticas reais em meio às situações do seu cotidiano, bem como o exercício de sua cidadania.

Finalmente, relatamos sobre a conscientização dos alunos a respeito do uso das normas do Português, partindo de um ensino consciente e reflexivo da língua, possibilitando a esses estudantes compreenderem que as situações comunicativas, tanto da fala quanto da escrita, podem variar de acordo com a situação em que eles estiverem inseridos, por isso a importância do conhecimento das variações linguísticas, pois a gramática normativa e a linguagem informal podem caminhar lado a lado de acordo com a situação comunicativa em que se encontra o indivíduo.

Pensar em fazer pesquisa em um contexto tão abrangente como o da escola pública e principalmente no curso da Educação de Jovens e Adultos devido à grande diversidade de contextos que envolvem as áreas em estudo parece, no primeiro momento, impossível.

A diferença se faz quando se acredita que, ao investigar e analisar uma escola, devemos partir da conscientização a cerca das práticas e habilidades que se pretende desenvolver. Para um trabalho de resultados positivos diante de um contexto escolar e enquanto pesquisadores, precisamos compreender que os alunos como aprendizes podem ser capazes de participar e contribuir também com nossas práticas diante do ensino da língua materna.

Com isso, diante de um contexto tão abrangente que é o da escola pública, pouco pode ser observado na EJA se olharmos superficialmente para as estratégias que vêm sendo aplicada no ensino da Língua Portuguesa. Um olhar atento e diferenciado para com as metodologias de ensino que utilizamos e, se nos disponibilizarmos a compreender as novas perspectivas de ensino da língua, poderemos ampliar a capacidade discursiva desses alunos e desenvolver habilidades comunicativas, tanto na oralidade como na escrita e nas diversas formas linguísticas de comunicação.

Portanto, sem a pretensão de solucionar todos os problemas que envolvem a questão do ensino da Língua Portuguesa, mas com uma proposta de apoio pedagógico e de ensino para alunos da EJA, acreditamos ter atingido nossos objetivos, possibilitando o aprendizado da norma culta sem desprestigiar as demais variações da língua e o domínio discursivo dos alunos e, ao mesmo tempo, ensinando-os a refletirem sobre seus conhecimentos.

# 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“[...] me senti respeitada e feliz!”*

*(E. 11/08/13. Aluno EJA)*

Apresentamos neste capítulo sucintamente os conceitos teóricos que fundamentaram esta pesquisa e nortearam seu desenvolvimento. Primeiramente houve uma breve apresentação da “Sociolinguística e Diversidade do Português no Brasil” e uma reflexão acerca da diversidade existente no Português do nosso país a fim de abranger mais o contexto desta pesquisa. Em “Diversidade Linguística e Ensino de Língua Portuguesa”, tratamos da importância da valorização das variedades existentes na língua. O tópico “Preconceito Linguístico” enfoca o preconceito em relação às diferentes formas de fala. Em “EJA”, tratamos do percurso dessa modalidade de ensino e da situação atual. Em “Contribuições da Sociolinguística para o Ensino da Língua Portuguesa na EJA”, destacamos importantes pontos da construção teórica da linguística que tem contribuído para uma dinâmica apreciável da prática nas escolas e nos diversos nichos sociais. Em “Gêneros Textuais”, abordam-se as perspectivas de aprendizagem com a utilização de análises ligadas às observações, e conclusões no universo textual com seus inúmeros gêneros. Por fim, o subcapítulo “Ensino do Português por meio de Gêneros Textuais” mostra que o ensino da língua torna-se mais prazeroso tendo como ferramenta as diversas leituras abordadas através da variedade de gêneros disponíveis em nossa literatura.

## 1.1 SOCIOLINGUÍSTICA E DIVERSIDADE DO PORTUGUÊS NO BRASIL

Língua e sociedade estão ligadas entre si como um papel fundamental para as relações humanas, que está na comunicação. “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente entre elas, o que significa dizer que elas são heterogêneas” MOLLICA (2004). Há aproximadamente quatro décadas, linguistas enfatizam que não é mais possível estudar a língua sem levar em consideração a sociedade em que ela é falada.

No Brasil, tem-se uma população cuja economia linguística é predominantemente oral, ou seja, sem acesso a padrões da língua escrita. O alto índice de analfabetismo e a precariedade na instrução escolar afetam essa população, impedindo tanto o acesso à norma



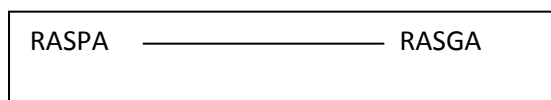
culta da língua usada pelas classes mais favorecidas como a língua padrão ideais, que determinam os padrões de correção e aceitabilidade. Com isso, podemos perceber as circunstâncias que contribuem para caracterizar a diversidade linguística no repertório verbal da comunidade brasileira.

Conforme os PCN (BRASIL, 1998, p.5), “a linguagem é considerada como uma capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los em sistemas arbitrários de representação”. Diante disso, podemos afirmar que a linguagem pode variar de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade, não podendo ser desconsiderada a diversidade existente na língua, pois cada uma dessas formas variadas da Língua Portuguesa são expressões e produções de sentidos.

Assim, o que temos na sociedade brasileira é uma realidade linguística composta e sujeita às diversas variações da língua em uso, o que nos reporta mais uma vez a esclarecer o conceito de variação. Dizer que a língua apresenta variações significa alegar que ela é heterogênea, ou seja, não existe apenas uma forma de dizer a mesma coisa.

A variação ocorre, nos diversos níveis da língua, como fonético-fonológica (pronúncia de um mesmo fonema); variação morfológica (sufixos diferentes para expressar a mesma ideia); variação sintática (o sentido é o mesmo, entretanto os elementos estão organizados de maneiras diferentes); variação semântica (dependendo da origem e região do falante); variação lexical (uma palavra e seus vários significados) e variação estilística – pragmática (depende das situações de interação e as correspondências entre os enunciados).

A variação linguística é ordenada, estruturada e organizada por diversos fatores. Um exemplo citado em BAGNO (2009, p. 40) mostra o conceito ordenado da Sociolinguística na pronúncia de duas palavras:



Essa é uma explicação clara da variação linguística, mostrando que na primeira palavra aparece um som [s], enquanto que na segunda ele tem a pronúncia [z], embora as duas palavras se escrevam com a mesma letra s.

Isso se dá porque o *s* de RASPA vem antes de um /p/, que é uma consoante surda, por isso com pronúncia [s], que também é um som surdo; já no caso do RASGA, o /s/ está diante de um consoante sonora, o /g/, realizando, assim, o som [z], que também é uma consoante sonora.

O contexto fonético e a influência de uma consoante sobre a outra explicam, nesse caso, a variação [s] ~ [z]. A sonoridade (ou vozeamento) de um fonema vai provocar a sonorização do outro. (p.41)

A língua varia de acordo com: fatores de origem geográfica, caracterizados pelas diferentes regiões brasileiras; fatores socioeconômicos, que são determinados pelo nível econômico do falante; a escolaridade, que parte da educação formal e cultura do indivíduo; a idade; o vínculo de algumas profissões que também contribuem na atividade linguística do falante; dentre outros.

Comparando um grupo com outro, percebemos que o processo e o dinamismo da língua ocorrem tanto na fala quanto na escrita, essa situação de maior ou menor formalidade depende dos seus interlocutores e do ambiente em uso. Assim, variantes linguísticas são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa e uma variedade linguística é o modo de falar uma determinada língua com marcas e expressões usuais de determinados grupos sociais ou regiões. MONTEIRO (2002, p. 28) propõe, de forma importante, a reflexão de que “a Sociolinguística busca um estudo sistemático do uso da língua na vida social” com o intuito de compreender melhor o funcionamento e a estrutura da língua.

De acordo com MOLLICA, (2004, p.9), a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala”, o que mostra a necessidade de se desenvolver investigações que correlacionem aspectos linguísticos e sociais ao mesmo tempo. Segundo TARALLO, (1999, p.6), “a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é heterogênea e diversificada”. Assim, levando em consideração o tamanho do Brasil, pode-se afirmar que é inevitável a existência de variações linguísticas no português falado.

Um dos mais importantes estudos da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado por Willian Labov, que, ao estudar o inglês falado na comunidade da ilha de Marthas’s Vineyard, em Massachusetts, enfatizou a relação entre língua e sociedade, evidenciando o fator decisivo perante o dinamismo e a variabilidade da língua, intrinsecamente heterogênea.

Para Labov, os procedimentos da Linguística baseiam-se no entendimento de que a língua é um conjunto estruturado de normas sociais cujo contexto social em que ela é

utilizada está ligado diretamente aos processos de variações. MONTEIRO (2002), em sua importante obra “Para compreender Labov”, reflete sobre a natureza da linguagem humana nos procedimentos linguísticos descritivos e enfatiza dizendo que “a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação”, isso explica a cultura existente em cada expressão e a relação entre língua e sociedade.

A variação linguística é a língua em seu estado contínuo de mudança, de transformações, de diversidades, mostrando que um indivíduo não é igual ao outro em muitos aspectos, sendo assim, na linguagem não poderia ser diferente.

Muitos são os fatores que contribuem para essas variedades linguísticas como: a origem geográfica, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais, *status* social, dentre outras diversidades que determinam a incidência de variações linguísticas no português do Brasil.

Com isso, há também o julgamento negativo que se faz a respeito do uso da língua fora da norma padrão. Precisamos compreender que as mudanças que ocorrem na Língua Portuguesa do Brasil são inevitáveis, portanto é necessário adaptarmo-nos a elas. A língua, na concepção da Sociolinguística, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em construção e em reconstrução (BAGNO, 2007, p.36).

Segundo MOLLICA (2004, p.59), “tudo indica que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem se fala”, mostrando que, de acordo com o ambiente em que estão inseridas, as pessoas podem variar e utilizar linguagens específicas e adequadas ao contexto. Por meio da Sociolinguística, percebemos a importância teórica e metodológica dos estudos sobre o idioma em uso. A tarefa dela está em mostrar o dinamismo existente na língua, a variação sistemática da estrutura linguística e da estrutura social, analisando a língua falada em seu contexto social.

O objetivo central da Sociolinguística, como uma disciplina científica, é, portanto, relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social, mostrando que não se pode separar a língua da sociedade em que ela é utilizada.

Muitas são as contribuições dessa ciência para ampliar e contextualizar o ensino da Língua Portuguesa na EJA. A partir de seus pressupostos, pode-se valorizar o ensino das variedades existentes na língua, considerando também todas as suas diversidades e contextos de uso. Ressalta Monteiro (2002, p. 16) que “existe uma relação intrínseca entre língua e sociedade”, isto é, a língua é um meio de relacionamentos com outras pessoas, um momento de transmitir e receber informações e são relevantes sob a perspectiva social.

Outra questão bastante discutida e citada também na obra de Labov é a distinção entre os conceitos da Sociolinguística e Sociologia da Linguagem. Muitos estudiosos afirmam

que ambas se distinguem e, para outros, são faces da mesma moeda. Para Labov (1972), a Sociologia da Linguagem nada mais é do que um ramo da Sociolinguística, enfatizando que é fundamental o estudo dos fatores sociais nas interações com as línguas e os dialetos.

Monteiro (2002, p. 28) explica:

A Sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Por sua vez, a Sociologia da Linguagem busca alcançar um melhor entendimento da estrutura social através do estudo da linguagem.

Nota-se que a Sociolinguística tem como foco o estudo sistemático da língua em uso na vida social, considerando as inter-relações entre o falante, o receptor, tema e canal, bem como as formas que os falantes empregam para realizar determinadas funções na comunicação. Embora as tendências no uso e adequação da língua venham sendo contempladas no contexto escolar e nas academias, pode-se ainda perceber a discriminação por parte da sociedade no que se refere ao “certo” e “errado” na língua falada.

Sob as perspectivas da Sociolinguística, que vê a linguagem como manifestações de comunicação e interação, percebe-se que ainda existem avaliações sociais que podem estigmatizar ou prestigiar os falantes; este fato ainda é presente e marcante na EJA e precisamos de uma sensibilidade pedagógica que reconheça a falta de oportunidades que estes alunos tiveram enquanto estudantes. Muitos foram os motivos que os separaram da conquista de inclusão na educação.

Atentando-se às políticas públicas para a EJA, devido a tantas propostas, projetos e mudanças de nomenclatura, percebe-se que esta modalidade educacional tem muito a percorrer para a inclusão efetiva desse indivíduo perante a sociedade.

Durante este estudo, reafirma-se a necessidade de conscientização e reflexão do educador diante dos desafios ao ensinar a Língua Portuguesa para jovens e adultos. Para Resende (2008, p. 41), o educador deve estar em “processo permanente de refletir a militância”, ou seja, para esta prática educativa e diante dos constantes desafios, o professor precisa possibilitar um ensino de conteúdos que parta da reflexão sobre o que se aprende e que o aluno possa relacionar e refletir a respeito seus novos conhecimentos perante a sociedade.

Segundo BORTONI-RICARDO (2005, p.196), “é preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar o seu estilo”, sem causar

intervenções inoportunas no processo de ensino e aprendizagem. Preparar o aluno para a aquisição da norma linguística de prestígio tida como “norma culta da língua” deve partir do pressuposto da reflexão. Ao conhecer e atribuir significados verdadeiros e concisos do uso da língua, o aluno poderá utilizá-la efetivamente com coerência, de acordo com a situação em que estiver inserido.

Os conceitos da Sociolinguística e a gramática podem caminhar juntos na sala de aula, contribuindo, assim, para o crescimento cognitivo e intelectual do educando, tornando-o participante ativo nas interações e desenvolvendo sua consciência diante da variação linguística.

## 1.2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ao longo dos anos, pesquisadores, linguistas e especialistas na área têm-se debruçado sobre os estudos da língua e da sociedade diante do comportamento variável da fala, mostrando que a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.

Diante disso, os PCN (BRASIL, 1998, p.5) enfatizam que “não há linguagem no vazio”. Como no parágrafo anterior, reafirmamos que o objetivo da linguagem está na interação e comunicação com o outro, a língua é um produto humano e dentro de um espaço social determina e organiza os dados e experiências comuns dos membros de diversas comunidades linguísticas.

A diversidade nos falares expressos por pessoas, comunidades, grupos sociais e seus comportamentos impulsionam a necessidade em compreender as razões que influenciam essas variações. Ao longo deste estudo, damos uma atenção especial no que diz respeito aos conceitos sociolinguísticos em sala de aula, principalmente no ensino da fala e da escrita dos alunos, pois o conhecimento da linguagem oral e escrita é a porta de entrada para uma participação social com mais sucesso.

O sistema educacional brasileiro vem sofrendo mudanças gradativas com relação ao ensino da língua materna. O Brasil é marcado pela pluralidade linguística, cultural, social e econômica; embora a Língua Portuguesa seja a língua oficial e falada em todo o território nacional, a escola ainda não reconhece a realidade heterogênea da língua, atentando-se para

um ensino tradicional e gramatical, trabalhando a norma culta como a única possibilidade de acerto e excluindo as demais variantes.

Não deve a escola escolher essa ou aquela perspectiva teórica e metodológica de ensino, mas sim uma educação que aborda a linguagem dentro do seu contexto teórico, ou seja, a melhor forma é levar o aluno a assimilar, observar, adequar e exercitar todas as formas de comunicação. Isso significa que ele deve ser capaz de refletir a respeito da língua em uso e suas constantes variações sejam elas oral ou escrita, levando-o a perceber a diversidade existente na língua.

Comunicar-se, ter acesso à informação, formular ideias, expor opiniões e produzir conhecimento são as várias atividades discursivas que a linguagem permite ao que dela sabe fazer uso, sendo assim cabe à escola a função de ensinar a norma culta da língua para que todos os direitos de acesso sejam dados a esses alunos, porém é função da escola também ensinar que existem níveis de linguagens e valorizar as escolhas linguísticas do falante, ensinando-os a adequá-las aos diferentes contextos de uso.

Os PCN (BRASIL, 1998, p.19) enfatizam a importância de possibilitar “o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística”. De acordo com esses parâmetros, quando a escola desenvolve essas habilidades em seus alunos, mostra-nos que essas práticas são as condições de possibilidade de plena participação social.

A escola é norteada para um ensino da língua da cultura dominante e tudo que se afasta desse código não é bem visto na educação. Diante disso, como fica a escola? Podemos corrigir nossos alunos? Como corrigir?

No que diz respeito ao ensino da língua materna, é função da escola ensinar a norma culta da língua, pois por meio dela o aluno pode participar ativamente da sociedade em seus diferentes contextos. “Qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino” BORTONI-RICARDO (2005). Quanto ao que diz respeito à correção, é preciso, antes de tudo, conhecer as características linguísticas desses alunos, o professor precisa reconhecer que existe uma diversidade linguística que vem de ordem social, política e econômica que influencia diretamente no discurso do falante.

Uma das contribuições da Sociolinguística para a sala de aula está em mostrar que a língua é viva e pode ser utilizada em situações, formas e estilos diferenciados de acordo com o contexto social em que se insere.

O ensino com característica reflexiva quanto ao uso da língua, leva o educando a compreender que, de acordo com o tipo de fala, deve-se adequar também a linguagem, que pode variar conforme a vida social do falante.

A Língua Portuguesa, está relacionada às variedades. Mesmo que no Brasil haja uma unidade linguística e apenas uma língua nacional, há diferenças na pronúncia, na construção morfológica e sintática, dentre outras diferenças que variam de acordo com as regiões, cultura, idade e outras, que nos levam a reconhecer que a língua é heterogênea e variável e cabe à escola ensinar esses conceitos.

Por essa razão, o aprendizado do Português mantém uma convergência com o aspecto da vida social que está na heterogeneidade da língua, sendo esta uma definição clara dos principais conceitos da Sociolinguística. Outra razão importante é mostrar que a língua sofre profunda transformação tendo em vista o perfil socioeconômico e cultura e da população que frequenta as escolas públicas brasileiras, seja para ensinar ou para aprender.

Portanto, por meio de um trabalho pedagógico e sistemático, pode-se possibilitar ao aluno o uso de uma linguagem oral e escrita nas mais diversas situações comunicativas com êxito em suas práticas sociais, apresentando os diferentes padrões de fala e escrita, para que seja aplicado o uso correto da norma culta da língua, mas que, ao mesmo tempo, o educando saiba adequar seus recursos expressivos às diferentes situações comunicativas.

### 1.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A linguagem está presente em todos os aspectos de convivência social e fazemos uso constantemente dela para nos comunicar e interagir em sociedade, onde existem vários tipos de discurso utilizados por todas as camadas sociais, que interferem na vida social das pessoas. A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais, mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social atribuído aos diferentes modos de falar. Os sociolinguistas enfatizam sempre que não existe falante de estilo único; todo e qualquer indivíduo varia, monitora mais ou menos seu comportamento verbal.

A Sociolinguística conceitua a variedade linguística como os muitos “modos de falar”, ou seja, existem diferentes modos de falar que se correlacionam com fatores sociais, como: de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução etc.

Partiremos desses fatores que influenciam a diversidade existente na língua para relacioná-la ao falante que dela se utiliza e que muitas vezes é estigmatizado por seu modo de falar.

Com isso, tem-se também uma forte tendência em lutar contra as mais diversas formas de preconceito, tais como: racial, de idade, sexo, de cultura, dentre outros. Há inclusive o preconceito linguístico, resultado de uma intolerância e desconhecimento de muitas pessoas em nossa sociedade.

Com base nos PCN (BRASIL, 1998, p.9), a escola necessita promover “o conhecimento, a análise e o confronto de opiniões sobre as diferentes manifestações da linguagem, deve levar o aluno a respeitá-las e preservá-las como construções simbólicas e representações da diversidade social e histórica”, sendo assim, o ensino da língua conscientiza o aluno de que é por meio dela que obtemos o conhecimento das diversas culturas, etnias e identidades valiosas que permite a criação de elos entre elas.

O preconceito regido pela ignorância faz parte de uma realidade negativa também nas áreas da linguagem, que vai desde os aspectos de ensino e aprendizagem em sala de aula até a exclusão social de um indivíduo, que, por sentir-se estigmatizado, não vê alternativa a não ser desistir de lutar por seus ideais e de novos conhecimentos que o levem ao exercício pleno da cidadania. Aquele que aprende a compreender a linguagem como interação social amplia o reconhecimento do outro por si próprio, aproximando-se cada vez mais do entendimento das várias manifestações linguísticas e, assim, poderá reconhecer a sua linguagem como legítima, sem desmerecer as demais, na tentativa de minimizar práticas preconceituosas com relação à linguagem.

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas deve ser enfrentado na escola como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Essa missão que a escola enfrenta deve ser combatida, progressivamente, tornando o aluno capaz de conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico, reafirmando sua identidade pessoal e social.

Ações preconceituosas e injustiça social prejudicam a educação no Brasil. Isso é detectado quando analisamos que este é o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. Com essas graves diferenças sociais, percebemos a linguística dos falantes das variedades coloquial e culta da língua, sendo que esta geralmente é expressa por falantes que têm um grau maior de escolarização.

Como a educação ainda um privilégio de poucos em nosso país, notamos a diferença entre os falantes que utilizam a variedade padrão da língua e a realidade de muitos



brasileiros sem estudos, sem ideais e estigmatizados pela sociedade com um *status* social maior, a qual os discrimina constantemente. Não podemos deixar de considerar que estes indivíduos também utilizam uma variedade da língua portuguesa, no entanto não são considerados e sim desprestigiados em meio à sociedade.

Diante dessas ações preconceituosas, muitas pessoas que utilizam a variedade não padrão, tida como “norma culta” da língua, deixam de usufruir de serviços a que têm direito, por não compreenderem a linguagem empregada em diversos setores, como os públicos, por exemplo. Com isso, a cada dia o índice de evasão escolar aumenta e evidencia a necessidade de mudanças na educação quando o assunto é preconceito linguístico. Urge transformações na escola por parte dos docentes e de toda a equipe escolar, desde a Educação Básica até os cursos superiores, reconhecendo a heterogeneidade da língua.

O preconceito ocorre em diversas áreas e situações no meio social. Na EJA, é visível a entrada de alunos que sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito. Muitos deles buscam o resgate da sua vida social e a possibilidade, por meio da educação, de participarem ativamente das funções práticas da sociedade, inferindo suas ideias, colaborando com suas produções e compreendendo os aspectos relevantes que ocorrem.

Sendo assim, o combate e ações preconceituosas e que desprestigiem a identidade e cultura do indivíduo deve ser vigoroso na escola, pois nada justifica o julgamento de valores através da fala ou escrita, mas é notável que cada vez mais esse sujeito continua sendo estigmatizado. BAGNO (2003) nos diz que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação (...) passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variantes não padrão. (p.18)

Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, uma influenciando a outra. Por este motivo, o reconhecimento da diversidade linguística, em nosso país, por parte dos educadores, pode contribuir com ações pedagógicas que busquem minimizar atitudes preconceituosas e estigmatizadas dentro e fora do contexto escolar, principalmente nos cursos da EJA onde a maioria dos alunos procura as oportunidades que outrora, por diversos motivos, não pôde obter.

Todas as manifestações da linguagem são legítimas, daí a importância dos conceitos sociolinguísticos e das diversidades linguísticas que muitas vezes são determinadas por fatores sociais que não são exclusivamente de uma língua, mas sim inerente a todas.

Considerando o objetivo de atingir bons níveis de autoconsciência e qualidade no ensino e na busca de valorização do aluno da EJA, embasamos esta discussão nos argumentos do linguista BAGNO, que afirma:

Se queremos construir uma sociedade tolerante, que valorize a diversidade, uma sociedade em que as diferenças de sexo, de cor de pele, de opção religiosa, de idade, de condições físicas, de orientação sexual não sejam usadas como fator de discriminação e perseguição, temos que exigir também que as diferenças nos comportamentos linguísticos sejam respeitadas e valorizadas. (BAGNO, 2007, p.159)

Compreendemos, por meio dessas palavras de Bagno, a importância de as escolas estarem abertas para lidar com as questões que envolvem as variações existentes na língua, ensinando, conscientizando e tornando seu aluno capaz de refletir sobre o uso delas. A partir do conhecimento das diversidades da língua tanto a formal quanto a informal, a escola pode combater ações de preconceito linguístico, mesmo sabendo que essas práticas estão longe de acabar, mas é possível minimizar essas questões em sala de aula, com base em um ensino consciente e de valorização da cultura e identidade do aluno da EJA.

#### 1.4 EJA

Muitos foram os caminhos percorridos na história da educação de jovens e adultos no Brasil. Dentre eles, várias organizações e reorganizações de propostas curriculares foram feitas, destacando-se atualmente um ensino, ainda em transformações, para jovens e adultos, seguindo critérios e projetos indefinidos que prejudicam educando e educador no processo de ensino e aprendizagem.

No Brasil, embora ainda seja considerada marginalizada, a EJA tem um importante papel social: possibilitar o acesso ou o retorno aos estudos àqueles que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade própria.

Nesse sentido, cabe destacar que essa modalidade de ensino em nada pode desmerecer quanto ao nível de conhecimento básico para a formação do cidadão, em síntese, mesmo tendo um tempo diferenciado do currículo de EJA, em relação ao currículo do ensino médio regular, não significa tratar o conteúdo de forma precária e, sim, abordá-lo integralmente. Diante da realidade das escolas brasileiras, sabemos que em nosso país não se

pode falar no ensino médio, mas nos ensinos médios, posto que vivemos numa sociedade que não é justa quando se compara o índice de analfabetos e analfabetos funcionais.

Os desafios na educação brasileira permanecem ao longo dos anos, atualmente notamos em pesquisas que os alunos abandonam cada vez mais cedo à escola. Vejamos na tabela seguinte o que nos mostram os indicadores sociais no quadro geral do ensino médio e também da realidade de matrículas da EJA.

TABELA I – Comparação de matrículas por modalidade de Ensino Médio - Brasil, 2011 e 2012

Modalidades de Ensino Médio	Matrículas / Ano			
	2011	2012	Diferença 2011-2012	Variação 2011-2012
Ensino Médio	8.400.689	8.376.852	-23.837	-0,3
Ensino Médio Regular	7.978.224	7.944.741	-33.483	-0,4
Ensino Médio Normal / Magistério	164.752	133.566	-31.186	-18,9
Ensino Médio Integrado <sup>2</sup>	257.713	298.545	40.832	15,8
Ensino Médio EJA	1.322.422	1.309.871	-12.551	-0,95
Ensino Médio Integrado EJA	41.971	35.993	-5.978	-1,4
Ensino Médio TOTAL	9.763.102	9.739.716	9.739.716	-0,24

FONTE: Adaptado do Censo Escolar 2011-2012.

A escola pública detém a maioria de matrículas, segundo o Censo Escolar 2010 (BRASIL, 2011), praticamente 7 milhões estão na esfera pública. Podemos verificar na Tabela (1) que o ensino médio, também oferecido na modalidade EJA, tem aproximadamente 1,4 milhão, sendo que quase todas as matrículas são oferecidas pela esfera pública.

Entretanto, tanto no ensino médio regular quanto na modalidade EJA, houve uma diminuição de matrículas em 2012. Esses dados ressaltam os desafios encontrados na educação brasileira, no caso tratamos da educação de jovens e adultos, mostrando que a nossa responsabilidade aumenta na tentativa de oferecer um ensino de qualidade em toda a educação básica e modalidades de ensino.

Para melhor entendermos o que representa a EJA na educação brasileira, tomamos como ponto de partida as reflexões a seguir, no caso uma rápida retomada da origem dessa modalidade de ensino em nosso país.

EJA atualmente é vista por muitos como forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar na infância ou aqueles que, por algum motivo, tiveram que abandonar

a escola, cujo percurso foi marcado por constantes alterações em seu projeto, passando por caminhos e descaminhos ao longo dos anos.

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil passou por diversos momentos, sendo estes: “Fundação Mobral (1967-1985), Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos – Fundação Educar (1986-1990) e Programa Brasil Alfabetizado (2003-atual)” (SZUKI, 2009, p.16).

Fundação Mobral (1967-1985), criada no período da Ditadura Militar, foi um movimento que surgiu com muita força e recursos, buscando atender às necessidades do Estado autoritário. Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos – Fundação Educar (1986-1990) substituiu o Mobral e desempenhou um papel de destaque na atuação do Ministério da Educação, nos movimentos sociais e populares. Em 1990, sendo o ano “Internacional da Educação”, aconteceu o contrário. O governo aboliu a Fundação Educar e não criou nenhuma outra instância que assumisse suas funções. Em 2002, foi criado o Programa Brasil Alfabetizado e das ações de continuidade da EJA.

A busca pela ampliação do atendimento à escolarização da população jovem e adulta pelos sistemas estaduais se vincula às conquistas legais referendadas pela Constituição Federal de 1988, na qual a educação de jovens e adultos passa a ser reconhecida enquanto modalidade específica da educação básica, estabelecendo-se o direito à educação gratuita para todos os indivíduos, inclusive aos que a ela não tiveram a oportunidade na idade própria.

Por tantos caminhos e descaminhos na trajetória da EJA, ainda há uma dívida social não reparada para com aqueles que não puderam concluir seus estudos em tempo e idade hábil. Existe a necessidade de formar profissionais preparados especificamente para o trabalho com esse segmento da educação, uma vez que são alunos que necessitam de metodologias diferenciadas de ensino, buscando a qualidade na aprendizagem.

O termo “Educação de Jovens e Adultos” indica que o direito à educação de qualidade é de todos e assegurado por lei também para aqueles que não puderam concluir os estudos garantidos pela Constituição Federal do Brasil de 1988 em seu art.208. A LDB/9394, art. 37, reafirma esses direitos conferindo aos municípios a responsabilidade em “assegurar gratuidade aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular”, isso considerando oportunidades apropriadas aos estudantes, características, condições de vida e de trabalho. Ou seja, cabe a esses sistemas de ensino viabilizar e estimular o acesso e a permanência desses alunos na escola.

Além de assegurar-lhes a vaga na escola, o ambiente escolar deve envolvê-los na busca do exercício da sua cidadania, possibilitando-lhes novas perspectivas de vida por meio

do conhecimento que lhes é de direito e inegável. De acordo com os PCN, cabe à escola mostrar a esses alunos que é por meio da educação que eles poderão, em suas práticas sociais:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (BRASIL, 1998, p.7)

Os indicadores apresentados na Tabela (1) são muito importantes na medida em que expressam a realidade educacional de nosso país, ressaltando a importante missão de não apenas garantir a vaga a esses estudantes, mas também de possibilitar a eles a permanência na escola, buscando assim seus direitos.

A EJA é uma educação que parte do desafio, da reflexão diante do caminho a seguir, isso significa que deve partir da inclusão verdadeira desses indivíduos por meio de um ensino e aprendizagem significativos, com profissionais capacitados para trabalharem com essa modalidade de ensino na busca constante de valorização do sujeito, tornando-o participante e ativo na sociedade em que vive.

Conhecendo, assim, o sujeito da Educação de Jovens e Adultos, a função do professor, segundo Carmem Eiterer e Maria Pereira (2009), não é confrontá-lo, mas levá-lo a ser alguém interpretativo e crítico, uma pessoa que saiba pensar por si mesmo. Há necessidade de tratar o aluno da EJA como alguém que precisa, além de decodificar as letras, de “letramento”, ou seja, saber ler, escrever e interpretar o que leu e/ou escreveu. A escola deve propiciar um ensino interessante ao aluno da EJA, pois este vem do trabalho e ainda tem suas responsabilidades em casa, e quer aprender algo envolvido no seu mundo, ou seja, estudar a partir do assunto que o rodeia.

Contudo, a educação brasileira precisa restaurar este amplo direito aos alunos da EJA: “uma escola de qualidade”, que busque sempre o reconhecimento de valores sociais, que garantam a igualdade de direitos diante das várias manifestações sociais, priorizando sempre o acesso à educação, a superação da discriminação da idade, o resgate ético e social, a constituição da identidade, o direito do saber e, principalmente, o direito ao exercício pleno da cidadania.

## 1.5 CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA

Apesar dos estudos e avanços significativos nas últimas décadas com relação à heterogeneidade linguística e o ensino da Língua Portuguesa, o tema ainda está longe de se esgotar. Mesmo com o empenho de pesquisadores e especialistas do cunho variacionista, no que diz respeito às contribuições da Sociolinguística para o ensino da Língua Portuguesa, muito trabalho está por vir para a aceitabilidade dessas teorias nas escolas e principalmente nas salas de aulas.

Nas perspectivas de William Labov, os estudos sistemáticos da língua em uso devem ser ligados diretamente nas comunidades de fala, possibilitando propostas de ensino que visem à ampliação da competência linguística do aluno. Diante do exposto ao longo deste estudo, podemos notar que as perspectivas sociolinguísticas têm muito a acrescentar nas aulas da EJA, na medida em que os alunos forem conhecendo e adquirindo competências e habilidades no uso da sua língua materna, podem ampliar seu papel social diante dos fatos linguísticos que ocorrem no contexto da sociedade.

A EJA é uma modalidade de ensino que requer metodologias diferenciadas, por isso os conceitos devem valorizar o ensino da Língua Portuguesa diante das diversidades linguísticas, uma vez que esses alunos são provenientes de culturas, ideologias e identidades diferenciadas, comparando-os a alunos do ensino regular, por exemplo.

Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística propostos por Labov desencadeiam metodologias de ensino da língua no contexto real e social da comunidade, podendo então esses conceitos melhorar a aprendizagem dos alunos da EJA, pois podem aprender as áreas da fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e seu uso adequado diante dos cursos, avaliações, concursos públicos, enfim, a esses alunos pode ser dado o direito de aprenderem a gramática normativa sem desprestigiar sua origem, cultura e identidade que se manifestam na fala, que é única e exclusiva de cada um.

A Sociolinguística não exclui a necessidade do ensino da norma culta da língua e da gramática, pois estes conhecimentos são de suma importância para o crescimento e interação do aluno proveniente do curso da EJA, em suas funções práticas na sociedade. As contribuições dessa teoria para o ensino da Língua Portuguesa estão na abordagem da heterogeneidade linguística, das diferenças existentes na língua por causa das vivências de cada indivíduo, que são diversas.

Diante das perspectivas da Sociolinguística para com o ensino do nosso idioma, os professores e alunos da EJA necessitam conhecer a diversidade linguística em nosso país e compreenderem que ambas, linguística e gramática normativa, podem andar juntas durante o processo de aprendizagem da língua, partindo de um conhecimento sobre o uso adequado de cada uma, refletindo sobre a língua em uso no seu processo amplo e simples de comunicação.

“A variação linguística não ocorre somente no modo de falar das diferentes comunidades, dos grupos sociais, quando a gente compara uns com os outros. Ela também se mostra no comportamento linguístico de cada indivíduo, de cada falante da língua. Nós variamos o nosso modo de fala, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, conforme a situação de interação em que nos encontramos.” BAGNO (2007 p. 44-45)

De acordo com as escolhas de cada indivíduo, existem várias possibilidades linguísticas, as pessoas não falam do mesmo modo, elas alteram o discurso de acordo com seu interesse, ou seja, durante o ensino da Língua Portuguesa para jovens e adultos, o professor deve demonstrar o dinamismo existente entre elas e sua constante evolução, partindo da escolha para o adequado e inadequado, eliminando o conceito de “certo” ou “errado” para o uso da Língua Portuguesa.

Enfatizamos que compreender as variedades linguísticas não é tarefa fácil, requer estudos, pesquisas, conhecimento e boa vontade. Contudo, é necessário buscar essa compreensão e investir na formação de professores, não só de Língua Portuguesa, mas de todas as demais disciplinas, no sentido de orientá-los para que sua prática de ensino seja pautada no respeito à diversidade dos seus alunos para, assim, minimizar o preconceito linguístico, que ao longo de décadas vem sendo um dos fatores responsáveis pelo fracasso e evasão escolar.

A caminhada é longa e passível de constantes transformações, mesmo porque a linguagem evolui assim como a humanidade, porém o mais importante está em uma escola aberta a novas tecnologias e metodologias que contribuam para o crescimento na aprendizagem dos seus alunos e, conseqüentemente, no preparo mais efetivo do seu corpo docente no que diz respeito a métodos e práticas de ensino diversificado.

## 1.6 GÊNEROS TEXTUAIS

A escola tem uma tarefa complexa no que diz respeito às questões linguísticas. Ao mesmo tempo em que ela deve organizar metodologias atuais e diversificadas de ensino, precisa também lidar com o respeito aos conhecimentos prévios dos alunos e as suas especificidades. Com a preocupação diante das dificuldades de produção e interpretação textual deles, apresentamos neste estudo a importância do ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais.

Um dos questionamentos mais comuns durante um planejamento de aula do professor da EJA é: Como ensinar a Língua Portuguesa respeitando a diversidade linguística dos alunos? Como ensinar a norma culta da língua sem desprestigiar as variantes próprias de cada aluno? A partir desses questionamentos, o presente estudo busca possibilidades de um ensino do Português para alunos da EJA com métodos contextualizados por meio dos gêneros textuais.

De acordo com PERINE (1976), “o ensino da Língua Portuguesa deve ser contextualizado, partindo da reflexão sobre as variações linguísticas” compreendendo se o uso é apropriado ou não, deixando o julgamento inapropriado do “certo” ou “errado”.

Para auxílio e nortear essas práticas dos professores, tem-se os PCN, que vão ao encontro das necessidades reais enquanto ensino da língua diante das diversidades de discursos. Segundo os parâmetros (BRASIL, 1998, p.24) dizem:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem<sup>1</sup>.

Para tanto, o aluno deve compreender que a língua passa por transformações constantemente e que cada indivíduo traz consigo uma bagagem dialetal. Por esse motivo, existe a necessidade de se trabalhar a linguagem e seu funcionamento em um contexto real e

---

<sup>1</sup> Por usos públicos da linguagem entendem-se aqueles que implicam interlocutores desconhecidos que nem sempre compartilham sistemas de referência, em que as interações normalmente ocorrem à distância (no tempo e no espaço), e em que há o privilégio da modalidade escrita da linguagem. Dessa forma, exigem, por parte do enunciador, um maior controle para dominar as convenções que regulam e definem seu sentido institucional.



significativo com alunos da EJA. O professor, ao trabalhar com os diferentes portadores de texto, ampliará o vocabulário e o repertório linguístico dos alunos por meio da leitura.

Os gêneros textuais são meios utilizados para a efetivação da comunicação verbal, com uma metodologia que possibilita o uso de recursos variados de textos, podendo melhorar a aprendizagem da norma culta da língua. A utilização dos vários tipos de textos em sala de aula propicia a participação do aluno na construção de sentido. É importante ressaltar que essas metodologias não estão na função de corrigir o aluno, mas sim adequar à linguagem, tornando-a eficaz nas diferentes situações comunicativas.

“A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual a forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por quem se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido.” (BRASIL, 1997, p.26)

É importante refletir sobre as práticas pedagógicas durante o ensino da língua, principalmente quando esses métodos de ensino são para alunos da EJA, os quais devem ser diferenciados e que atendam às necessidades de cada indivíduo que há anos não frequenta uma escola. Esse aluno da EJA busca, por meio da escola, sua autonomia nas funções básicas da sociedade, como ir ao supermercado, organizar uma lista de compras, ler uma bula de remédio, fazer uma receita de bolo, enviar um e-mail, utilizar o telefone, enfim, as práticas que permeiam o contexto social.

Portanto, o trabalho com os gêneros textuais poderá propiciar a interação desses indivíduos por intermédio da língua, elaborando formas mais ou menos instáveis de discursos. Os gêneros textuais são dinâmicos e esse dinamismo proporciona a interação nas diversas atividades socioculturais, bem como as inovações tecnológicas, considerando o fato de que, o acesso à tecnologia, cada vez está mais modernizada, possibilita uma enorme quantidade de gêneros como: a televisão, o computador, o rádio, etc. que contribuem com a comunicação oral e escrita do aluno.

É fundamental trabalhar textos variados em sala de aula, pois uma das maiores dificuldades está na comunicação oral e escrita devido à idade do aluno da EJA, que poderá ampliar seu conhecimento linguístico e a consciência crítica de si e do mundo.

Em sala de aula, a linguagem deve ser trabalhada de forma objetiva e também nas entrelinhas, para desvendar seus significados. A produção escrita é mais difícil, mas, quando os educandos estão se expressando oralmente, isso acontece naturalmente. É importante o professor explorar com seus alunos os tipos e gêneros textuais que fazem parte do cotidiano deles para que possam compreender que o texto é construído nos momentos de comunicação escrita ou oral.

Através da experiência e partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, o professor conseguirá levá-los à compreensão do uso da linguagem em seus diferentes níveis, ampliando, assim, seus conhecimentos e possibilitando a interação desse indivíduo nos diferentes contextos comunicativos.

### 1.7 ENSINO DO PORTUGUÊS POR MEIO DE GÊNEROS TEXTUAIS

A linguagem, seja ela oral ou escrita, deve ser entendida como um processo de atividade social interativa que precisa ser ensinada e aprendida, partindo de estratégias diferenciadas e se utilizando dos diferentes recursos. Para auxiliar o ensino e aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa na EJA, sugere-se, por meio deste estudo, a utilização dos gêneros textuais como uma estratégia de ensino através da qual o aluno poderá ampliar seu conhecimento textual, assimilando não só a língua escrita e a gramática, mas também se preocupando com a linguagem oral e sua utilização nos diferentes contextos de emprego da linguagem.

O ensino do Português por meio dos gêneros textuais proporciona aos alunos um conhecimento mais amplo, melhorando sua capacidade de produção escrita, possibilitando-lhes relacionar seus textos com atividades do cotidiano.

Essa metodologia aumenta a capacidade de interação do sujeito com seu contexto real e significativo, contribuindo para seu desenvolvimento oral e escrito também nas áreas em que atuam fora da escola, como: no trabalho, em avaliações externas, entrevistas de empregos, conversas informais, dentre outras.

A proposta está em trabalhar a gramática nas aulas de Português, partindo de uma perspectiva diversificada, não apenas pautada no livro didático, mas também aproximando o estudante da EJA do contexto formal da língua e que possa compreender por meio dos gêneros textuais, o significado e funcionamento real da língua em uso.

Os PCN norteiam o ensino da língua com base na seguinte proposta:

A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua. (BRASIL, 2000, p. 22)

O desenvolvimento do aluno depende das estratégias de ensino do professor; a partir de textos, aquele pode gerar intertextos cada vez mais diversificados que assumem sentidos diferentes no meio social.

Segundo Martins (1997), “o texto é o próprio enunciado constituído pelo significante ou sistema de signos que remetem a um significado ou conteúdo.” Com base nessa perspectiva teórica, deve-se mostrar para os alunos que ao nosso redor tudo é texto, tudo é linguagem, cada símbolo, cada placa à nossa volta tem uma mensagem por trás que vai além do aparente.

É necessário que o professor diversifique as aulas, levando ao conhecimento dos estudantes textos atualizados e interessantes que envolvam o cotidiano deles, mostrando que é possível relacionarem o que se lê com suas ideologias perante a sociedade. Analisando as práticas diárias, percebemos que é de fundamental importância trabalhar com os gêneros textuais, porque comunicar-se tanto oralmente quanto através da escrita tem algumas especificidades e formalidades, sendo de fundamental importância nas relações sociais.

A escola contribui também para a construção de uma identidade própria e valorização da EJA, como um espaço de direito do sujeito. Para muitos, ainda existe a ideia equivocada de que basta dar os conteúdos de forma superficial para “resgatar”, assim, a escolaridade perdida.

Para PINTO (1993, p.81), “A sociedade se apressa em educá-los não para criar uma participação, já existente mas para permitir que esta se faça em níveis culturais mais altos e mais identificados; cumprindo o que julga um dever moral”, quando na verdade sabemos que tais exigências só servem para cumprir padrões econômicos, a EJA não pode ser vista como um esforço, mas como um despertar da necessidade de compreensão e reflexão do contexto social.

As metodologias sugeridas ao longo deste estudo são desafiadoras e requerem que o educador prepare-se constantemente para a aplicação em sala de aula, entretanto são métodos que permitem um maior aprendizado de todas as variações existentes na língua e possibilitam uma maior receptividade dos alunos na construção do conhecimento.

Tal afirmação só se torna possível por meio de um trabalho sistemático do professor em sala de aula, em que o ensino da Língua Portuguesa para alunos da EJA possa partir de recursos linguísticos variados em atividades contextualizadas e aplicáveis ao contexto significativo em que estiverem inseridos.

Dessa forma, consciente e responsável, o aluno poderá realizar escolhas adequadas tanto na fala quanto na escrita, olhando para o texto de forma crítica e ampliando seus significados para além das palavras escritas, criando com o texto e pelo texto sentidos próprios e do outro, considerando as diversidades da língua para produzirem os próprios textos.

Concordamos com as palavras de Bechara quando afirma que professor, durante o ensino da língua materna, possui um importante papel. O autor enfatiza que a missão do professor está em “transformar seu aluno num poliglota dentro da sua própria língua” (BECHARA, 1993, p. 40), isso significa que a missão vai além do ensino de uma única regra, este ensino precisa promover o conhecimento e o uso das diversidades existentes na Língua Portuguesa e ao mesmo tempo levar o aluno a refletir sobre a escolha da língua funcional adequada para cada momento de criação.

## 2. METODOLOGIA

*“[...] Depois de reescrever os textos do jornal eu entendi porque eles estavam errados, ou, quer dizer, não é errado, mas sim inadequado para aquele momento, mas, em outro momento, poderia sim estar adequado. Sinto agora mais segurança no meu trabalho e meu chefe quer que eu estude mais para fazer faculdade.” (E.11/08/13. Aluno EJA)*

Neste momento, o trabalho é apresentado por etapas. A primeira narra minha história de vida como aluna da EJA e relato minha vivência como estudante dessa modalidade de ensino, justificando, assim, a escolha do tema desta pesquisa. Em seguida, aparece a escola, contextualizando-se o ambiente em que obtivemos a coleta dos dados para este estudo. Depois, há a proposta do jornal e relaciono com as metodologias e o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, bem como os instrumentos utilizados. Na quarta etapa, apresento a série e a turma em estudo. Na sequência, tratamos da pesquisa em Sociolinguística, apresentando seus métodos e procedimentos para pesquisa. A etapa seguinte correlaciona o tipo de pesquisa que se enquadra na pesquisa, qualitativa e estudo de caso. O próximo passo deste capítulo apresenta os entrevistados, com perfil individual dos alunos participantes da pesquisa e apresentamos, ainda, a coleta de dados, bem como as metodologias utilizadas. Por fim, na nona etapa deste estudo, destacam-se os procedimentos de análise dos dados e a transcrição.

### 2.1 MINHA VIVÊNCIA NA EJA

Atualmente atuo na Coordenação de Língua Portuguesa de uma escola pública pólo na EJA ministrando também aulas para essa modalidade. Por esta razão, tenho a certeza de que essa é a profissão em que atuo por vocação. A EJA é um curso procurado por pessoas que, por muito tempo, não puderam concluir seus estudos devido a inúmeros motivos, e também aqueles que só neste momento tiveram a oportunidade de estudar.

Esse é um curso frequentado por pessoas marcadas pela fragilidade da vida, estigmatizadas pela sociedade e que buscam resgatar seus sonhos, outrora deixados para trás. Esses alunos traçam novos objetivos, mesmo sabendo que os obstáculos serão grandes.

Tenho um enorme respeito para com os meus alunos, adquirido por experiência própria do quão árduo é o caminho percorrido por alunos da EJA na busca de novos conhecimentos.

Posso dizer com orgulho que fui aluna da EJA, estudei até a metade do ensino médio no curso regular de uma escola pública de Campo Grande – MS. Sempre gostei dos estudos e obtive boas notas, mas na fase da juventude fez com que eu abandonasse os estudos à busca de um emprego que pudesse proporcionar-me uma vida melhor, de certa forma, “*status*” financeiro. Enganei-me, fui trabalhar e abandonei os estudos.

Durante algum tempo, insisti na ideia de que trabalhar era a melhor opção e não percebia que as melhores oportunidades profissionais e de salários são para pessoas com um grau de escolaridade maior. Graças a uma boa formação familiar, com base na reflexão sobre nossos atos, percebi que havia cometido um erro enorme em abandonar a escola, no entanto sempre acreditei que poderia me arrepender e traçar novos caminhos.

Como em várias situações da minha vida, decidi buscar novos objetivos. Naquele momento, voltei a estudar, resgatando a autoestima. Com o apoio de minha família, pois os empecilhos eram muitos e com realidades diferentes das que tinha em anos anteriores, realizei a matrícula no curso do antigo supletivo.

Minha vivência na EJA foi marcada por momentos de grandes desafios, por mais que tentasse aprender os conteúdos, sentia muita dificuldade em administrar o tempo diante da quantidade de matérias e conteúdos que deveria estudar. Essa é uma das maiores dificuldades dos alunos da EJA, pois, em vários momentos, sentimos o desamparo por parte da escola e dos professores em compreenderem nossas limitações durante as aulas. O professor que leciona na EJA precisa de dinamismo, mas também de um grande respeito às diferenças de idade e história de vida de cada aluno que ali está.

Logo conclui meus estudos; por ser jovem, tinha disposição para administrar meu tempo, entretanto percebia que, com os outros colegas de mais idade, o tempo de duração do curso era maior e desmotivador, daí a necessidade do olhar atento do professor para as diferenças. Ao planejar sua aula, que possa motivar o aluno à busca do conhecimento e incentivá-lo a permanecer mesmo que pareça difícil naquele momento. O professor da EJA necessita atentar-se para realizar um trabalho de inclusão social por meio da aprendizagem e

estar disposto a refletir suas práticas pedagógicas na sala de aula constantemente, organizando e reorganizando seu fazer pedagógico.

Após o término do ensino médio, consegui um emprego melhor, como vendedora, o salário não era tão bom, mas a minha autoestima era outra, tinha a sensação de estar renovada pelo simples fato de estudar, poder conversar e me relacionar melhor no trabalho, o que me proporcionava um desenvolvimento ainda maior como profissional e também em minha vida pessoal.

O tempo passou e me casei aos dezenove anos, depois de algum tempo decidi constituir uma família e aos vinte anos tive meu primeiro filho. Desde criança gostei de estudar e dava aulas de reforço escolar no bairro em que morava, mas depois do casamento e com meu filho ainda pequeno, tive que parar de trabalhar.

Com o passar do tempo, percebia estar em uma situação desesperadora para com meu primeiro filho. Como poderei dar um futuro melhor a ele sem estudar? Como poderei cobrar dele a importância dos estudos sem que eu mesma o tivesse feito? Como seria exemplo?

Devido a isso e com o incentivo mais uma vez decisivo de minha família, decidi cursar uma faculdade. Ter um currículo com nível superior era meu sonho naquele momento e, graças ao curso da EJA, pude concluir o ensino médio. Tudo isso me possibilitou tentar o vestibular e, como não poderia ser diferente, escolhi o curso de Letras, realizando meu sonho e tornei-me professora.

Durante muito tempo acreditava ser impossível terminar meus estudos sem deixar de cuidar da minha família, no entanto percebi que é possível realizar nossos sonhos mesmo que naquele momento pareçam impossíveis. Ter o envolvimento e apoio da família é fundamental para o aluno da EJA, mas isso não é o suficiente para que ele atinja seus objetivos.

É imprescindível a participação de todos, família, escola, professores e comunidade; envolver-se com a educação de um modo amplo e participativo, exigindo seus direitos de uma escola aberta e disposta a atender sem limitação aos diferentes grupos sociais, desde a educação básica até os cursos da EJA, onde muitos alunos assim como “eu” buscam sonhos interiorizados há anos.

Como professora da EJA, costumo dizer aos meus alunos que sempre há tempo; tempo de plantar e tempo de colher, se estão dispostos a estudar naquele momento, então o tempo é agora e devem agarrar as oportunidades de refazerem seus sonhos adormecidos, mas vivos dentro de cada um. E acreditem! A minha realização e satisfação é quando recebo a

notícia de que conseguiram realizar seus desejos, seus sonhos e estão felizes. Isso torna o meu fazer pedagógico suficiente e me proporciona a sensação de dever cumprido.

## 2.2 PESQUISA EM SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística tem sido uma área de ampla investigação nos últimos anos, muitas pesquisas científicas se desenvolvem evidenciando que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra.

O iniciador desse modelo teórico – metodológico é o americano William Labov, que, com o passar dos anos, inspirou novas pesquisas e teorias. Nesse sentido, chamam-se de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um meio de interação da comunicação e expressão com o meio dos indivíduos. Foi William Labov que insistiu e impulsionou novas pesquisas em Sociolinguística, partindo do pressuposto de que língua e sociedade são ligadas entre si.

A pesquisa em Sociolinguística se dá por uma enorme quantidade de dados. De acordo com TARALLO (1999, p. 20), “como o modelo é de natureza quantitativa, a ela será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão”, ou seja, para alcançar resultados quantitativos, estatisticamente significativos, precisa-se de um vasto material de análise.

Diferentemente de outras correntes linguísticas, o variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente. O pesquisador deve, pois, desprezar a tentação de confiar em sua intuição e basear-se em exemplos construídos por ele próprio para, em vez disso, colher uma boa soma de dados numa comunidade. MONTEIRO (2002, p. 83)

Sendo uma ciência social, a opção pela pesquisa em Sociolinguística depende do material coletado (dados), da observação e do comportamento do homem. O investigador deve estar preparado para todos os passos da pesquisa e conhecer uma série de princípios, como:

a) *o vernacular* – sendo o principal foco em pesquisa Sociolinguística, ele refere-se à naturalidade de fala ou mínima atenção prestada ao uso da língua pelo falante;



b) *o da uniformidade* – nega a oposição entre linguística sincrônica e diacrônica, buscando criar um modelo dinâmico da língua em uso.

c) *da mudança de estilo* - evidencia a importância de o investigador estar atento aos problemas decorrentes da situação de entrevista que possam interferir no grau de espontaneidade da fala.

d) *o da formalidade* - assinala que o linguista deve ter o maior cuidado ao deparar-se com alguns problemas durante a coleta de dados numa entrevista, pois o informante, nessa ocasião, usa a língua com mais atenção.

Muitos são os caminhos que deve percorrer um investigador antes de iniciar sua pesquisa. Para não correr riscos com possíveis problemas durante a pesquisa, ele deve atentar-se para questões preliminares que o levarão a começar seu trabalho de investigação sem encontrar fatos que possam invalidar sua pesquisa. São as seguintes questões:

“Qual o tipo de comunidade de fala”? Que dialetos existem e quais interessam ao pesquisador? Quais as fronteiras que delimitam essa comunidade? Quais as características dessa comunidade? É rural, urbana, industrializada? Quantos informantes serão necessários para a composição da amostra? Como entrar em contato com os informantes? TARALLO (1999, p. 84)

Essas são, dentre inúmeras perguntas, aquelas que exigem que as entrevistas sejam gravadas depois de um minucioso trabalho de preparação para que o *corpus* da pesquisa seja estudado.

Portanto, o pesquisador deverá aparecer como um cliente que procura por um determinado objeto, estabelecendo uma relação espontânea e simples entre entrevistado e pesquisador, agindo sempre com cautela, reduzindo ao máximo interferências durante a entrevista, no sentido de que os dados coletados sejam realmente confiáveis.

### 2.3 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa se enquadra nas características qualitativa e estudo de caso, pois as reflexões dos alunos da EJA, sobre suas dificuldades durante o ensino da Língua Portuguesa são investigadas no seu contexto natural, não existindo nesta pesquisa a preocupação em medir e quantificar dados.

Tem como *corpus* para análise as entrevistas realizadas com cinco alunos da EJA. Segundo TELLES (2002), “o estudo de caso é utilizado quando se deseja focar um determinado evento”, a razão da escolha por esta metodologia justifica-se por ser a Sociolinguística uma teoria que proporciona um cenário de investigação e análise sobre a heterogeneidade da língua diante do ensino do Português, que se destina neste estudo aos alunos da EJA.

A pesquisa ocorreu ao longo do ano, com períodos de observação das aulas, contato com as metodologias de ensino dos professores de Português, propostas e sugestões de ensino, explicações sobre conceitos e perspectivas da Sociolinguística bem como a sua contribuição para o ensino da língua, elaboração de atividades diversificadas com os gêneros textuais, elaboração do jornal, entrevistas com os alunos e análises de dados.

O estudo de caso deu-se partindo da entrevista com cinco alunos, sendo que a escolha partiu do interesse próprio de cada um em participar deste estudo por meio da entrevista. Esta pesquisa está embasada nas metodologias de TARALLO (1999) que defende o propósito do método de entrevista sociolinguística de gravador em punho, pois permite minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na situação de coleta de dados, ou seja, essa metodologia deve partir da postura séria do pesquisador em manter-se neutro diante das respostas dos entrevistados.

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com os falantes, que variam segundo a classe social, faixa etária, etnia e sexo, sendo assim, seja qual for a natureza da situação de comunicação, o tópico da conversa e o informante, o pesquisador deve neutralizar a presença do gravador e sua própria presença. O objetivo deste tipo de pesquisa é que o informante sinta que o pesquisador é um aprendiz, isso quer dizer que a postura deve ser de aprendiz interessado na comunidade de falantes e suas peculiaridades.

O papel do pesquisador-sociolinguista está em coletar:

- 1) situações naturais de comunicação linguística;
- 2) grande quantidade de material, de boa qualidade sonora;

Para atingir esses propósitos, o pesquisador deve formular roteiros de perguntas. Eles têm por objetivo uniformizar os dados dos informantes e possibilita uma maior interação, e esses roteiros podem variar de acordo com os informantes, a comunidade de fala ou até mesmo para cada indivíduo, e servem para que posteriormente o pesquisador tenha uma quantidade variada de dados, servindo para futura análise e comparações.

## 2.4 CONTEXTO DA PESQUISA: A ESCOLA

Os dados desta pesquisa foram coletados na escola Estadual Professora Brasilina Ferraz Mantero em Campo Grande-MS, onde atualmente é escola polo na Educação de Jovens e Adultos.

A unidade escolar, de um modo geral, atende há alguns anos a essa modalidade de ensino e também ao ensino médio nos períodos matutino e noturno, sendo que a EJA funciona apenas no período noturno. Muitos dos professores lecionam há alguns anos nesta escola e no curso da EJA, demonstrando experiência ao lidarem com essa clientela.

A escola atende a aproximadamente 280 alunos frequentes na EJA, no período noturno, a qual admite alunos apenas para os cursos do ensino médio, que correspondem aos 1º, 2º e 3º anos, pois não oferece alfabetização e fundamental II.

Os alunos, em sua maioria, moram no bairro e estudam nesta escola por oferecer o curso no período noturno e estarem próximos de suas residências uma vez que muitos deles trabalham o dia todo e vão direto para a escola após o término da jornada. Não há biblioteca e a estrutura física necessita de adequações, pois as salas e os ambientes de áreas comuns não comportam algumas vezes o número de alunos frequentes na escola, inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais.

Muitas foram as adequações para a divisão de salas de aula que, no total, correspondem a dez salas e uma apenas para atendimento personalizado, onde os alunos tiram dúvidas sobre os conteúdos e realizam provas.

No matutino, essa mesma sala é utilizada como sala de vídeo para os alunos do ensino médio regular. O contexto da pesquisa desenvolveu-se no período noturno por ser neste horário o funcionamento da EJA e com alunos da fase inicial, tivemos a participação de toda a turma, apenas para a entrevista foram selecionados cinco alunos para realizarmos o restante da pesquisa.

Um fator preocupante percebido ao longo da pesquisa foi a utilização dos materiais e recursos didáticos pelos professores para planejarem suas aulas. A escola não possui livros ou apostilas específicas para esta modalidade de ensino e nenhum material de apoio e suporte para professores e alunos da EJA. Chegam à escola somente livros didáticos para o curso regular do ensino médio.

Atualmente a EJA desenvolve-se por módulos, o aluno realiza as disciplinas que necessita, sendo escolhidas no momento da matrícula, sendo que, para os alunos que estiverem dispensados por meio de Enem e/ ou outras avaliações externas, realizam apenas as

disciplinas que restarem no currículo, com isso cumprem toda a carga horária e grade curricular específica. O aluno recebe o certificado de conclusão do ensino médio ao término de todas as disciplinas após verificação da equipe pedagógica.

Para facilitar o trabalho de preparação das aulas e melhorar o aprendizado dos alunos, os professores de Língua Portuguesa (neste caso observada apenas a professora da turma em estudo) necessitam preparar um material em seu planejamento, sendo reproduzido a cada aula por meio de cópias para que o aluno possa estudar em sala e fora da escola. Os demais professores e disciplinas se organizam de diversas formas com cópias e apostilas produzidas por eles mesmos durante o planejamento.

Partindo dessas observações ao longo das aulas, percebemos que o ensino na EJA, na maioria das vezes, torna-se superficial ou até mesmo insuficiente para aqueles alunos que não acompanham os conteúdos por meio de tantas cópias que requerem uma leitura dinâmica, relacionando-as aos conteúdos e explicações; principalmente para os alunos de faixa etária maior, tais métodos dificultam a participação e aprendizagem.

Por questões de calendário, as escolas, segundo a Coordenação Pedagógica, não pode oferecer nenhum tipo de acompanhamento ou aperfeiçoamento para o professor de Língua Portuguesa e demais áreas, mostrando-se insatisfeita com o período em calendário destinado a capacitações e estudos dos professores, toda a equipe pedagógica acredita que esses momentos são insuficientes para uma formação de qualidade dos professores.

Em conversa com os professores de Língua Portuguesa, houve muitas queixas com relação ao tempo que a Secretaria dispõe para o planejamento de aulas diferenciadas, sendo que, em vinte horas/aula, o professor da EJA deve dividir seu tempo em atendimento com a turma, que seriam as aulas coletivas, atendimento personalizado (individualmente), preparo das aulas, correções de provas e trabalhos e percebemos que o número de fichas preenchidas por aluno é exorbitante e tomam a maior parte do tempo dos professores, que poderia ser destinado às aulas.

Os professores sabem da necessidade de um ensino direcionado para os alunos que estão na EJA e mostraram-se dispostos a realizá-lo, porém precisam de amparo por parte dos nossos governantes em incentivos, recursos pedagógicos e um ambiente adequado para o ensino.

Para esses educadores, o que falta, na realidade, é investimento em políticas públicas que garantissem uma educação de qualidade para os alunos da EJA que requerem um tempo de planejamento adequado, materiais específicos, dentre muitos outros recursos que possibilitem realmente uma aprendizagem de qualidade.

Nesta escola, os professores realizam seus planejamentos sendo estes enviados para a aprovação da Coordenação Pedagógica e Coordenação de Área de Língua Portuguesa; ambas analisam e aprovam ou não para a aplicação nas aulas. Todo o conteúdo é planejado e norteado pelo Referencial Curricular de MS e o Projeto EJA “III”, direcionado a esta modalidade.

Entretanto, em ambos os recursos, referencial de currículo e livro didático, a questão de ensino da língua contextualizado ao cotidiano significativo e o uso real são pouco explorados. Geralmente o professor trabalha a leitura em suas aulas com interpretação e gramática e, se puder como a carga horária da EJA é reduzida, trabalha a produção textual, sugerindo um tema para o aluno.

As condições de trabalho, incluindo o espaço físico e os materiais disponíveis para a realização das aulas parecem exercer influência negativa no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, pois tornam o ensino prescritivo demais e amarrado aos termos indicados nos livros e gramáticas.

Logo após a conversa e observação das aulas, foram entrevistados cinco alunos frequentes e participativos nas aulas, para a coleta dos materiais desta pesquisa. Os temas abrangeram aprendizagem da Língua Portuguesa, contexto social e real de cada aluno, dificuldades no uso da norma culta da língua, gramática normativa, variações linguísticas e preconceito linguístico.

No decorrer da entrevista, percebemos que atualmente os alunos da EJA não querem apenas concluir o ensino médio, alguns pretendem também cursar o nível superior. Todos esses aspectos e relevâncias da entrevista, bem como as propostas dos alunos e intervenções, serão apresentados no capítulo “Análise e Reflexões”.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, isto é, por meio das entrevistas e de estudo, procura compreender como o ensino da Língua Portuguesa vem sendo ministrado com relação à gramática normativa, buscando, no tratamento de dados, enfatizar quais foram as contribuições para o aluno da EJA a partir dos procedimentos sociolinguísticos com relação a sua aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa.

Com a análise das respostas obtidas em entrevista, pretendemos contribuir para uma prática pedagógica responsável na EJA, através da qual o professor de Português possa ensinar a norma padrão com sucesso, respeitando e fazendo respeitarem as diversidades linguísticas, partindo das variações proferidas pelos alunos, conscientizando-os sobre a importância de adequá-las aos diferentes contextos linguísticos.

## 2.5 A TURMA

Esta pesquisa envolveu os alunos da EJA fase inicial do ensino médio. Nesta fase, eles estudam por um ano como se estivessem estudando o 1º e 2º ano do ensino médio e, com mais ou menos um ano e meio, podem concluir todo o ensino médio regular. Opta por alunos que entraram este ano no curso, para que todo o processo de ensino possa tornar-se uma nova aprendizagem e que levem consigo durante do curso e em suas vidas fora da escola.

A turma é composta por vinte alunos frequentes, entretanto, no diário de classe, são 35 alunos matriculados, muitos deles são faltosos ou desistentes, havendo um alto índice de evasão, pois a maioria desses alunos não comunica a escola sobre suas faltas ou se desejam cancelar a matrícula. A maioria dos alunos participa com perguntas, resolve as atividades e sempre que tem dúvidas sobre os conteúdos, questiona o professor. Isso foi muito importante para a proposta deste trabalho, que tem como objetivo uma aprendizagem mais efetiva e de acordo com a realidade de cada um.

Durante as aulas, o trabalho envolveu toda a turma, explanando-se os conceitos da Sociolinguística, explicando-se a diferença entre linguagem formal e informal e a necessidade de compreenderem o uso e o funcionamento da língua.

Mas, para as entrevistas e análises, foram escolhidos cinco alunos frequentes, que mostraram o interesse em participar da pesquisa. Em todas as etapas, houve exposição de conteúdos, realização de atividades individuais e coletivas.

## 2.6 ENTREVISTADOS

A fim de garantir o respeito e a ética, como convém a uma pesquisa qualitativa, seguindo as sugestões de Telles (2002) e Davis (1995), os alunos foram formalmente notificados por meio de uma carta sobre os propósitos da pesquisa, seu papel enquanto participantes, as demandas que esta lhes acarretaria e um termo de compromisso assinado pelos alunos participantes (Anexo 1).

Neste estudo, as entrevistas foram realizadas individualmente, contando com a participação de cinco alunos da EJA fase inicial do nível médio - período noturno. Esses alunos participaram por iniciativa própria e sem a intervenção (ou coação) da professora,

compreenderam a relevância do projeto para a escola. As entrevistas ocorreram no ambiente escolar, fora do horário de aula de Língua Portuguesa; como os alunos têm uma rotatividade em dias e horários de aulas, conseguiram ser entrevistados em dois dias e dentro do período de aula.

O tempo de duração da entrevista, em média, foi de 10 minutos para cada aluno, iniciando com indivíduos do sexo masculino, pois se mostraram ansiosos para responderem às questões. O local escolhido foi a sala de leitura, porque à noite é pouco utilizada e isso facilitou o envolvimento e a atenção dos participantes ao longo da entrevista.

As mulheres foram entrevistadas logo após e mostraram-se menos ansiosas. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para análise. A tabela 1 traz um resumo do tempo das entrevistas realizadas com os alunos.

Para TARALLO (1999, p. 32), o pesquisador refere-se ao fato de que “quanto mais tempo passamos no campo, coletando dados, mais criativo o pesquisador será em relação às possíveis maneiras de minimizar o efeito negativo causado por sua participação direta na interação”. Pode-se, assim, perceber, no Tratamento de Dados, que este trabalho de coleta é extremamente útil e gratificante e, assim, a análise fluiu naturalmente a partir dos dados coletados.

**TABELA 2: Entrevistas com os alunos**

<b>Alunos</b>	<b>Data e duração</b>
<b>João</b>	<b>10/08 10' aluno</b>
<b>Luís</b>	<b>10/08 9' aluno</b>
<b>Marta</b>	<b>11/08 10' aluno</b>
<b>Maria</b>	<b>11/08 10' aluno</b>
<b>Lúcia</b>	<b>11/08 10' aluno</b>

**Fonte: Arquivos próprios da pesquisadora**

Como citado no início deste subcapítulo, no primeiro momento, os alunos estavam um pouco inibidos, talvez por causa do gravador, mas logo depois se mostraram mais relaxados. Um aspecto importante e relevante foi que, após o término da entrevista, solicitaram que, assim que fossem concluídos os estudos, mostrássemos as entrevistas a eles.

Este momento foi importante, pois não sentiram vontade de alterar nenhuma resposta e mostraram-se satisfeitos e felizes em participar.

**TABELA 3: Contexto e perfil dos alunos entrevistados**

Alunos	Idade	Profissão	Tempo sem estudar	Localidade
João	50 anos	Vendedor	20 anos	CE
Luís	23 anos	Atendente banco	5 anos	MS
Maria	37 anos	Autônoma	10 anos	MS
Marta	40 anos	Do lar	20 anos	MS
Lúcia	28 anos	Autônoma	10 anos	MS

**Fonte: Arquivos próprios da pesquisadora<sup>2</sup>**

Nos capítulos anteriores, foram apresentadas escola, série e turma escolhidas para esta pesquisa e, a seguir, apresentar-se-á o perfil dos alunos entrevistados, individualmente, a fim de contextualizar suas expectativas a cerca da pesquisa com sua realidade de vida.

### 2.6.1 João

João é um aluno de cinquenta anos de idade, trabalha durante o dia como vendedor e sentiu-se motivado a voltar à escola por meio de seus familiares que incentivaram a retomar os estudos a fim de melhorar sua situação financeira e a autoestima.

Nascido em uma cidade pequena do Ceará, deixou muito cedo a escola para trabalhar, pois esta era a necessidade daquele momento de sua vida, tendo apenas realizado até a metade do ensino fundamental. A maior dificuldade foi enfrentar o medo de matricular-se na escola, achando que sua idade estava avançada para voltar a estudar.

<sup>2</sup> Nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora.



### **2.6.2 Luís**

Luís tem vinte e três anos de idade, trabalha durante todo o dia em uma agência bancária como atendente e nasceu em Campo Grande – MS.

Cursou todo o ensino fundamental em idade e série regular, sendo que, no ensino médio, parou de estudar no 1º ano, tendo também a necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento de sua família. Para este aluno, a maior dificuldade para reaver seus estudos estava em conciliar os horários de trabalho com os da escola, motivo que o impediu de protelar por alguns anos o término do ensino médio. Seu incentivo foi por meio do trabalho no banco, onde viu a oportunidade de crescer profissionalmente se terminasse os estudos e cursasse uma faculdade.

### **2.6.3 Maria**

Maria é uma estudante da EJA, de trinta e sete anos, nasceu em Campo Grande – MS. Estudou só a metade do ensino fundamental regular e desistiu de estudar por diversos motivos familiares que, naquele momento de sua vida, eram para ela mais importantes. A suas expectativas eram de constituir uma família e cuidar do lar. Entretanto relatou que, havendo algumas necessidades financeiras, resolveu trabalhar como autônoma e viu a oportunidade de melhorar seu desempenho profissional por meio dos estudos, sendo que recebia de sua família o incentivo para voltar a estudar e até cursar uma faculdade.

### **2.6.4 Marta**

Marta é uma aluna de quarenta anos, do lar. Nasceu e vive até hoje em Campo Grande – MS. Como a aluna Maria, esta também desistiu de estudar por motivos familiares e passou a cuidar da casa para que seus pais, na época, pudessem trabalhar. Mesmo não frequentando a escola, sempre gostou de ler livros e revistas e sentiu vontade de reconstruir sua vida escolar agora que sua família já está amparada. Realizou a matrícula na EJA e, desde então, deseja a conclusão do ensino médio para recuperar seus estudos.

### 2.6.5 Lúcia

Lúcia tem vinte e oito anos, trabalha durante todo o dia como autônoma, relatou que tem uma pequena empresa de doces e bolos. Desistiu de estudar na metade do ensino médio regular também para trabalhar e cuidar de sua família. Sentiu necessidade de retomar os estudos quando se tornou mãe para servir de exemplo a seu filho e também para cuidar de sua empresa. O maior incentivo veio também da família e a vontade de resgatar a autoestima.

Para todos esses alunos, houve motivos que os afastaram da escola, entretanto existe o momento em que percebem o quanto podem crescer pessoal e profissionalmente com os estudos e decidem dar o primeiro passo para a busca do conhecimento e regate de sua cidadania.

## 2.7 COLETA DE DADOS

A fim de garantir o respeito e a ética, como convém a uma pesquisa qualitativa, seguindo as sugestões de Telles (2002) e Davis (1995), os alunos foram formalmente notificados por meio de uma carta sobre os propósitos da pesquisa, seu papel enquanto participantes e as demandas que esta lhes acarretaria a partir de um termo de compromisso assinado por eles. (Anexo 1).

No intuito de realizar esta pesquisa com base em uma abordagem contextual, foram utilizados os seguintes instrumentos para a coleta de dados: observação das aulas, anotações de campo feitas pela pesquisadora e entrevistas com os alunos participantes.

Com um gravador de áudio, iniciaram-se as entrevistas com perguntas abertas e diversificadas, não havendo intervenções por parte da professora a fim de se obter uma maior veracidade dos dados coletados. As entrevistas foram realizadas individualmente, entretanto a maioria dos alunos mostrou-se preocupadas durante suas respostas e, em alguns momentos, inseguras. Isso se deu devido à formalidade em estar sendo gravada.

As questões foram formuladas a partir da aplicação do projeto do jornal e com base nas observações realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que se investigou todo o contexto da escola bem como as metodologias utilizadas para o ensino da língua. No entanto, de acordo com Tarallo (1999), pode acontecer que o discurso do aluno seja uma

repetição do discurso de outros alunos, ou seja, sentir-se inseguro diante das próprias respostas.

Diante dessas relevâncias e para obter dados reais para a análise, percebemos que quanto mais tempo de pesquisa de campo, mais dados precisos poderão ser coletados e, assim, foram realizadas as entrevistas individualmente e em dias diferentes.

Para Tarallo (1999, p. 32), o “quanto mais tempo passamos no campo, coletando dados, mais criativo o pesquisador será em relação às possíveis maneiras de minimizar o efeito negativo causado por sua participação direta na interação”, podemos assim perceber, no tratamentos de dados, que este trabalho de coleta é extremamente útil e gratificante e com isso a análise fluirá naturalmente.

Ficou comprovado que quanto maior o tempo em campo, coletando dados, maiores foram as possibilidades de minimizar os efeitos negativos causados por nossa participação direta na interação. O trabalho de coleta de dados tornou-se extremamente útil e gratificante ao longo da pesquisa, tornando a análise um processo natural diante dos dados obtidos.

Assim, a investigação buscou uma reflexão de como vem sendo o ensino da Língua Portuguesa na EJA frente à diversidade linguística no Brasil. Feita de maneira contextual, partiu do contexto real da sala de aula e diante das propostas diversificadas de ensino aplicadas durante o projeto, observou o desenvolvimento dos participantes ao longo das aulas, considerando suas colocações nas entrevistas individuais.

## 2.8 PROPOSTA DO JORNAL

A necessidade que um indivíduo tem em adquirir um código linguístico padrão permeia o universo do homem, contudo em nossa sociedade isso não ocorre em todos os seguimentos, torna-se restrito apenas a uma camada da sociedade, desprestigiando outras que não têm ou não tiveram acesso ao ensino-aprendizagem.

Um ensino consciente e reflexivo sobre a língua pode ampliar os conhecimentos dos alunos da EJA. Daí a importância da Sociolinguística para as aulas de Língua Portuguesa na escola, pois já não se podem mais ignorar as diferenças linguísticas em sala de aula.

Para contribuir com esta pesquisa, foi explorada uma importante obra da estudiosa e pesquisadora da língua, Stella Maris Bortoni-Ricardo, “Nós chegemu na escola, e agora?”. Este material serviu como mais um suporte e referencial teórico para o embasamento e desenvolvimento da pesquisa, uma vez que o livro aborda as concepções e metodologias sociolinguísticas diante da educação e principalmente a prática e metodologia em sala de aula.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma que “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas”, visto que ela é uma instituição formada por uma diversidade de culturas, línguas e costumes. Mais adiante, a autora reafirma que “os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa” (p. 16), lembrando aos educadores que não podemos negar esses conhecimentos aos nossos alunos.

Dessa forma, esta pesquisa propõe algumas propostas para os docentes que atuam na EJA no ensino da Língua Portuguesa para trabalharem com seus alunos por meio dos vários gêneros textuais, pois se sabe que através da leitura aumenta-se o vocabulário, desenvolve-se a criatividade, e auxiliando na escrita.

A apresentação dos conceitos e contribuições da Sociolinguística para as aulas na EJA foram devidamente destinadas ao professor e principalmente ao aluno, para mostrar-lhes que os trabalhos conscientes de ensino e aprendizagem da língua diante dos discursos proferidos pelos alunos poderiam valorizar as aulas e incentivar a participação de todos.

O jornal foi à sugestão para o trabalho com os gêneros textuais, pois, por meio de textos variados em sala, podemos mostrar, a partir das produções dos alunos, como é possível enriquecer ainda mais as produções utilizando metodologias de leitura, escrita e reescrita dos textos. Os momentos foram destinados aos alunos no grande grupo, ou seja, toda a turma participou durante as explicações realizadas sobre os conceitos e perspectivas da Sociolinguística, o que são gêneros textuais e as contribuições que os textos trazem para a aprendizagem da língua nos diferentes níveis de fala e/ou escrita.

Após as explicações sobre Sociolinguística e gêneros textuais, foi proposta a atividade de elaboração do jornal escolar, a fim de motivar, com temas variados de notícias, assuntos do cotidiano escolar, cultura, esporte, lazer, receitas, calendários de provas, dentre outros temas que permeiam o cotidiano escolar e que podem ser realizados pelos próprios alunos com produções únicas de cada estudante. O jornal, em um dos seus objetivos específicos, busca possibilitar aos alunos da EJA o uso das diversidades linguísticas do Português por meio dos variados gêneros textuais com base nas suas produções e respeitando a cultura e identidade de cada um.

Foram apresentadas propostas de atividades de leitura, releitura e produção textual, utilizando diferentes gêneros, a fim de recolher dados e materiais para a elaboração e edição do jornal. Os educandos foram divididos em dois grupos para melhor atendê-los, para a socialização e participação na elaboração do jornal e também possíveis intervenções ao longo do trabalho.

A turma ficou a par do esboço de como deveria ser o jornal depois das leituras e estudo dos textos que seriam pautas. Como o trabalho é de pesquisa, leitura, interpretação textual, escrita e reescrita dos textos e a turma já estavam divididas em grupos, separou-se para cada um deles um gênero a ser desenvolvido. No primeiro momento, o esboço, a proposta para a elaboração e edição do jornal foram fundamentados, uma vez que as atividades seriam desenvolvidas em sala de aula como também na Sala de Tecnologia da escola e, por fim, a publicação seria no *blog* da escola.

Essa foi à sugestão apresentada para que os alunos pudessem obter uma compreensão maior sobre as etapas de produção do jornal, sendo que os textos poderiam ir além das sugestões a seguir:

# **JORNAL - EJA - BFM**

**Mantenham-se informados por meio do nosso jornal!**

**Confiram as principais matérias do nosso jornal escolar acessando o blog da nossa escola - [bfm@blogspot.com](mailto:bfm@blogspot.com)**

Calendário de provas

Receitas

Piadas

Caderno de esporte, cultura e lazer

Após essa apresentação, o desenvolvimento do projeto foi norteado com base nos textos e temas escolhidos pelos alunos e com produções próprias deles. Neste momento, não ocorreram intervenções, pois o objetivo era tornar o aluno capaz de produzir textos variados e com linguagens diferenciadas, sendo assim todas as produções foram de grande valor para eles, que se sentiram valorizados diante das várias formas de falar, escrever e interagir por meio dos textos variados.

A elaboração do jornal realizou-se na Sala de Tecnologia da escola, onde além de aprenderem os diversos gêneros, pode-se também incluir este aluno no mundo tecnológico do qual ele não participava. Através deste jornal, os jovens assimilaram como devem utilizar a norma culta e se conscientizando que todos os textos deveriam ser editados e revisados, mas sempre valorizando as variações linguísticas existentes no seu cotidiano.

Os trabalhos foram desenvolvidos com a participação ativa dos alunos para a maior riqueza e veracidade da análise; todo o conteúdo do jornal foi elaborado e finalizado por eles. A partir daí, as reflexões sobre a adequação da escrita ao gênero textual e sua importância para a comunicação foram enfatizadas, lembrando-lhes que suas produções são

de suma importância para a escola e para o mundo, pois traduzem o conhecimento cultural e individual de cada ser humano.

No jornal, desenvolveram-se também textos de interesse dos alunos e da escola, com produções reais, como: “Minha história, minha vida”, que foram os primeiros a serem digitados na Sala de Tecnologia e retratam com carinho a história de cada um. No primeiro momento, os alunos escreveram suas histórias e não se exigiu nenhuma adequação, por esse motivo, os textos retratam bem a linguagem e o tipo da escrita de cada aluno.

A escolha do tema antes de iniciar uma produção textual é de suma importância, o professor pode incentivar a escrita apresentando temas atuais do cotidiano, fazendo relações entre os textos com as atividades que exercem fora da escola. Quando o tema necessitar de um conteúdo mais específico como, por exemplo, um assunto da atualidade para um texto argumentativo, o professor deve apresentar o tema, relacioná-lo com outros textos e explicar o quanto é interessante para os alunos conhecerem os assuntos e temas da atualidade antes de produzirem os próprios textos.

O tema “Minha história, minha vida” proporcionou, naquele momento da pesquisa, um incentivo a mais para os alunos escreverem, pois se confirmou a intenção de preservar a identidade de cada um por meio da sua linguagem; ao mesmo tempo foram valorizadas suas produções e este foi o incentivo maior para eles: verem suas produções lidas por todos da escola e principalmente sendo elogiadas pelos professores.

Esta metodologia possibilitou ao professor um olhar ainda mais atento diante das limitações dos alunos. Conhecer a vida deles e como lidar com as questões de aprendizagem da língua na escola pode contribuir para uma prática reflexiva deste educador ao planejar suas aulas, por exemplo, levar aos alunos propostas que vão ao encontro das especificidades de cada um e principalmente respeitando seus alunos diante das suas limitações.

A seguir aparece um dos textos trabalhados em sala por uma das alunas, e a linguagem predominante é a oral. A maioria dos alunos mostrou-se à vontade para o trabalho com o jornal, principalmente quando perceberam que poderiam escrever sobre assuntos de seu conhecimento. Este momento da pesquisa foi surpreendente, pois falaram sobre seus anseios, contaram sua história, seus sonhos e expectativas para com a EJA. Após as produções, foi realizada a leitura coletiva dos textos, em grupo muitos alunos socializaram suas histórias, que eram, por muitos alunos e professores, desconhecidas. A seguir, temos uma das produções dos alunos:

## Minha história Vida

Eu me chamo Peruvia Natica 16 fevereiro  
Nalida em a Colivia total Santa Cruz  
e foi adotada Com 4 anos meus  
Pai São Mineros.

Eles nunca me negarão que sempre  
falaram a Verdade que e foi adotada  
Si mas So' feliz.

e meu objetivo) E' Continuar  
Estudando até' minha formação  
e isto ta sendo difisil.

Porque eu Sou P. Mamel Alba  
to' feliz por me darem esta oportunidade  
de Estar aqui a porta que abirão e  
sem até' não da para me divertir  
e com Curto as musica.

to' fazendo curso para enfermeira  
E' esta escola ta me ajudando e  
muito e gosto de todos meus P.  
Prof. e Obrigado Pela Oportunidade

So feliz Pela Escola Brasileira  
Ferryz Montero

Odilado e quem  
quell ser formar  
Continuar a Caminhada  
da escola e ser feliz



Esse texto retrata a diversidade encontrada em sala de aula. Quando o professor se depara com essa realidade e percebe que não existirá uma turma homogênea com relação à linguagem, ele poderá propor atividades que possibilitem aos alunos ampliarem seu discurso e adquirirem um repertório linguístico ainda maior.

O jornal, como trabalha com os diversos textos, possibilita ao professor interagir com o gosto linguístico de cada aluno, tornando o momento da escrita participativo, podendo o aluno escolher o que deseja escrever e conhecer os outros textos que seus colegas também produzem. Dentre os gêneros trabalhados no jornal, citados no início deste subcapítulo, foram propostas aos alunos as receitas de família e todos tinham uma para citar e que gostariam de compartilhar.

Esta metodologia proporcionou desenvolver nestes alunos as habilidades de pesquisa, levando-os a buscar, com seus familiares e até mesmo pela internet, as receitas de que gostavam na sua infância.

Os passos da produção de receita permitiram que os alunos atentassem para as etapas de produção de um texto. Este, especificamente divide-se em ingredientes e modo de preparo; todos esses momentos foram detalhados para que o leitor compreendesse o passo-a-passo da receita. Foi comparado este gênero com os textos dissertativos que eles produziram em sala e isso possibilitou a compreensão das diferenças na produção de um texto, conceitos básicos como começo, meio e fim.

Outra atividade que proporcionou uma participação ativa dos alunos foi a produção do calendário de provas, o grupo responsável por esta etapa do jornal esteve em contato direto com os professores e a coordenação pedagógica, possibilitando um acesso maior a estes alunos perante a escola e os assuntos que dizem respeito a eles.

Quando o aluno tem um contato aberto com o professor, conversa sobre os conteúdos, sabe sobre as datas das provas e assimila as metodologias utilizadas em sala, ele torna-se ainda mais participativo diante do contexto que o cerca. Essa interação aumenta a qualidade de aprendizagem, porque os alunos se sentem importantes diante do cotidiano da escola.

Todos os gêneros textuais trabalhados no jornal contribuíram para a aprendizagem significativa da língua, por meio da interação de produção, leitura, releitura, escrita e reescrita dos textos interagindo-os com os recursos tecnológicos e com suas práticas reais de uso fora do contexto escolar.

Assim, o jornal proporcionou o estudo e ensino da Língua Portuguesa e também da gramática, que é de interesse do aluno, além de conhecimentos sobre as variações

linguísticas, com metodologias diferenciadas, proporcionando uma interação, participação e um aprendizado mais concreto.

Esperamos que, enquanto participante de uma sociedade com múltiplas funções sociais, o aluno conheça a diversidade linguística, compreendendo a importância do conhecimento da gramática normativa e das demais variedades linguísticas, para poder utilizá-las adequadamente, nas diversas situações do dia-a-dia.

## 2.9 TRATAMENTO DE DADOS

Conforme já especificado, o tratamento de dados utilizou procedimentos da pesquisa qualitativa adotados por muitos pesquisadores, seguindo sugestões de TARALLO (1999), MONTEIRO (2002), TELLES (2002) E DAVIS (1995). Primeiramente, realizou-se a entrevista com os cinco alunos e transcrição da entrevista utilizando o processo teórico – metodológico que embasa a Sociolinguística, buscando encontrar fatos que por meio da fala dos alunos, que permitam a análise dos dados da pesquisa.

Em seguida, as anotações basearam-se nos depoimentos dos entrevistados, levantando questionamentos e buscando conexões entre as partes. Através desta triangulação, os dados foram segmentados por temas que se configuram em quatro categorias de análise, a saber: (1) diversidade linguística na EJA; (2) preconceito linguístico na EJA, superação e orgulho próprio; (3) sentimento de cidadania e valorização do aluno da EJA; (4) conscientização dos alunos na EJA sobre o uso das normas da língua.

Através dos parâmetros da pesquisa qualitativa, especificamente do estudo de caso, procuramos compreender os caminhos que permeiam o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa na EJA, bem como na análise apresentam-se as ansiedades com relação ao ensino da gramática diante das variedades linguísticas.

O conhecimento que os alunos trazem para a escola estão relacionados as suas práticas sociais, que norteiam os saberes do dia-a-dia com o que aprendem na escola.

A aprendizagem tida na escola só será significativa para o aluno da EJA se a utilizar fora do contexto escolar, valorizando seus conhecimentos anteriores. O trabalho com EJA requer do professor uma valorização dos saberes dos alunos e, a partir de exercícios diários, acrescentarem a esses saberes os conhecimentos acadêmicos necessários.

De acordo com o MEC (2002), “o professor de Língua Portuguesa de jovens e adultos deve ter cuidado especial com a busca e seleção de textos para trabalhar com o aluno”. Em sua proposta curricular, o professor deverá fazer relações no momento do ensino utilizando variedades discursivas em textos variados.

A motivação do aluno em estudar mostra que o professor também se motiva ao ensinar, respeitando e fazendo-se respeitar em todos os discursos em sala.

### 3. ANÁLISE E REFLEXÕES

*“Ah, foi bom, eu gostei de ver a história da minha vida ali, e mais ainda, os professores dizendo que leram. Fiquei feliz em saber que sou importante [...]”* (E. 11/08/13. Aluno da EJA)

Este capítulo traz uma análise dos dados obtidos por meio das entrevistas, que são os objetos deste estudo. Essa análise será permeada por várias reflexões sobre o ensino da Língua Portuguesa na EJA, frente à diversidade linguística no Brasil, cujos principais desafios são os próprios alunos que, por sua vez, encontram na escola a esperança de incluírem-se na sociedade através da linguagem. O capítulo está dividido em cinco partes. A primeira descreve a diversidade linguística existente na escola. Em seguida, tratamos dos preconceitos linguísticos superados e o orgulho próprio, o sentimento de cidadania e a valorização do aluno da EJA. A quarta e última parte discorre sobre a importância da conscientização dos alunos no emprego das normas da língua.

#### 3.1 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA EJA

Buscando relacionar a língua e a identidade social dos alunos da EJA e tendo como objetos deste estudo as entrevistas com alunos da fase inicial de uma escola pública no período noturno, percebemos que existe uma variedade de culturas e identidades no contexto escolar das salas da EJA, evidenciando ainda mais que a linguagem reproduz a realidade de vida dos falantes que dela se utilizam.

Como vimos nos capítulos anteriores, a língua muda no decorrer dos tempos, basta compararmos o Português de dez anos atrás com o atual. Notamos que, em todas as classes, grupos e culturas, ocorreram constantes transformações ao longo dos anos e isso se dá devido ao dinamismo da língua. Esse dinamismo linguístico ocorre também no contexto escolar, sobretudo nas salas da EJA em que debruçamos este estudo; há uma enorme diversidade de discursos, devido às várias culturas, grupos, etnias e comunidades falantes, os quais são oriundos das diferentes localizações e regiões do Brasil.

Na EJA, mais precisamente na escola em que os alunos foram analisados durante a pesquisa, percebemos que o grupo é heterogêneo e, dessa maneira, há linguagens diversas, como constatado nas entrevistas.

Fala (1)

***“>Eu sou nordestino e por causa do meu sotaque< eles achavam engraçados::: e mandavam eu repetir o que falava sempre::: Até os professores viu?” (João).***

João era um aluno tímido e introspectivo. Através da fala (1), pudemos perceber que tinha medo de conversar com seus colegas, pois receava ser ridicularizado por seu sotaque. O fato dos seus colegas rirem e pedirem que repetisse o que falava, causava-lhe incômodo, porque ser nordestino é condição de sua identidade, portanto era como se estivessem zombando de sua origem e do que ele é.

Essa estranheza sobre a diversidade linguística podia ser observada, segundo João, também por parte dos professores, que, teoricamente, deveriam ser mais conscientes e preparados para atender a esse público composto pela diversidade.

Na fala (2) a seguir, João afirma que o trabalho com o jornal trouxe para ele segurança sobre sua raiz e cultura e que lhe levantou a autoestima, fazendo-lhe desenvolver melhor a sua capacidade de leitura e escrita.

Fala (2)

***“... Mas depois daquele trabalho do jornal::, da história da minha vida::, <eu consegui mostrar pra eles de onde vim e como era bom lá> também. :::E isso já melhorou::: Achei que melhorei na leitura e interpretação, depois do jornal que trabalhei muito a escrita e reescrita :::”(João).***

Após o trabalho com o jornal escolar, o aluno mostrou-se mais interessado e até mesmo disposto a participar mais das aulas de produção textual e desenvolveu, por meio do projeto, as habilidades de leitura e escrita, a conscientização acerca das diversidades linguísticas através dos gêneros textuais, como percebemos na fala (3):

Fala (3)

***“Melhorei muit:::o. Agora sei como devo escrever:: <Olhe um exemplo?> Agora sei... que quando escrevo um bilhete para minha esposa... pode ser informal, porque***

*ele é um texto curto e rápido:::, mas se fosse uma carta ou um recado lá no meu serviço, a:::i eu ia >ter que elaborar um texto mais formal e claro<. Eu preciso sempre melhorar e aprender mais, mas hoje eu sei que sou importante ma:::s quero crescer no meu trabalho então tenho que melhorar. O trabalho do jornal ajudou muito.” (João)*

Com esse projeto, obtivemos respostas positivas dos alunos quanto ao respeito às diversidades, quanto ao uso das variedades existentes na língua e ao mesmo tempo desenvolvemos a capacidade de leitura e escrita que para muitos era a maior de suas dificuldades.

Como a linguagem é uma ferramenta de acesso para vários setores da sociedade e é meio de comunicação, enquanto educadores devemos mostrar ao aluno que sua história e identidade estão enraizadas na sua linguagem, seja ela oral ou escrita, carregada da sua cultura, origem e determina sua identidade, que é única e individual.

O ato de refletir sobre a língua, tornou-se uma virtude que, para muitos alunos, hoje é uma prática, muitos deles compreendem que de acordo com o contexto linguístico devem apropriar sua fala ou escrita também. Muitos desses alunos compreenderam que a língua não está consolidada a uma única forma de falar, que não existe e nunca existirá falante de estilo único, o que temos são situações mais ou menos monitoradas de acordo com a situação em que cada falante estiver inserido. Vejamos, na fala a seguir, como o aluno, logo após o trabalho com o jornal, posiciona-se de maneira mais consciente sobre a diversidade existente na língua e de como deve refletir sobre ela.

Fala (4)

*“Depois de reescrever::: os textos do jornal eu entendi porque eles estavam errados, ou::: >quer dizer não é errado mas sim inadequado para aquele momento<, mas em outro momento::: poderia sim estar adequado. Entendi::: que existem muitas formas, de falar:::, e eu tenho que me adequar e respeitar todas as formas de falar, ah!::: de escrever também, e eu acho que é a parte mais difícil, mas me si:::to mais seguro.” (Luís)*

O educador ao tratar de correções necessita de utilizar diferentes formas a conscientizar seu aluno. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.9) “os chamados “erros” que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema evolutivo da língua”, ou seja, podem ser previstos e trabalhados de forma sistemática e em uma abordagem diferenciada.

O grande desafio está em ensinar, nas aulas de Português, a diversidade linguística existente no Brasil e o quanto isso é importante para a história e cultura deste país. Com a linguagem, torna-se possível registro dos fatos históricos, sociais e culturais, sendo assim, essa diversidade que existente, não apenas na EJA, mas na linguagem de um povo, precisa ser valorizada durante as aulas e em todo o contexto escolar sem preconceitos e discriminações.

O aluno da fala (4), mostrou-se mais confiante, sua fala demonstra segurança e, ao longo do projeto, percebemos que suas atividades eram desenvolvidas integralmente, ou seja, ele não se detinha em apenas produzir os textos, Luís procurava entender o funcionamento da língua, o sentido dentro do texto, e com isso seu desempenho diante da escrita melhorou, ampliando seu discurso e reconhecendo diversas formas de linguagem.

Durante este estudo, percebemos que o ensino da Língua Portuguesa, diante das diversidades linguísticas, possibilitou aos alunos da EJA compreenderem aspectos relevantes e necessários para a aprendizagem significativa da língua, que está em cada um conhecer essas variações e refletir sobre elas.

Para esses alunos, coube-nos a tarefa de ensinar que existem linguagens mais prestigiadas e de acesso às camadas mais altas da sociedade, que é a variante padrão, a qual eles precisam adquirir para relacionar em contextos apropriados e necessários para suas relações sociais, e as variantes informais, que retratam partes importantes que constituem a formação do sujeito, retratam sua origem, sua história, sua cultura, suas ideologias e principalmente sua identidade. Nas aulas de Língua Portuguesa, essas atitudes contribuíram ainda mais para o crescimento pessoal desses alunos, que não apenas puderam conhecer as regras gramaticais e seus sentidos dentro dos textos, mas também entenderam que suas funções são importantes para a compreensão de um texto.

O aluno Luís, em sua fala, demonstra mais confiança fora do contexto escolar, esse fato contribuiu para seu rendimento nas aulas, pois, quando o aluno sente-se respeitado e valorizado na sociedade, isso reflete na sala de aula.

Fala (5)

*“:::Sinto agora mais segurança, quando::: escre::vo, entendo que tem:: muitas formas:: de >escrever<...” (Luís)*

Sendo a língua uma atividade social e de caráter heterogêneo, a pesquisa mostrou que a escola precisa ensinar aos alunos da EJA, de maneira clara e com exemplos do seu

cotidiano, as diversidades existentes na língua. O aluno Luís (fala 5), mostra-se determinado, quando se sente seguro diante da fala e da escrita, percebendo que, em meio às diversidades, o que de fato ele necessita é compreender o uso adequado da fala e da escrita diante do contexto inserido.

A escola precisa abrir portas para a pluralidade de discursos, ou seja, precisa compreender e desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua diante da dimensão que diz respeito às variedades linguísticas, mas ao mesmo tempo respeitar as limitações de cada aluno durante a aprendizagem, pois novas práticas de ensino requerem um tempo maior para adaptação do aluno. Durante o projeto, notamos que, quanto ao uso de algumas regras gramaticais, os alunos mostraram-se inseguros e com receio de produzirem, e esse fato causou-nos certos empecilhos, pois precisávamos mostrar que compreender a gramática é um fator importante para o funcionamento da língua. Entretanto, precisávamos entender o porquê do medo de conceitos gramaticais, e percebemos que os métodos de ensino confundiam os alunos. Como mostra a aluna na fala (6), quando eram feitos de maneira isolada, fora do contexto textual.

Fala (6)

***“Meu aprendizado em português:: não era tão ruim assim... ma::s tinha muitas dificuldades:: em entender aqueles conteúdos da gramática. Eu nem tinha uma gramática:: e:: <aqueles> nomes lá::nossa nun::ca aprendi.” (Marta)***

Notamos que aprender os códigos linguísticos e regras gramaticais era uma das dificuldades da aluna que, mesmo tendo conquistado a aprovação ao longo das disciplinas, até chegar ao fim deste ano, ela tinha muitas dificuldades em compreender os aspectos linguísticos. Para a aluna, ter uma gramática já era um fator que a impedia de aprender, ou seja, esses conceitos eram repassados de forma sistemática e prescritiva, isso nos mostra, através da fala da aluna, que tais métodos não alcançam o objetivo, que está na aprendizagem significativa da língua.

Para a aluna as aulas de Língua Portuguesa e as regras gramaticais, eram seus desafios, pois ali estavam suas dificuldades. Na entrevista notamos que, os métodos de ensino descontextualizados levavam a não compreensão do conteúdo e a impossibilidade de aprendizagem.



Com esse estudo, pude compreender que a aquisição da norma culta da língua ocorrerá quando os conteúdos ensinados forem comparados por eles mesmos ao seu contexto real de uso, uma prática que colabora para este ensino é a leitura, interpretação e produção textual, utilizando os diversos tipos e gêneros textuais.

Ao longo da pesquisa e durante as entrevistas ficaram, evidentes as dificuldades de aprendizagem da língua para a maioria dos alunos. Muitos mostraram uma grande preocupação em aprender a Língua Portuguesa. Um dos alunos entrevistados, quando questionado sobre como estava seu desenvolvimento e rendimento durante as aulas, relatou o seguinte:

Fala (7)

***“[...] tenho muita dificuldade::: com a gramática e os tipos de leituras, acho os conteúdos muito extensos e pouco tempo de aula. [...]*” (Luís)**

O aluno, na fala (7), considera a disciplina uma das mais difíceis e muitas vezes não consegue acompanhar os conteúdos da gramática. O estudo mostrou que os métodos de ensino têm como objetivo estudar “gramática por gramática”, sendo apresentadas listas de exercícios para serem respondidas com base na gramática apenas.

Diante da observação na escola, constatamos que as aulas de Língua Portuguesa eram as que preocupavam os alunos, notamos que, para eles, ela parecia ser a única disciplina importante naquele momento. Mas tais anseios eram devido à dificuldade em aprender os conteúdos de gramática ministrados descontextualizados, isto é, gramática e texto eram ensinados isoladamente.

As aulas descontextualizadas não levam os alunos a uma aprendizagem significativa, pois não conseguem completar sua leitura por não compreenderem o que se lê, sendo assim não se estabelece relação alguma com o conteúdo gramatical ao que está disposto no texto. Essas dificuldades de aprendizagem e, logo com o término do jornal, a aluna Marta mostrou-se diferente diante das avaliações e com relação ao seu desenvolvimento nelas, fazendo até uma comparação entre os métodos de antes e seu crescimento depois. Em entrevista, ela diz:

Fala (8)

*“Nossa! Era muito difícil::: Depois que eu vi que não precisa separar texto e gramática vi que era melhor... aprender tudo junto. ::As provas eram sempre de duas ou três páginas::, <eu mesmo não terminava no mesmo dia>, com o trabalho que vamos fazendo agora:: eu sei o que é um sujeito::: na <frase>, por exemplo::: dentro do texto. Não sei porque tinha que estudar separado.” (Marta)*

Por meio da fala da aluna Marta fala (8), podemos notar que ela sentia muitas dificuldades durante a aprendizagem dos conteúdos ensinados isoladamente, fora do texto. Quando apresentamos as propostas do ensino da gramática, das diversidades linguísticas e do texto com o projeto do jornal, percebemos que os nossos objetivos estavam sendo alcançados, que o ensino da gramática e o das variações da língua poderiam andar juntos no ensino e aprendizagem desses alunos. Quando a aluna (Marta) cita na entrevista que compreende agora que a gramática pode ser desenvolvida dentro do texto, ela mostra-se mais tranquila e seu desempenho foi satisfatório durante o projeto. Quando o ensino da língua está diante das diversidades de forma clara e reflexiva, o aluno pode atribuir significados as suas aulas buscando com cuidado os textos para trabalhar sua leitura e escrita, além de diversificarem seus tipos de leitura, como: os textos literários, receitas, textos jornalísticos, artigos, cartas, folhetos informativos e textos elaborados por eles mesmos. A motivação e o amplo material durante as aulas auxiliaram na aprendizagem destes alunos.

Partindo desse pressuposto, ao trabalhar na EJA, a atenção deve ser direcionada para o conhecimento da identidade social dos sujeitos envolvidos, das suas condições de fala tanto na oralidade quanto na escrita. Compreender que, utilizando elementos variados durante as aulas de Português, pode proporcionar uma maior interação dos alunos com as atividades em sala de aula, é importante ao educador, percebendo limitações deles e propor intervenções adequadas a cada indivíduo.

Concluiu-se que as aulas de Língua Portuguesa não podem mais ser prescritivas, apegando-se a regras estabelecidas, mesmo sabendo que elas existem e são de suma importância para os alunos da EJA, por apresentarem a diversidade existente de discursos e identidades por meio da fala e da escrita. O ensino consciente e contextualizado dessas regras permite ao aluno reconhecê-las em sua leitura de mundo, podendo colaborar mais com sua aprendizagem verdadeira e significativa dentro e fora da escola.

### 3.2 PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA EJA, SUPERAÇÃO E ORGULHO PRÓPRIO

No decorrer destas linhas, do começo ao fim, sempre que citada a palavra “preconceito”, voltamos à questão de que é dentro da escola que se deve começar a combater e minimizar essa prática, seja qual for o preconceito: de origem racial, cultural, sexual e linguístico.

Neste momento, discorreremos do *corpus* desta pesquisa que foram as entrevistas e percebemos claramente que alguns alunos da EJA sofrem preconceito no momento da oralidade e na escrita dentro da sala de aula. Vejamos o trecho da entrevista, quando perguntado ao aluno João se ele já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito, por exemplo, na hora de falar e escrever na sala de aula. E a resposta infelizmente para educadores que somos foi a seguinte:

Fala (1)

***“[...] Sofria até alguns dias atrás por eu ser nordestino:: <as pessoas sempre zombavam e até os professores faziam piadas sempre com o nordestino e sua maneira de falar>. <Eu ficava chateado> e nem queria mais abrir a minha boca: na sala de aula::por causa do meu sotaque...” (João)***

Durante a entrevista, notamos que o aluno, fala (1), sentiu muita vergonha em tratar do assunto, mas relatou o sofrimento durante as aulas, por ser ridicularizado por causa do seu modo de falar, como o sotaque, por exemplo. Essa prática que deveria ser combatida, principalmente no contexto escolar, mostra mais uma vez que ainda está longe de se acabar.

Quando o aluno nos relata que até os professores davam risadas, mostra-nos que ainda há muito que se conscientizar, principalmente no meio dos educadores.

Diariamente se vê o preconceito linguístico sendo alimentado na sociedade, seja por meio da televisão, piadas, revistas e muitos outros meios. Deparamo-nos com essa prática discriminatória, mas o que não pode acontecer em momento algum são ações preconceituosas e discriminatórias dentro de um ambiente escolar realizada por educadores.

Este aluno entrevistado é um cidadão que nasceu no Nordeste, lugar rico em cultura e arte e, devido à vida dura e difícil nessas regiões, veio à busca da realização de seus sonhos em outras cidades até chegar a Campo Grande – MS. Ele sentia vergonha no momento da sua fala, porque o sotaque nordestino identificava claramente sua identidade.

Sendo que este seria um momento rico de estudo, se fosse direcionado para as diversidades da língua e a aprendizagem de palavras e seus sentidos.

Como pode este aluno ser tratado assim, sofrendo discriminação pelo que há de mais importante em sua vida, que é a sua língua de origem? Infelizmente este é um fato que realmente acontece não só na EJA, mas em outras modalidades de ensino no Brasil e no mundo, pessoas que acreditam existir uma norma apenas para o uso da língua. Por meio da entrevista com João, fica claro que os aspectos que permeiam as práticas preconceituosas já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui.

A escola, segundo Bagno (1999, p. 18) deve refletir os seguintes aspectos:

(...) É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão.

Portanto, ações preconceituosas dentro da escola devem ser discutidas por toda a equipe escolar, buscando traçar estratégias para minimizarem tais fatos. Em se tratando de formas discriminatórias para com um falante, deve o professor, em primeira instância, monitorar o próprio comportamento, uma vez que sua postura, para os alunos, é de alguém que viabilize a inclusão social do indivíduo, sendo também um mediador de conhecimentos.

Outra situação preconceituosa e que mostra claramente a exclusão social do aluno está nas palavras do entrevistado a seguir, mais uma vez se nota que o monitoramento nas questões de “certo” ou “errado” dentro da escola deve acabar nas questões relacionadas à linguagem.

Fala (2)

***“Quando eu disse pra uma professora::: de LP que eu ia ser bancário::: ela riu, não só ela ne:::h, e disse que eu tenho que mehorar::: e estudar muito:::, do jeito que eu falo e escrevo.... fiquei trist:::e mas às vezes neh::: ela tava certa:::.” [...] (Luís)***

Essa postura da professora reafirma e esclarece a necessidade de mostrar aos nossos alunos que “não existe falante de estilo único, todo falante dispõe de uma gama variada de

estilos”, sendo que não podemos tachar a maneira “certa” e “errada” de se expressar. Uma vez que cada tipo de fala está inserido no contexto real de vida do falante e por se tratar de aluno da EJA, é de conhecimento de todos que, para seu grau de escolaridade, ainda não pode ser exigida uma linguagem elaborada, ele ainda está na posição de aprendiz da língua.

Acreditando que a valorização do aluno pode contribuir para a sua aprendizagem, temos a convicção de que a motivação só tem a acrescentar para o desenvolvimento do aluno, e que de fato eles devem estudar, como cita a professora para seu aluno, mas de forma que ele sinta-se respeitado e encorajado, e não discriminado por causa de suas limitações.

Devido a essa posição, vale ressaltar que, enquanto estudantes da EJA, suas produções precisam ser valorizadas, ou seja, o aluno está em construção desse conhecimento e não pode ser exigida uma postura monitorada do uso da língua para o falante que ainda desconhece as regras da norma culta. A aluna abaixo mostra que existe essa cobrança dentro e fora da escola.

Fala (3)

***“Acho que meus colegas entendem:: a minha dificuldade, por causa da idade:: mas por parte de professor:: e fora da escola:: tem gente que não acha que o que eu falo está certo, ou o que eu escrevo vale a pena ler.”.* (Lúcia)**

Enquanto o professor acreditar que é somente um transmissor de conhecimentos e que o aluno deve apenas adquirir regras já estabelecidas, teremos mais ações preconceituosas e índices altíssimos de evasão e baixo rendimento escolar. Ao professor da EJA, e das demais modalidades, deve ser ensinado nos cursos de formação superior que sua função na escola é mediar novos conhecimentos ao seu aluno, a fim de que ele os utilize num mundo letrado, estabelecendo relações entre eles.

Por meio desta pesquisa e das estratégias de ensino, como as do jornal, foram desenvolvidas na escola atividades que contemplaram as questões de preconceito linguístico, partindo da riqueza histórica e cultural dos alunos. Através de atividades direcionadas em que os alunos possam compreender, por exemplo, por que se fala aipim, macaxera e mandioca para nomear a mesma raiz que comemos no dia-a-dia é a melhor forma de se combater tais ações.

Aos alunos deve ser apresentado um amplo repertório linguístico para que assimilem a língua em seus diferentes contextos de fala. Tais procedimentos a partir da fala dos próprios alunos, a proposta do jornal através dos gêneros textuais e as diversidades linguísticas levaram os alunos a perceber como é importante adequar a linguagem. No entanto, o professor deve ter o cuidado, em tratar da Língua Portuguesa, como o “certo” e o “errado”, pois pode causar medo e ansiedade em seus alunos, gerando, assim, o medo de expor suas necessidades durante as aulas. A seguir, na fala da aluna Marta, notamos que a conscientização pode levá-lo a monitorar sua fala e diminuir ações em que ele mesmo possa sofrer preconceito linguístico.

Fala (4)

*“O medo... <Às vezes tenho medo e vergonha de dizer que não sei alguma coisa> e isso é ruim... porque eu fico sem aprender::: mas vão rir de mim.”.* (Marta)

O aluno aprende quando de fato se ensina, mas este momento deve ser de respeito, e motivação. O ensino da Língua Portuguesa deve partir das próprias linguagens em sala de aula, observando-se os diferentes dialetos existentes nas regiões brasileiras. Como a aluna mesmo relata, fala (4), por sentir medo de errar, deixava de participar das aulas e com isso, não conseguia aprender determinados conteúdos.

Neste momento, o professor deve ter um olhar atento e perceber que seus alunos necessitam de metodologias diferenciadas, pois, para Marta, mostrar suas produções era o que lhe causava receio, por medo de ser ridicularizada, no entanto os outros colegas tinham especificidades diferentes umas das outras.

Muitas são as propostas de atividades práticas para se trabalhar a variação linguística, principalmente para os alunos da EJA, pois estão dispostos a aprender, por acreditarem que, por meio dos estudos, naquele momento, podem recuperar o tempo perdido e de fato muitos recuperam não só a defasagem idade e série como também a autoestima e vontade de lutar pelos seus ideais.

A preocupação como educador deve estar nas metodologias para o ensino da variação da língua, o professor necessita traçar estratégias que ensinem a norma culta sem desmerecer as demais variantes, sem os processos de correção como o “certo” e o “errado”.

O aluno necessita conhecer todas as variações linguísticas, entretanto os conceitos de “adequado” e “inadequado” para o uso da linguagem é o mais coerente quando se trata da valorização da língua e do falante sem preconceitos ou discriminações. Ou seja, para o aluno da EJA, métodos que considerem “certo” ou “errado”, essa ou aquela expressão, principalmente na escrita, levam-no a entender que existe uma maneira correta e as que estão fora desse padrão consideram, então, como incorretas.

A preocupação está no seguinte aspecto: esse aluno, partindo desses conceitos, buscará de forma exagerada essa nova concepção da língua, e isso pode gerar uma restituição inadequada para as formas prestigiosas, partindo para uma *hipercorreção* para as demais que não atendam à norma.

Ao refletir sobre as falas dos alunos, durante as entrevistas, notei que essa *hipercorreção* “é testemunha da insegurança linguística”, o que causa, no modo de falar de muitos alunos, o conceito de pouco prestigioso para determinadas linguagens e conseqüentemente alguns alunos tentam imitar as mais prestigiadas, fazendo-a de maneira exagerada e inadequada para o contexto.

Dizer a um aluno que sua produção, seja ela oral ou escrita, está errada, pode ser perigoso uma vez que ele não conhece ainda os códigos linguísticos mais prestigiados e padronizados da língua. Isso implica a postura ética, social e ideológica do professor, ele sim pode ensinar de maneira consciente seu aluno a adequar a fala ou escrita, ensinando-lhe todas as variantes de prestígio e as menos prestigiadas da língua.

No decorrer desse estudo, percebemos que a correção que desprestigia essa ou aquela linguagem pode levar a atitudes preconceituosas dentro da sala de aula, pois partindo dos conceitos errôneos do uso da língua, os próprios alunos e até mesmo professores mostram e classificam como ilegítimas as formas de variações de alguns falantes.

Há que se refletir sobre as questões de correção na escola, porque tais atitudes exercidas de forma errada e estigmatizadas podem levar à desistência de um indivíduo da escola. Ensinar a norma padrão da língua para que estes alunos construam sua vida social é importante, no entanto não se pode classificar como ilegítima a linguagem adquirida ao longo da vida desses alunos.

Ao observar o comportamento dos alunos em estudo nesta pesquisa, percebemos que eles veem no curso da EJA uma possibilidade que antes não tinham em suas vidas. Enxergam, a partir da educação, um novo caminho, uma oportunidade real de alcançar

objetivos que antes não eram possíveis diante da dificuldade em sua vida cotidiana, aspectos que envolvem como uma proposta de trabalho com rendimentos maiores, serem aprovados em concursos públicos, realizarem entrevistas de emprego sem o receio de concorrerem à vaga por não terem o ensino médio.

Isso significa que o professor deve ser o motivador do seu aluno, pois partindo dos novos conhecimentos acadêmicos, podemos transformar vidas e como educador motivar ainda mais para que cada um conclua os estudos e conquiste seus sonhos.

Reafirmam-se as palavras acima com as da entrevista de uma aluna que ao entregar uma atividade para a professora, notou que esta a elogiou e valorizou suas novas aprendizagens.

Fala (5)

***“Mas:: a professora disse que eu melhorei ah:: ontem por exemplo:: eu fiz um texto e tinha menos correções que antes.” (Maria)***

Quando a aluna Maria foi elogiada, notamos, na sua fala reconstruída, (pois o fato já havia ocorrido há dias) a sua empolgação, tamanha que não cabia na sua fala, (fala 5), mas que de fato a marcou e a incentivou. Tais ações minimizam as questões de preconceito, valorizando o que o aluno traz consigo e o ensinando a avançar na aprendizagem da língua, mas com respeito às diversidades.

Na maioria das vezes, o incentivo ao estudo pode promover um interesse maior no aluno e despertar a vontade em ampliar suas práticas comunicativas. Diante dos problemas que envolvem o ensino de gramática na escola, nota-se a confusão causada com relação ao que se ensina e como se ensina.

A Língua Portuguesa está repleta de variações para serem ensinadas, no entanto necessitamos, enquanto educadores, repensar nossas práticas acerca das metodologias de ensino, que contemplem a gramática como uma das variações da língua, mas não como a única forma de falar ou escrever, para não gerarmos situações de preconceito dentro da sala de aula, como o medo, por exemplo.

Referente a essas situações, Bagno (2007, p. 9) enfatiza que:

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa



mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua.

A norma culta da língua deve ser ensinada porque é a porta de entrada para a participação ativa destes alunos da EJA em vários aspectos sociais, um indivíduo letrado pode integrar a sociedade de forma colaborativa e amplamente participativa. A questão em discussão está na metodologia de ensino que muitos professores utilizam para ensinar a norma padrão, pois apenas uma variedade da língua é considerada e as demais desprestigiadas. Além de não promoverem uma aprendizagem significativa para os alunos da EJA, colaboram para a desmotivação e ações preconceituosas.

Os estudos confirmam a citação acima quando nos deparamos com as respostas de alguns alunos da sala e de alunos que participaram da entrevista, no caso os alunos em análise. Ao perguntar sobre o que eles aprendem nas aulas de Língua Portuguesa, constatamos que todos se queixam da maneira como aprendem a língua, evidenciando, de certa forma, que as aulas são maçantes e prescritivas.

Observamos, neste momento, as respostas das próximas alunas entrevistadas, lembrando que todas as respostas foram únicas e exclusivas dos alunos e vão ao encontro das especificidades de cada um. Ao questionar as alunas Marta, Maria e Lúcia sobre o desempenho de cada uma nas aulas de Língua Portuguesa, se aprendem ou não com as metodologias utilizadas ao longo do ano, elas responderam o seguinte:

Fala (6)

*“(...) Meu aprendizado em português::: não era tão ruim assim... ma::s tinha muitas dificuldades::: em entender aqueles conteúdos da gramática.” (Marta)*

Fala (7)

*“A gramática é muito difícil às regras >eu não entendo<...” (Lúcia)*

Fala (8)

*“... Eu gosto de português... mas::: acho ele muito complicado...” (Maria)*

Na maioria das falas, os alunos, referem-se à disciplina de Português como algo que gostam só que ao mesmo tempo sentem muitas dificuldades por não compreenderem as regras gramaticais. Esse aspecto é muito comum, na maioria das falas, pois, quando se trata de

ensino da língua, as ações de preconceito se mostram mais ativas para os que não dominam as regras gramaticais corretamente. Nesse ponto, voltamos a discutir as questões de ensino e aprendizagem da língua, por meio das diversidades existentes no Português do Brasil, tais práticas possibilitam uma aprendizagem reflexiva da língua, pois poderemos não só ensinar mas também conscientizar e evidenciar as variedades da língua em nosso país.

Muitas vezes a escola acredita que deve investir em capacitações, palestras aos professores, estudos diferenciados para novas metodologias em sala, mas não percebe que essa tomada de decisão deve partir também dos professores, que necessitam estar abertos às novas concepções e metodologias de ensino da Língua Portuguesa no Brasil.

Sem investimentos que priorizem a educação e valorize o trabalho dos educadores em sala de aula, pouco pode ser transformado. Políticas públicas e incentivos a novas atividades devem viabilizar o conhecimento de novas tecnologias de ensino e práticas pedagógicas nas escolas públicas. Não adianta trazer para a escola discursos inovadores se a prática pedagógica em sala ainda é antiga e restrita aos modelos convencionais de ensino.

Sendo um dos objetivos da escola que é ensinar o português padrão, e que este mérito não pode ser negado aos nossos alunos é que acredito no ensino reflexivo da língua, sem desprestigiar as variantes populares já existentes na vida do aluno, “isso implicaria destruir ou diminuir valores populares”, é evidente que cabe à escola vigiar essas formas de ensino e nortear novas metodologias.

Outro aspecto relevante durante o ensino é mostrar a esses alunos a importância do ensino da gramática, conscientizando-os de que, ao adquirirem uma fala e uma escrita mais elaborada, proporcionará a eles uma maior interação com as camadas privilegiadas da sociedade, permitindo um exercício mais ativo como cidadão diante das suas atividades reais e em contextos significativos.

Com relação à variante não padrão, como as linguagens informais, os alunos devem ser capazes de reconhecê-las e utilizá-las de forma adequada às situações comunicativas com que se depararem, tornando, assim, seus discursos mais confiantes e espontâneos, lembrando a fala (8), a aluna gosta de português, no entanto o acha complicado, a partir do momento que o aluno a utiliza e relaciona a língua nos seus discursos, ele poderá se sentir mais confiante.

Como percebemos nas entrevistas e, partindo das análises referentes à pesquisa, concluímos que as ações de preconceito linguístico só contribuem para a evasão escolar e o

fracasso na educação, pois, a partir do momento em que um indivíduo abandona seus estudos, a escola deixa de assumir um dos seus papéis fundamentais na formação do ser humano: o de inclusão social. E passa a ser responsável pela exclusão de um indivíduo num mundo letrado e de cidadania.

### 3.3 SENTIMENTO DE CIDADANIA E VALORIZAÇÃO DO ALUNO DA EJA

O domínio da língua oral e escrita está entre os objetivos do indivíduo quando se matricula na EJA. Ele pretende, a partir da conclusão do ensino médio, pleitear vagas em universidades, em emprego com maior remuneração, em concursos públicos e outros, sendo assim, acreditam que sua vida poderá mudar com um certificado.

Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 33), o primeiro dos seus objetivos no ensino da Língua Portuguesa é o de tornar nossos alunos capazes de:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.

Os parâmetros para uma educação de qualidade sempre esteve ao alcance das autoridades, da escola e dos professores, mas e o aluno? Ele sabe dos seus direitos? Muitos deles não; cabe à escola informar e promover essa educação que inclui o indivíduo na sociedade. Muitos alunos da EJA têm dificuldades que se quer podemos imaginar: medos, angústias, insatisfações, dentre outras:

Fala (1)

*“ <De início eu senti dificuldades> :: pela idade, :: achava que sob ia encontrar jovens lá. E isso me travou.. Mas depois :: eu vi:: que não era iss:::o. E com o projeto ,<percebi que não er:::a bem isso>...” (João)*

Esse aluno fala (1), em todos os momentos, mostrava insegurança, na fala, na escrita e diante de seu sotaque. O trabalho de valorização com o texto “Minha história, minha

vida”, do jornal, pode contribuir para que ele compreenda como é importante para sua vida a aprendizagem real e significativa da língua.

O sentimento de valorização é primordial para que o desempenho dos alunos da EJA melhore em todos os aspectos. Esse projeto mostrou que eles participam mais, fazem perguntas, criticam sobre o que acreditam não estar de acordo com o que pensam. Em suma, o projeto mostrou que a interação é maior quando se sentem valorizados como cidadãos.

Exercer plenamente a cidadania é um direito de todos os indivíduos, sejam eles alfabetizados ou não, mas sabemos que o mundo letrado pode levar o sujeito além, ele pode, por meio dos seus conhecimentos, ter o acesso às vivências culturais, políticas, econômicas, dentre outras, com mais facilidade.

É importante que, na prática pedagógica, o professor tenha acesso aos conhecimentos e à abordagem Sociolinguística, de modo a possibilitar aos alunos da EJA uma aprendizagem mais efetiva de uma língua escrita sem desvalorizar a linguagem espontânea, justificando-lhes que elas constituem um dos maiores instrumentos de ação e transformação social.

Desta forma e buscando a função social da escola em contribuir com a formação social do aluno da EJA, propomos um ensino com base nos conceitos da Sociolinguística, que não separa a língua do seu falante natural. Assim, o ensino/aprendizagem nas perspectivas desta ciência pode propiciar aos alunos a interação e interesse pelas atividades desenvolvidas no contexto escolar e social.

Devemos pautar o ensino da Língua Portuguesa nas reflexões desses alunos sobre o uso dela, tornando-os capazes de compreender que são responsáveis pelas mudanças sociopolítica, ideológica e cultural, estimulando sua participação plena em sala de aula. O aluno, em sua fala, mostra-nos como foi importante sua participação no projeto, para que de fato compreendesse o funcionamento da língua.

Fala (2)

**“Só que acho que agora depois dessas aulas alguns conceitos dela podem ter mudado, eu melhorei::: e sei que o que eu falo pode ser adequado::, sim e não <deixa de ser importante>. :::Quando eu escrevo ou faço um trabalho em sala:: melhorei para entender a função de alguns termos da gramática:::, mas foi mais fácil fazer isso dentro do texto, igual no jornal.” (Luís)**

O aluno Luís, fala (2), assim como todos os alunos da EJA, por meio de um ensino consciente, precisam ter a consciência de que devem ter uma aprendizagem efetiva da sua língua materna e da diversidade existente nela, tendo como responsabilidade adequar-se para participar dos diferentes contextos em que ela estiver inserida. Isso pode transformá-lo em um cidadão ativo, que contribuirá com suas inferências no meio social.

Essas práticas podem ser notadas logo após do projeto do jornal, porque muitos alunos já se posicionaram de maneira mais confiante diante dos tipos de textos e ao escolherem suas leituras, como nos mostra a fala da aluna.

Fala (3)

*“[...] venho melhorando, mas estudando os textos variados, conheci outros tipos de textos >também to mais bem informada<, porque leio mais outros tipos de textos e isso ajuda:::” (Marta)*

Quando Marta diz que vem melhorando, isso mostra que já consegue por si só avaliar seu desenvolvimento, ou seja, ela já reconhece o seu crescimento e o monitora. Com o fato de sentir mais motivação para a leitura, pode nos mostrar que a aluna (fala 3), sente-se mais informada lendo várias tipologias textuais, ou seja, o projeto possibilitou a ela aluna a ampliação do conhecimento dos gêneros textuais, melhorando conseqüentemente seus discursos.

Fazer com que o educando tenha o exercício pleno da cidadania é uma das responsabilidades da escola, por meio de uma aprendizagem que valorize todas as suas potencialidades, explorando sua criatividade e o poder persuasivo perante a sociedade.

No entanto, a escola, ao reconhecer as limitações de seus alunos a partir desses conhecimentos, poderá planejar ações que contribuam para o seu crescimento acadêmico e como sujeito que busca o resgate da sua cidadania por meio da aprendizagem. Percebemos, durante este estudo, que muitas são as limitações que permeiam até o subconsciente dos alunos, pois, em entrevista a um dos alunos (João), ele nos relatou que o medo em voltar a estudar estava na sua idade avançada. Ele acreditava que, nos cursos da EJA, frequentavam apenas alunos jovens e que se envergonharia em matricular-se com uma idade que acreditava ser imprópria para a conquista do seu sonho.

Em entrevista, ele relata seus maiores anseios:

Fala (4)

***“[...]<De inicio eu senti dificuldades> :: pela idade, :: achava que sob ia encontrar jovens lá. E isso me travou. [...]” (João)***

Depois de anos sem estudar, ele, ao entrar na escola, teme encontrar um ambiente que, na sua visão, não seria o seu contexto ideal. Eis então a necessidade de a escola e toda a equipe pedagógica organizarem situações que possibilitem a discussão sobre esses assuntos e levarem seus alunos à reflexão sobre seus direitos garantidos por lei de concluírem seus estudos.

É importante que a escola, professores, coordenação e direção conversem com os alunos a respeito de sua entrada na EJA, explicando que esta é uma modalidade de ensino especialmente elaborada para eles, para que, neste momento, sintam-se acolhidos e valorizados no contexto escolar, respeitando suas dificuldades e necessidades.

Fala (5)

***“<Estou sem estudar a nove anos>, e vi::: na EJA a possibilidade de voltar a aprender e fazer numa faculdade, tenho muitas dificuldades:: porque eu trabalho o dia inteiro e não <consigo estudar direito> em casa.” (Luis)***

Podemos perceber na fala do aluno, (fala 5), que a escola é o melhor caminho para que alcance seus objetivos, isso significa que ele vê a escola como parte fundamental para suas conquistas sociais. O aluno acredita que, por meio da aprendizagem, poderá recuperar sua autoestima estudando um curso superior.

A organização por parte da escola para atender a esses alunos é grande, há uma participação ativa dos professores em elaborar horários de aula que vão ao encontro das necessidades dos alunos. Com isso, percebemos que havia muita procura por matrículas para a EJA na escola, essa participação por parte de toda a equipe escolar possibilita a eles compreenderem que sua presença naquele contexto é de suma importância e que a escola está preparada para recebê-los.

Fala (6)

***“Agora eu não vou mais desistir e desanimar:::[...]” (João)***

Esse aluno, por meio da EJA, sente-se amparado, logo vem a força para não desistir e isso mostrou a ele que não vale a pena desistir mais, isso só de dá por meio de estratégias de ensino que valorizem o aluno e suas potencialidades. Hoje João mostra-se preparado, respeitado e continua seus estudos sem desanimar, (fala 6).

Um fator importante que poderia melhorar em outros aspectos o desenvolvimento dessa modalidade de ensino seria um investimento maior para a formação dos professores diante das práticas de ensino. A organização estrutural da escola é de suma importância para seu funcionamento e dos seus alunos, mas será que os professores estão preparados para lidar com essa clientela? Será que receberam formação suficiente para integrar estes alunos por meio de um ensino consciente? Os professores sabem lidar com as questões do medo e do receio dos alunos em estudar?

Mostrar a esses alunos que sua entrada e permanência na escola são de extrema importância é um papel fundamental para a formação de um indivíduo, uma vez que eles já se sentem desvalorizados e estigmatizados perante a sociedade, mas cabe à escola esclarecer essas funções a eles. A educação precisa de projetos que contemplem ações de inclusão social e que promovam o conhecimento significativo e de acordo com as especificidades de cada um.

É função da escola socializar e levar ao conhecimento dos estudantes as leis que garantem a eles o direito de estudar, independente do tempo em que esteve fora da escola, como garante a LDB, 2007, art.37.: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”, ou seja, existe uma necessidade em levar ao conhecimento deles as leis que os amparam, pois a maioria as desconhece e deixa de cobrar seus direitos, que não podem ser negados ou mesmo dificultados em hipótese alguma.

Outra questão a ser discutida está em como valorizar o ensino que vem sendo ministrado nas aulas de Língua Portuguesa, que depende para essa modalidade, de métodos e estratégias diferenciadas, buscando atender às necessidades específicas destes indivíduos, pois outrora, por vários motivos, não puderam ou não conseguiram acompanhar as metodologias que se aplicam no ensino regular.

O aluno de mais idade tem as dificuldades, e o aluno jovem não? Esta questão será discutida por meio da entrevista de Luís, um dos alunos mais jovens da turma em estudo.

Durante a entrevista, perguntou-se a ele como vem sendo sua aprendizagem nas aulas de Língua Portuguesa. E ele responde o seguinte:

Fala (7)

***“[...] O que mais me chateia é::: que por eu ser jovem acham >que eu tenho que saber mais<, e não eh verdade, as vezes isso desmotiva::, quando o professor fala::: e corrige::: dizendo que era para sabermos mais::: [...]” (Luis)***

A resposta do aluno nos leva a refletir sobre “O que se ensina?”, “Para quem se ensina?” “O que espero do que ensino?”. A postura do professor não está apenas em ensinar ou solicitar que seus alunos mostrem seu conhecimento para que os avalie.

O aluno da EJA tem a necessidade de ser respeitado e valorizado mesmo que pareça que ele não precise de tal apoio. O aluno jovem que se matricula na EJA muitas vezes não demonstra ter certas limitações para a aprendizagem ou, em contrapartida, demonstra ter certos conhecimentos que na verdade não os possui quando avaliado.

No decorrer desse estudo, verificamos que, para esse tipo de aluno, o mais jovem, as estratégias de ensino da língua são específicas, a motivação deve partir do conhecimento prévio desse aluno e não responsabilizá-lo por não ter este ou aquele conhecimento, pois, se frequenta o curso da EJA, é porque de fato necessita recuperar seus anos de estudo. Diante das atividades propostas ao longo da pesquisa, constatamos que o professor cobra conhecimentos gramaticais de todos os alunos, com exercícios de fixação, por exemplo, atividades de perguntas e respostas e até mesmo os exercícios propostos no livro didático do ensino regular, pois não existem materiais, como os livros sequenciados para alunos da EJA.

Mas e as relações entre texto e gramática? Será que os alunos não aprenderiam mais se, por meio da leitura, houvesse a explanação da gramática? De fato, o aluno deve conhecer as normas gramaticais, mas também sabemos que ele necessita constituir relações entre elas para a produção de um texto. Quando perguntamos como a aluna a seguir vinha se desenvolvendo nas aulas de Língua Portuguesa e com relação às regras gramaticais antes do projeto, notamos que de fato o aprendizado não estava acontecendo.



Fala (8)

***“Nó::s fazíamos tudo junto na aula::: e o tempo pra mim era pouco, <eu tenho mais de vinte anos sem estudar> então::: nem sabia ler direito:: mais, daí entender então::: era mais difícil ainda. A gramática é muito difícil às regras >eu não entendo<” (Lucia)***

Uma vez que o professor ensina uma língua materna, ele deve estar atento em não repetir práticas e estratégias de ensino em todas as aulas. Quando o professor valoriza os discursos e utiliza recursos variados, como textos para leitura e interpretação, quando trabalha a gramática contextualizada aos textos variados e não se prende a regras e exemplos gramaticais que vem sendo repetidos ano a ano, existe uma maior compreensão por parte dos alunos.

Ao perguntar como a ela se desenvolve com relação ao que produz em sala e as regras gramaticais, responde o seguinte:

Fala (9)

***“Esta indo::: aos poucos::: eu não consigo ainda:: arrumar o texto direito, ma::s já <entendo mais o que escrevo> e::: aonde eu errei para reescrever. Ah::: também o que foi bom::: é que aprendi que não é certo ou errado e::: sim que devo melhorar para que em todos os lugares::: eu possa me comunicar:: na minha família:: no banco:: na igreja:: e até::: penso na redação do Enem.*” (Lucia)**

Compreendemos que, quando o aluno se sente respeitado e valorizado durante o processo de aprendizagem na escola, seu rendimento e desenvolvimento em todas as disciplinas podem evoluir, ou seja, incentivo e motivação contribuem para que a participação ativa dos alunos da EJA seja uma constante na escola. O aluno que reconhece suas potencialidades e compreende sua importância em papéis sociais que o envolvem, buscará constantemente o conhecimento para exercer ainda mais a sua cidadania e recuperar seu lugar diante das decisões e discussões em meio à sociedade, como nos mostra a aluna, (fala 9).

### 3.4 CONSCIENTIZAÇÃO DOS ALUNOS NA EJA SOBRE O USO DAS NORMAS DA LÍNGUA

É importante os professores conhecerem e respeitarem a diversidade linguística. A escola deve estar aberta para lidar com as questões de uso e variação da língua, pois ela é a principal via de acesso às oportunidades, possibilitando ao educando da EJA as participações nas mais diferentes esferas das camadas sociais, na busca de seu exercício como cidadão.

Esta é uma missão árdua, porém gratificante para o professor, que procura uma postura consciente diante da sua prática em sala de aula, dando significado mais concreto às aulas de Língua Portuguesa, ensinando de forma que valorize e prestigie todas as variantes da língua. Esse educador é reconhecido pelos alunos, quando valoriza o ensino para que eles possam compreendê-lo, ou seja, quando o professor utiliza recursos e estratégias que vão ao encontro das necessidades discentes, eles assimilam melhor essa prática.

Fala (1)

*“Ah::: foi bom, <eu gostei de ver a historia da minha vida ali> e::: mais ainda::: os professores dizendo::: que leram. Fiquei... feliz... em saber que sou importante”(Lúcia)*

Cabe à escola promover ações que sempre coloquem a prática pedagógica em reflexão, para que o professor, em suas atividades em sala de aula, possam se utilizar de instrumentos variados para o ensino da língua materna, instrumentos adequados para lidar com as regras e características das variedades linguísticas, ensinando todas as diversidades nela existentes. O aluno aprende quando se ensinam as possibilidades desses novos conhecimentos para sua vida cotidiana. O trabalho com o jornal proporcionou o uso da gramática estabelecendo significados mais palpáveis diante da comunicação, permitindo uma maior compreensão do seu uso por parte dos alunos.

Fala (2)

*“[...] foi bom fazer um jornal> porque eu conheci... uns textos que nunca tinha lido::: como os gêneros da receita::: os artigos de Campo Grande foi legal:::” (Lúcia)*

Outra questão importante está na metodologia de ensino. O professor não pode descartar o vocabulário que há anos o aluno utilizava, porque muitas vezes esta era a única forma que conhecia para sua interação, sem regras gramaticais, mas havia de fato a comunicação.

Quando falamos do ensino de gramática no momento da entrevista, (fala 2), o medo e o receio sobre este assunto era marcante. Talvez por causa do gravador, a aluna sentiu-se intimidada em relatar suas angústias durante as aulas, por se tratar de uma grande dificuldade de aprendizagem.

Fala (3)

***“Ah:: que difícil falar disso... ainda mais agora::< gravando. Eu gosto de português... mas::< acho ele muito complicado. ::: parece que ::tudo que fazia tava errado..” (Maria)***

O aluno da EJA, como a Maria (fala 3), chega à escola com um vocabulário extenso do qual, há anos, utilizou-se para comunicar-se. Ensinar-lhe que a linguagem vinda de casa é o retrato da sua cultura e identidade dá-lhe segurança; mas ele precisa conscientizar-se de que está diante das diferentes formas linguísticas e não dos erros, e sim do que é adequado e inadequado, dependendo do contexto de fala e escrita, pois, para a aluna, o que mais a aborrecia e tornava difícil a aprendizagem era o fato de tudo o que produzia estar errado.

Nesse sentido, é papel do professor apontar as tendências que envolvem o uso e adequações da língua para os alunos da EJA, sem que sintam que suas produções possam ser tachadas como “erradas”. Bortoni – Ricardo (2007, p. 9), esclarece que “os chamados ‘erros’ que nossos alunos cometem têm explicação no próprio sistema evolutivo da língua”, portanto, são previsíveis e podem ser trabalhos em sala de aula de uma forma sistêmica e que os valorizem diante das transformações decorrentes na língua.

Quando valorizamos o ensino da língua materna com base no respeito às diversidades, de fato os alunos mostram-se participantes desta nova aprendizagem com um interesse maior nas aulas de Língua Portuguesa e buscam novas aprendizagens. Com o projeto do jornal, ao inserirmos as produções próprias dos alunos, as atividades tornaram-se ainda mais participativas. Como os textos foram elaborados por eles, trabalhamos os aspectos gramaticais dentro do texto e ao mesmo tempo mostramos como era importante para a escola

conhecer a cultura dos alunos, sua identidade e sua origem por meio da linguagem. Os alunos sentiram-se valorizados e respeitados.

Fala (4)

***“Eu::: achei que não ia valer a minha receita <que era de um caderno antigo> e tava:: tudo escrito errado. Quando a professora falou que ia manter aquilo::: que a gente levasse:: eu fiquei com medo. mas foi La que fizemos as arrumações::: no texto e quando vi::: que o que eu tinha no livro de receita era importante e foi valorizado:::, foi muito bom.” (Maria)***

Valorização da diversidade e história de vida dos alunos abre um leque de possibilidades que lhes permite inúmeras estratégias de ensino da língua. A aluna citada mostrou (fala 4), ao longo da entrevista, que tinha muitas dificuldades nas aulas de Língua Portuguesa, não que após o jornal não tenha mais dificuldades, elas existem entretanto, quando compreenderam que não há uma língua única tida como regra, ampliaram-se as possibilidades de comunicação.

O aluno percebe, diante das estratégias de ensino diversificadas como as utilizadas por meio dos gêneros, que cada situação de comunicação requer uma linguagem adequada, oral ou escrita.

Fala (5)

***“Hoj:::e eu entendo que devo é me preparar para escrever. >Sabe<, ter consciênci:::a do que escrevo e::: pra quem to escrevendo...” (Lúcia)***

Todas as áreas devem estar envolvidas, não só os professores de Português devem ser esclarecidos das transformações existentes na linguagem, e que todas as línguas possuem regras, umas mais monitoradas do que as outras na linguística moderna. Isso, na fala da aluna, ficou evidenciado, pois ela agora monitora seu estilo de fala e escrita, e esse fator é importante para suas realizações fora do contexto escolar.

Cabe ao professor enfatizar que, “se a regra é tida como ‘errada’, é simplesmente porque ela é diferente da regra única e categórica imposta pela tradição gramatical normativa”, sendo que essa regra está relacionada a um tipo de falante, os mais letrados. Por isso cabe à escola orientar os alunos da EJA como utilizarem dessa norma elaborada e que

goza de prestígio socialmente, mostrando-lhes que, assim, poderão enriquecer ainda mais seu vocabulário e discurso comunicativo.

Fala (6)

*“Depois::: reescrevi para editar::: e entendi::: que algumas modificações tinham que ter mais a professora::: ter dit:::o que o:: primeiro... <aquele primeiro texto> também era importante, me sent:::i respeitada::: e feliz. Mas entend:::i que tinha que adequar o texto.” (Maria)*

Nada pode desvalorizar a variedade linguística própria de cada aluno, pois é por meio dela que ele estabelece relações dentro da sua comunidade. É importante conscientizá-lo de que a língua pode variar de acordo com a situação comunicativa, por isso a necessidade de conhecer todas as variações da Língua Portuguesa. Maria nos mostra, por meio de sua fala, que compreendeu que a gramática normativa e a linguagem informal podem caminhar juntas de acordo com o contexto de uso delas.

Toda a variedade existente na língua, seja ela regional, de idade ou sexo, de grupos sociais, de diferentes culturas, deve ser reconhecida, respeitada e valorizada, pois reflete uma identidade única e individual do ser humano. Sua identidade não pode ser descartada em métodos de ensino que ditam regras entre o que está “certo” e “errado” diante da linguagem. É por meio da linguagem específica de cada falante que se podem caracterizar as peculiaridades de cada indivíduo, as quais também são intransferíveis, ou seja, o aluno não pode deixar de ser nordestino, por exemplo, para ser sul- mato-grossense apenas para agradar a um estilo de fala.

A Sociolinguística tem muito a contribuir para as questões que envolvem o tratamento da variação, por exemplo, no contexto real da sala de aula. Por ser uma área abrangente e que constantemente pesquisadores e estudiosos analisam e investigam a língua em uso, precisamos, enquanto professor de Português, estar dispostos a reconhecer e utilizar novos conceitos que possibilitem uma aprendizagem ainda mais significativa da Língua Portuguesa. O aluno consciente pode monitorar seu estilo, ou seja, ele saberá adequar à linguagem diante das situações que estiver vivenciando. Marta nos mostra que compreendeu o uso das regras diante das variedades na língua.

Fala (7)

*“... Se falo com meus amigos de um jeito não posso escrever para a professora::: por exemplo na redação do mesmo jeito.” (Marta)*

Os conceitos que precisam ser ensinados durante as aulas de Português são que língua e sociedade são duas realidades entrelaçadas e se relacionam a todo instante de tal modo que não podemos conceber uma sem a outra. O ensino deve mostrar aos alunos da EJA e das demais etapas que esse fenômeno da variação acontece no Brasil. Isso se dá também em todos os países, mas precisamente em todas as esferas. Onde existem uma língua e um falante, ocorre o fenômeno variacional da língua.

Para a escola, o estudo demonstrou que não basta apenas identificar os fracassos em provas que exige escrita, mas sim levantar os aspectos relevantes que levam esses alunos ao baixo rendimento nas avaliações externas e atentar-se para como vêm sendo os métodos de avaliação propostos pela escola. Existe, dentro da instituição escolar, um instrumento que norteia as metodologias de ensino, o Projeto Político Pedagógico da escola, muito importante e necessita estar amarrado às ações que o professor executa em sala de aula.

Dentro do Projeto Político Pedagógico, foi incluído, durante a sua elaboração, com todo o corpo docente, equipe escolar e inclusive a comunidade local, um ensino da Língua Portuguesa, disciplina em questão, com propostas de projetos pautados na conscientização e reflexão sobre a língua diante do ensino e aprendizagem dos alunos, sem discriminação, possibilitando discutir, ensinar e adequar todos os aspectos que a envolvem.

Reafirmamos as palavras acima com as propostas de Castilho (2004, p. 21): “A escola deve iniciar o ensino da língua valorizando o aluno em seus hábitos culturais, levando-o a adquirir novas habilidades desconhecidas”. O ponto de partida é, então, uma reflexão gramatical sobre os conhecimentos linguísticos que os alunos já possuem ao chegar à escola.

Há que se ter a sensibilidade da escola e professores para uma prática que valorize o ensino da Língua Portuguesa, respeitando a cultura, identidade, etnia, raça, considerando o modo de falar de cada aluno, e principalmente partindo das produções realizadas, para que este aprendiz possa, segundo Castilho (2004, p. 22), “saber escolher a variedade adequada a cada situação”. Estes são os ideais da formação linguística do cidadão numa sociedade democrática.

## REFLEXÕES FINAIS

*“[...] Eu preciso sempre melhorar e aprender mais, mas hoje eu sei que sou importante[...]”  
(Aluno da EJA)*

Este capítulo traz as relevâncias deste estudo bem como os objetivos propostos no início da pesquisa, buscando relacionar minhas expectativas ao longo do projeto com os resultados obtidos, considerando as propostas metodológicas deixadas na escola a fim de contribuir para o ensino da Língua Portuguesa na EJA frente à diversidade linguística no Brasil.

Como professora e coordenadora de Língua Portuguesa e após este estudo, é possível olhar para o contexto escolar e entender um pouco mais sobre as abordagens e metodologias de ensino do Português na EJA, assim como as abordagens dos professores e comportamentos dos alunos. Muitas são as tarefas a serem realizadas em sala de aula para ajudar nossos alunos a desenvolverem uma ampla capacidade comunicativa nas diferentes situações cotidianas. Eis o nosso maior desafio.

Com este estudo, torna-se claro que a escola é um espaço físico mais diversificado do que podemos imaginar. É um lugar onde a linguagem difere nos aspectos: sociocultural, político e social, dentre outros, sendo um ambiente em que os alunos interagem entre si, assumindo seu papel social.

Ao longo desta pesquisa, compreendi por que os professores ensinam a Língua Portuguesa de maneira prescritiva e absolutamente ligada aos métodos indicados pelos livros didáticos e referenciais de ensino. No tocante ao papel do professor, vale considerar que a maioria se utiliza de métodos tradicionais por desconhecem ou não ser permitido utilizar novas práticas metodológicas em suas aulas. Com isso, nossos alunos sofrem por não compreenderem o funcionamento da língua como formas diversas de comunicação, conhecendo apenas “o que pode e o que não pode diante da língua”, consideradas como “erros” diante da fala e da escrita.

Práticas diferenciadas atendem de forma mais eficaz os alunos da EJA, pois metodologias de ensino convencionais nos parâmetros propostos em livros didáticos não contemplam o ensino da Língua Portuguesa diante dos vários tipos de linguagens,

estigmatizando ainda mais esses indivíduos que buscam na escola o amparo para que possam reconstruir os sonhos da infância em estudar.

Partindo desse desafio, a escola deve dar o primeiro passo para um ensino da língua materna com base na reflexão, contemplando todas as variações existentes na língua, a fim de possibilitar ao aluno monitorar seu estilo de fala e de escrita, a partir dos conhecimentos que lhe foram ensinados.

Acreditamos que as pesquisas sociolinguísticas estejam avançando e a cada dia vêm utilizando parte do contexto escolar, uma vez que é nele que encontramos uma gama de discursos, ideologias, culturas e linguagens diversificadas.

A proposta inicial dessa pesquisa originou-se a partir da preocupação de como vem sendo o ensino da Língua Portuguesa para os alunos da EJA. O projeto deu-se diante da necessidade de o professor ensinar a Língua Portuguesa para alunos da EJA de forma consciente sobre o seu uso, tornando o aluno capaz de conhecer as formas mais prestigiadas da língua sem desmerecer as demais, mas refletindo sobre o uso adequado desta ou daquela variação diante do contexto comunicativo.

O objetivo geral em torno desta pesquisa é contribuir para uma prática pedagógica responsável e consciente na EJA, em que, por meio das aulas de Português, o professor possa ensinar a norma padrão, mas respeitando as diversidades linguísticas, conscientizando os educandos sobre a importância de adequá-las aos diferentes contextos linguísticos.

Considerando todas as etapas executadas ao longo do projeto e no desenvolvimento da pesquisa, os alunos perceberam que essas teorias podem colaborar para o aprendizado da Língua Portuguesa, alguns deles mostraram-se mais confiantes e com isso demonstraram confiança diante das novas metodologias de ensino.

O aluno da EJA é um indivíduo disposto a aprender, suas intenções estão em alcançar seus objetivos pessoais de vida por meio da aprendizagem e isso tornou sua participação ainda mais significativa perante os resultados alcançados.

Em determinados momentos do desenvolvimento deste trabalho, notamos que a postura dos alunos mudou ao longo das propostas de atividades, como a do jornal, por exemplo. Eles consideraram que novas metodologias utilizando textos variados e também de seu conhecimento de mundo podem construir significados mais palpáveis durante a aprendizagem. O trabalho com o jornal proporcionou momentos de produção que outrora não haveria se os alunos não tivessem o incentivo de escrever sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano e com textos que possibilitassem o uso das diversas linguagens.



Partindo das entrevistas, consideramos ainda mais importante a valorização de todas as formas de expressão realizadas pelos estudantes, tornando claro o ensino das variações existentes na língua, desde as mais prestigiadas e de acesso a camadas mais altas da sociedade até aquelas mais desprestigiadas, entretanto carregadas de histórias de vida, de cultura, de identidade do falante; todas as formas de comunicação são legítimas e devem ser ensinadas e compreendidas.

O desafio está em conscientizar o aluno da EJA sobre as diferenças para que ele por si só possa ter condições de monitorar seu estilo, mas esta conscientização em nada deve prejudicar seu processo de ensino e aprendizagem. Este deve ocorrer diante do respeito às características individuais do aluno, e que possa sentir-se valorizado em suas produções e preparado para respeitar e fazer-se respeitar diante das variações existentes na língua.

O jornal trouxe para a sala de aula os gêneros textuais de uma forma simples. Toda escola tem um projeto em que se trabalha com jornal, este faz parte dos conteúdos indicados pelos referenciais curriculares, no entanto o diferencial para esses alunos da EJA foram os conceitos da Sociolinguística, que permitem um tratamento da variação diferenciado nas práticas de ensino do Português em sala de aula. A metodologia utilizada para a elaboração do jornal trouxe de maneira consistente as noções sobre a língua e a linguagem por meio do ensino democrático e reflexivo dos aspectos linguísticos do Brasil.

Os conceitos sobre a heterogeneidade da língua foram explanados em todos os aspectos, evidenciando aos alunos a necessidade de compreenderem que não existe um estilo único de falar. Encontramos apoio para exemplificar esses conceitos durante o desenvolvimento do jornal, onde apresentamos textos variados, como as piadas que, na maioria das vezes, trazem uma linguagem diversificada, diferente dos outros textos como as receitas, bulas de remédio, dentre outros. O gênero piada colaborou para comprovar e interagir durante a explicação dessa heterogeneidade da língua.

Outro objetivo alcançado foi possibilitar o uso das diferentes variações da língua e promover o conhecimento do seu uso sem discriminações e preconceitos. Essa metodologia pode contribuir para que o aluno reconheça que a língua é uma propriedade de todo o corpo social que a emprega, entretanto que pode variar de acordo com as regiões brasileiras, as profissões que utilizam uma linguagem própria para cada situação, as várias comunidades, diante da faixa etária, do sexo, enfim, o aluno pode compreender que a língua é viva e que nela existem inúmeras formas de se falar a mesma palavra, por exemplo.

Enquanto pesquisadora e professora da EJA foi gratificante permear as expectativas dos alunos da escola, que buscam novos conhecimentos, no entanto é

fundamental ter um olhar atento e que respeite suas diferenças e limitações, tornando-os capazes de reconhecer suas potencialidades e buscar alcançá-las. Esta pesquisa demonstrou essas habilidades nos alunos que estão com vontade de aprender.

No que diz respeito ao ensino da gramática normativa diante das diversidades linguísticas, de agora em diante, esses alunos passarão a refletir mais e a monitorar sua fala. Com o trabalho do jornal, que serviu de estratégia para ensinar sobre as variações existentes na língua, compreenderam, através dos gêneros textuais, as possibilidades de discursos existentes, entretanto que, para utilizá-los, eles deverão adequá-los às situações de acordo com as necessidades comunicativas em que estiverem inseridos.

A apresentação dessas formas de variação colaborou para que os alunos entendessem que, sendo a língua viva e passível de transformações, é possível encontrar dialetos diferentes do que estamos habituados, no entanto ações que possam discriminar o uso da linguagem devem ser combatidas. A esses alunos foi ensinado que a comunicação não pode ser restrita a uma única regra. Para exemplificar a metodologia que utilizamos e mostrar os objetivos alcançados, relembro a atividade com o grupo de alunos que cuidou da elaboração da pauta das receitas.

A palavra mandioca, que para alguns é macaxeira, ganhou importância para tratarmos de assuntos como o preconceito linguístico. Mais uma vez relembro a proporção que tomou o projeto do jornal, levando aos alunos o reconhecimento de que as palavras podem variar para este ou aquele falante de determinadas regiões, no entanto ele não pode sofrer discriminações ao utilizá-las só pelo fato de não ser utilizada na região em que se encontra.

Alguns alunos mostraram-se satisfeitos em saber que existem estudos sobre essas práticas discriminatórias e que tais ações não podem ganhar espaço na sociedade. A partir do estudo, esses alunos vão tentar combatê-las em sala de aula e fora dela.

No decorrer da pesquisa, durante o desenvolvimento do projeto do jornal escolar e diante da participação dos alunos, o aluno da EJA procura constantemente novos conhecimentos e essa procura se dá pela vontade de recuperar o tempo que passou e obter um maior conhecimento na escola de hoje com recursos atuais. Quando foi proposto desenvolver o jornal também na Sala de Tecnologia, não apenas o projeto foi envolvido no contexto das mídias como também se promoveu a inserção de muitos alunos em um contexto desconhecido por alguns deles.

A Sala de Tecnologia atualmente nas escolas públicas tornou-se um local de acesso para poucos, somente alunos que dominam os conceitos tecnológicos e sabem lidar

com o computador frequentam as aulas, os demais temem não desenvolver as atividades propostas e muitas vezes não participam das aulas. Os alunos participantes da pesquisa mostraram interesse pela proposta apresentada na Sala de Tecnologia e perceberam que o computador e os produtos tecnológicos são recursos de aprendizagem que podem levar ainda mais conhecimento para as aulas, possibilitando uma participação ainda mais efetiva e de caráter inclusivo aos alunos da EJA.

No entanto, alguns sentiam medo ao manusear a máquina, ou até mesmo acreditavam que aprender a lidar com a tecnologia nesta altura de suas vidas não seria tão importante. Mas como a proposta era de trabalho em equipe de produção do jornal, todos os alunos participaram de sua edição na Sala de Tecnologia. Aprender a lidar com as limitações foi uma das conquistas daquela turma, que mostrou coragem em admitir seus medos e buscou enfrentá-los.

Ao trabalhar com os conceitos linguísticos e com as mídias em geral, foi gratificante enquanto pesquisadora, pois aqueles alunos não foram inclusos apenas em suas práticas comunicativas, mas de agora em diante conscientes sobre a língua em uso. Com este projeto, incluímos também na vida deles as tecnologias, que acreditavam pertencer a um mundo que não era deles e, de agora em diante, percebemos que a autoconfiança mostrou a eles a necessidade de saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

A proposta deixada para a escola poderá contribuir não só nas aulas de Língua Portuguesa, mas em todas as áreas e disciplinas, que podem, por meio dos recursos tecnológicos, enriquecer seu conteúdo e proporcionar uma aprendizagem que possibilite a inserção dos alunos em outros contextos de vida social.

Acredito ser possível desenvolver atividades que favoreçam o desenvolvimento de habilidades comunicativas e linguísticas por parte dos alunos. E a escola é responsável para que isso ocorra sem, contudo, desvalorizar a língua materna dos alunos. Com o término do estudo, enquanto pesquisadora reconheço que não é somente escolhendo uma perspectiva teórica que ensinamos a Língua Portuguesa para o aluno.

A educação linguística deve tratar das diferentes abordagens da língua e da linguagem também fora de seus contextos teóricos, devendo levar o aluno à assimilação do conteúdo, ensinando-o e conduzindo-o ao posto de observação, ou seja, tornar o aluno da EJA o próprio condutor do uso adequado ou não da língua, exercitando neste aluno um olhar reflexivo a respeito, levando-o a perceber e a utilizar todas as formas de variação da Língua Portuguesa, respeitando e fazendo-se respeitar perante a sociedade.

O projeto possibilitou-me compreender que devemos discutir, ao longo do nosso fazer pedagógico estratégias de ensino da Língua Portuguesa para alunos da EJA, que vão ao encontro das necessidades de cada um, que atendam a particularidade e diversidade das demandas sociais.

Por meio da elaboração deste projeto e durante seu desenvolvimento tão abrangente, percebi que devo continuar a pesquisar e estudar a diversidade da língua na EJA assim como também seus sujeitos, buscando cada vez mais auxiliar no processo de ensino e aprendizagem desses alunos, lutando contra qualquer forma de preconceito e buscando a valorização dessa modalidade de ensino.

Operamos em alguns obstáculos, abrindo caminhos para um ensino e aprendizagem mais significativa, que permite refletir sobre o uso da língua no contexto social sem gerar desigualdades. As discussões e análises, ao longo deste trabalho, contribuíram para uma formação justa dos alunos da EJA, partindo de uma aprendizagem que se produz e transforma o sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: parábola, 2007.

\_\_\_\_\_. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 7. ed. São Paulo: Ática, 1993. Série Princípios.

BORTONI-RICARDO. S. M. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

CALVET, L. J. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Políticas Linguísticas**. São Paulo: Parábola, 2007.

CASTILHO, de. T. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo. Editora Contexto, 2004.

### **CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988.**

DAVIS, K. A. **Qualitative theory and methods in applied linguistics research**. *TESOL Quarterly*, v. 29, n. 3, p. 427-453, 1995.

EITERER, Carmem Lucia; PEREIRA, Maria Antonieta. Propostas de trabalho no currículo da EJA. In: *Presença Pedagógica*, v. 15, n. 88, p. 71-76, jul./ago. 2009.

\_\_\_\_\_. IBGE – Instituto **Brasileiro de Geografia e Estatística**. Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira. 2010.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e desvendar o Mundo**. Artigo Ddº PUC/SP, Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p111-122\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf). Acesso em maio de 2011.

MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC /EF, 1997.

MOLLICA, M. C e BRAGA, L. M. **Introdução à Sociolinguística**. O tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

MONTEIRO, TELLES, J. A. **“É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!” Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas**. *Linguagem e Ensino*, v. 5, n. 2, p. 91- 116, 2002.

MONTEIRO, LEMOS, J. Para compreender LABOV. Petrópolis RJ: Editora Vozes. 2002.

POSSENTI, S. **POR QUE (Não) ENSINAR GRAMÁTICA NA ESCOLA.** Campinas SP. 6ª reimpressão 2000, Mercado das Letras.

PINTO V. A. **Sete Lições Sobre a Educação de Jovens e Adultos.** São Paulo SP. 2003 Cortez Editora.

PERINI, Mário Alberto. **A gramática gerativa; introdução ao estudo da sintaxe portuguesa.** Belo Horizonte. Vigília.1976.

REFERENCIAL CURRICULAR 2012 ENSINO MÉDIO: **Língua Portuguesa, Campo Grande, MS: 1ª edição.**

REZENDE. A. M. **Os saberes dos professores da Educação de Jovens e Adultos: o percurso de uma professora.** Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

SOARES. M. **LETRAMENTO: Um Tema em três gêneros.** Belo Horizonte: 4ª ed. Autêntica Editora, 2010.

SUZUKI, Juliana Telles Faria. **Tecnologia em educação: pedagogia/Juliana Telles Faria Suzuki, Sandra Reis Rampazo.** São Paulo. Pearson Education do Brasil, 2009.

TELLES, J. A. “É pesquisa ,é? Ah, não quero, não, bem!” **Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. Linguagem e Ensino, v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.**

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: 6ª edição, editora ática, 1999.

TRAVAGLIA, C. L. **GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: uma proposta para o ensino gramática.** São Paulo. Editora Cortez, 2009.

# ANEXO 1

## Termo de compromisso

### Projeto de Pesquisa: “REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EJA FRENTE À DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO BRASIL”

#### Termo de Compromisso

Entendo que o propósito desta pesquisa é “refletir sobre o ensino da Língua Portuguesa na EJA frente à diversidade linguística no Brasil”.

Eu confirmo minha participação voluntária nesta pesquisa e posso desistir do projeto a qualquer momento que julgar conveniente.

Reconheço que recebi informações da pesquisadora, esclarecendo os procedimentos que serão usados no projeto e sei qual é o meu papel como participante.

Caso eu prefira, meu verdadeiro nome não será utilizado. Também estou ciente de que partes das entrevistas e observações de sala de aula poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em trabalhos, congressos etc.

Receberei a transcrição de todas as minhas entrevistas para checá-las.

Entendo que um relatório dos resultados finais estará a minha disposição ao final do estudo, caso assim deseje.

Reconheço que recebi uma cópia do termo de compromisso.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

Telefone:

\_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## ANEXO 2

### Convenções de Transcrição

Fonte: ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Transcript notation. In: \_\_\_\_\_. **Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis**. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1984.

Símbolos	Especificação
...	Pausa observada ou quebra no ritmo da fala, com menos de meio segundo.
..	Pausa de meio segundo, medida com cronômetro.
...	Pausa de um segundo.
(1.5)	Números entre parênteses indicam a duração da pausa acima de um segundo durante a fala, medida com cronômetro.
.	Descida leve sinalizando final de enunciado.
?	Subida rápida sinalizando uma interrogação.
,	Subida leve (sinalizando que mais fala virá).
-	Parada súbita (palavra truncada).
:	Alongamento de vogal (::: alongamento maior).
> <	Tempo e ritmos rápidos.
< >	Tempo e ritmos lentos.
Sublinhado	Ênfase.
MAIUSCULAS	Muita ênfase ou acento forte.
=	Dois enunciados relacionados por (=) indicam que não há alta na pausa.



[	Fala justaposta/duas pessoas falando ao mesmo tempo.
(( ))	Comentários do pesquisador.
( )	Transcrição impossível.
(palavra)	Transcrição duvidosa.
↑↓	Marca pontos de elevação e descida entonacional.

## ANEXO 3

### Entrevistas

#### Entrevistado: João

Linhas	Participante	Entrevista
01 02 03	Janaina	Bom, por favor, fale rapidamente sobre as aulas de LP na EJA nesta escola.
04 05 06 07	João	Bem ::: , eu sou aluno nesta escola? ::: mas tenho ::: <u>aqui</u> nesta escola >achei que não ia aprender< como to aprendendo. ::: Achei muito difícil no começo::: as aula de <u>LP e gramática</u> . <u>Mas</u> estou conseguindo.
08 09 10 11	Janaina	Ta, bom. E na sua opinião, agora falando nas <u>aulas e aprendizagem</u> , podemos? Qual a maior >dificuldade e desafios< encontrados por você na aprendizagem dos <u>conteúdos</u> de LP?
12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24	João	(0,5) <De inicio <u>eu</u> senti dificuldades> :: pela idade, :: achava que sob ia encontrar jovens lá. <u>E isso me travou</u> .. Mas depois :: eu vi:: que não era iss:::o. E <u>com o projeto</u> ,<percebi que não er:::a bem isso> o que mais me incomodou <u>foram as piadas</u> e comentário até de professores... pelo jeito que eu falo. >Eu sou nordestino e por causa do meu sotaque< eles achavam engraçados::: e mandavam eu repetir o que falava sempre:::. <u>Até os professores viu?</u> Mas depois daquele trabalho do jornal::, da historia da minha vida::, <eu consegui mostrar pra eles de onde vim e como era bom lá> também. :::E isso já melhorou::: <u>Achei que melhorei na leitura e interpretação</u> , depois do jornal que trabalhei muito a escrita e reescrita ::: .
25 26	Janaina	<u>Você ainda sofre preconceito na hora de falar e escrever na sala de aula?</u>
27 28 29 30 31 32 33 34	João	Não mais:::. Mas sofria até alguns dias atrás por eu ser nordestino:: <as pessoas sempre zombavam e até os professores faziam piadas sempre com o nordestino e sua maneira de falar>. <Eu ficava chateado> e nem queria mais abrir a minha boca: na sala de aula::por causa do meu sotaque. >Mas ainda bem, hoje não mais<, quando fazem alguma piadinha::, <u>falo logo que desistam de me irritar</u> . <u>Agora eu não vou mais desistir e desanimar</u> :::
35 36	Janaina	Mas e nas aulas, <u>agora como esta sua leitura, interpretação de textos e termos gramaticais?</u>

37 38 39 40 41 42 43 44 45	João	Melhorei muit:::o. Agora sei como devo escrever:: <Olhe um exemplo?> Agora sei... que quando escrevo um bilhete para minha esposa... <u>pode ser informal</u> , porque ele é um texto curto e rápido:::, mas se fosse uma carta ou um recado lá no meu serviço, a:::i eu ia >ter que elaborar um texto mais formal e claro<. Eu preciso sempre melhorar e aprender mais, mas hoje eu sei que sou importante ma:::s <u>quero crescer no meu trabalho</u> então tenho que melhorar. <u>O trabalho do jornal ajudou muito.</u>
46	Janaina	Gent:::e, agora todo ano vou fazer uma edição deste jornal.

## Entrevistado: Luís

Linhas	Participante	Entrevista
01 02	Janaina	Bom... <u> você é um aluno da EJA e jovem, porque esta fazendo esta modalidade?</u>
03 04 05 06	Luís	<Estou sem estudar a nove anos>, e vi::: na EJA a possibilidade de <u>voltar a aprender e fazer numa faculdade</u> , tenho muitas dificuldades::: porque eu trabalho o dia inteiro e não <consigo estudar <sup>↑</sup> direito> em casa.
07 08	Janaina	Como esta sendo seu aprendizado nas aulas de LP? E como você se vê em desenvolvimento?
09 10 11 12 13 14 15 16	Luís	Ah!::: Agora até meu patrão disse <que eu estou evoluindo>, ma::s também percebo que tenho muita dificuldade::: <u> com a gramática e os tipos de leituras</u> , acho os conteúdos muito extensos e pouco tempo de aula. O que mais me chateia é::: <u> que por eu ser jovem acham</u> >que eu tenho que saber mais<, e <u> não eh verdade</u> , as vezes isso desmotiva:::, quando o professor fala::: e corrige::: dizendo que era para sabermos mais::: ↑
17	Janaina	<u>Como é a questão da correção nas aulas de LP?</u>
18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29	Luís	Os professores de LP::: muitas vezes ensinam bem:::, < mas é que tenho dificuldades> e quando escrevo do meu jeito por exemplo::: dizem só que ta.. errado. Depois de reescrever::: os textos do jornal <u> eu entendi</u> porque eles <u> estavam errados</u> , ou::: >quer dizer não é errado mas sim inadequado para aquele momento<, mas em outro momento::: poderia sim estar adequado. Entendi::: que existem muitas formas, de falar:::, e eu tenho que me adequar e respeitar todas as formas de falar, ah!::: de escrever também, e <u> eu acho que é a parte mais difícil</u> , mas me si:::to <u> mais seguro</u> . :::Sinto agora mais segurança, quando::: escre:::vo, entendo que tem::: muitas formas::: de >escrever<, no meu trabalho::: e <u> meu chefe quer que eu estude mais para fazer faculdade</u> .
30 31	Janaina	E o preconceito linguístico, você já sofreu, sofre ou nunca aconteceu?
32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42	Luís	Quando eu disse pra uma professora::: de LP que eu ia ser bancário::: <u> ela riu</u> , não só ela ne:::h, e disse que eu tenho que melhorar::: e estudar muito:::, do jeito que eu falo e escrevo... fiquei trist:::e mas as vezes neh::: ela tava certa:::. <u> Só que acho que agora depois dessas aulas alguns conceitos dela podem ter mudado</u> , eu melhorei::: e sei que o que eu falo pode ser adequado:::, sim e não <deixa de ser importante>. :::Quando eu escrevo ou faço um trabalho em sala::: melhorei para entender a função de alguns termos da gramática:::, <u> mas foi mais fácil fazer isso dentro do texto, igual no jornal</u> .
43	Janaina	<u>Obrigada</u> .

**Entrevistado: Marta**

Linhas	Participante	Entrevista
01 02 03	Janaina	Marta:: conta como é seu desempenho nas aulas de LP v::ocê consegue:: <u>aprender os conteúdos propostos</u> :::, e fala um pouco sobre <u>gramática</u> .
04 05 06 07	Marta	Meu aprendizado em português:: <u>não era tão ruim assim...</u> ma::s tinha muitas dificuldades:: em entender aqueles conteúdos <u>da gramática</u> . Eu nem tinha uma gramática:: e:: <aqueles> nomes lá::nossa nun::ca aprendi.
08	Janaina	Mas como você realizava as avaliações?
09 10 11 12 13 14 15	Marta	Nossa era muito difícil::: <u>Depois que eu vi que não precisa separar texto e gramática</u> vi que era melhor... aprender tudo junto. ::As provas eram sempre de duas ou três páginas::, <eu mesmo não terminava no mesmo dia>, com o trabalho que vamos fazendo agora:: eu sei o que é um sujeito::: na <frase>, por exemplo::: dentro do texto. <u>Não sei por que tinha que estudar separado.</u>
16 17	Janaina	Como foi para você::: aprender mais sobre os gêneros textuais:: a as variações da língua?
18 19 20 21 22 23	Marta	Foi bom::: <u>igual dos meus colegas</u> . Achava::: <u>antes que tudo estava errado</u> e até levava a gramática da escola para estudar:: Mas agora::: <sei não era errado> <u>em sim um texto deve ser adequado ao contexto</u> . Se falo com meus amigos de um jeito não posso escrever para a professora::: <u>por exemplo na redação do mesmo jeito.</u>
24 25	Janaina	<u>Você conhece agora os termos linguísticos dentro do texto?</u>
26 27 28 29	Marta	Conheço::: alguns::: sim, <u>venho melhorando</u> , mas estudando os textos variados, <u>conheci outros tipos de textos</u> >também tô mais bem informada<, porque leio mais outros tipos de textos e isso ajuda:::
30 31	Janaina	Está ótimo::: Vamos continuar isso é bom::: <u>essa empolgação de vocês em cada dia conhecer mais e ter mais leituras.</u>

## Entrevistado: Lúcia

Linhas	Participante	Entrevista
01 02	Janaina	Bom:: nas aulas de LP, como eram trabalhados as leituras:: produções e os aspectos linguísticos (gramática)
03 04 05 06 07	Lúcia	Nó::s fazíamos tudo junto na aula:: <u>e o tempo pra mim era pouco</u> , <eu tenho mais de vinte anos sem estudar> então:: nem sabia ler direito:: mais, daí entender então:: era mais difícil ainda. <u>A gramática é muito difícil</u> às regras >eu não entendo<
08	Janaina	<u>Como esta sendo suas produções em sala?</u>
09 10 11 12 13 14 15 16 17	Lúcia	Esta indo:: aos poucos:: eu não consigo ainda:: arrumar o texto direito, ma::s já <entendo mais o que escrevo> e::: aonde eu errei <u>para reescrever</u> . Ah::: também o que foi bom::: <u>é que aprendi que não é certo ou errado</u> e::: <u>sim que devo melhorar</u> para que em todos os lugares:: eu possa me comunicar:: na minha família:: no banco:: na igreja:: e até::: <u>penso na redação do Enem</u> . >Não quero agora ter uma profissão<::: <u>mas quero sempre estudar, sei que é meu direito</u> .
18 19	Janaina	<u>Você sofreu algum preconceito linguístico? E mais você participa ativamente das aulas?</u>
20 21 22 23	Lúcia	Não::: sofri como meu colega:: Acho que meus colegas entendem:: a minha dificuldade, <u>por cauda da idade</u> :: mas por parte de professor:: e fora da escola::: <u>tem gente que não acha que o que eu falo está certo, ou o que eu escrevo vale a pena ler</u> .
24	Janaina	Como foi para você o trabalho com o jornal?
25 26 27 28 29 30 31	Lúcia	Ah::: <u>foi bom</u> , <eu gostei de ver a história da minha vida ali> e::: mais ainda::: os professores dizendo:: que leram. Fiquei... feliz... <u>em saber que sou importante</u> <e foi bom fazer um jornal> porque eu conheci... uns textos que nunca tinha lido::: como os gêneros da receita::: os artigos de Campo Grande foi legal::: Hoj:::e eu entendo que devo é me preparar para escrever. >Sabe<, ter consciênci:::a do que escrevo e::: pra quem to escrevendo.
32	Janaina	<u>Muito bom. Obrigada e parabéns pela superação.</u>

**Entrevistado: Maria**

Linhas	Participante	Entrevista
01	Janaina	<u>Como foi para você estudar em gramática?</u>
02 03 04	Maria	Ah::: <u>que difícil falar disso...</u> ainda mais agora::: gravando. Eu gosto de português... mas::: acho ele muito complicado. ::: parece que ::tudo que fazia tava <u>errado</u> .
05	Janaina	<u>Você tem desafios a superar nas aulas de LP?</u>
06 07 08 09 10 11	Maria	Tenho... O medo... <Às vezes tenho medo e vergonha de dizer que não sei alguma coisa> e isso é ruim... porque eu fico sem aprender::: <u>mas vão rir de mim</u> . Mas::: a professora disse que eu <u>mehorei</u> ah::: ontem por exemplo::: <u>eu fiz um texto e tinha menos correções que antes</u> . Sabe... também eu às vezes::: não consigo... terminar a prova.
12	Janaina	Como você realizou o trabalho do jornal? Achou difícil?
13 14	Maria	Achei sim::: <u>na hora que eu vi pela primeira vez</u> eu pensei::: que não ia dar certo::: >a minha parte que era a da receita<
15	Janaina	Por que::: qual foi a sua dificuldade?
16 17 18 19	Maria	Eu::: achei que não ia valer a minha receita <que era de um caderno antigo> e tava::: tudo escrito errado. Quando a professora falou que ia manter aquilo::: que a gente levasse::: <u>eu fiquei com medo</u> .
20	Janaina	<u>Qual era seu medo?</u>
21 22 23 24 25 26 27 28 29 30	Maria	<u>Era de tá tudo errado</u> , ma::s foi tão bom::: <u>depois que aprendemos a editar</u> o texto, eu nunca tinha gostado e nem::: aprendi a usar o computador... mas foi la que fizemos as arrumações::: no texto e quando vi::: que o que eu tinha no <u>livro de receita era importante</u> e foi valorizado::: <foi muito bom>. Depois::: reescrevi para editar::: e entendi::: <u>que algumas modificações tinham que ter mais</u> a professora::: ter dit:::o que o::: primeiro... <aquele primeiro texto> também era importante, me sent:::i respeitada::: e <u>feliz</u> . Mas <u>entend:::i que tinha que adequar o texto</u> .
31 32 33	Janaina	Parabéns::: <u>vocês entenderam que temos que fazer mais edições do jornal</u> , foi tão bom::: podemos desenvolver mais ainda::: e aprender cada vez mais.

## ANEXO 4 Textos do jornal, "Minha história, minha vida"

## Minha história Vida

Eu me chamo, Rosyria Nacida 16 fevereiro  
Nacida em La Colivia total Santa Cruz  
e foi adotada Com 4 anos meus  
Pai São Mineros.

Eles nunca me negaram que sempre  
falarão a Verdade que e foi adotada  
Si mas So feliz.

e meu objetivo e Continuar  
Estudando até minha formação  
e isto ta sendo difícil.

Porque eu Sou P. Mamel Alba  
to feliz por me darem esta oportunidade  
de Estudar aqui a Portugal que abrição e  
bem até não da para me divertir  
e com custo as musica.

to fazendo curso para enfermeira  
E esta escola ta me ajudando e  
muito e gosto de todos meus p.  
Prof. e Obrigado Pela oportunidade

So feliz Pela Escola Brasileira  
Ferreira Monteiro

Odiado e quem  
quer ser formar  
Continuar a caminhada  
da escola e ser feliz

Rosyria

Moro em Campo Grande Rua Casa  
Muru 449



Minha história, minha vida

Eu me chamei... Valdeci de Albuquerque  
 Eu morei em campo grande  
 M.S. Estudei na Escola

Brasilina Ferraz manteve  
 Eu estudei na escola Brasilina  
 Ferraz mantendo, gostei dos  
 professores e dos colegas

gostei de sair e jogar  
 e sou alegre e nos horas  
 vagas  
 faço o que me dá

## Anexo 5 Gêneros textuais

Os Gêneros textuais são as estruturas com que se compõem os textos, sejam eles orais ou escritos. Essas estruturas são socialmente reconhecidas, pois se mantêm sempre muito parecidas, com características comuns, procuram atingir intenções comunicativas semelhantes e ocorrem em situações específicas. Pode-se dizer que se tratam das variadas formas de linguagem que circulam em nossa sociedade, sejam eles formais ou informais. Cada gênero textual tem seu estilo próprio, podendo então, ser identificado e diferenciado dos demais através de suas características. Exemplos:

**Carta:** quando se trata de "carta aberta" ou "carta ao leitor", tende a ser do tipo dissertativo-argumentativo com uma linguagem formal, em que se escreve à sociedade ou a leitores. Quando se trata de "carta pessoal", a presença de aspectos narrativos ou descritivos e uma linguagem pessoal é mais comum.

**Propaganda:** é um gênero textual dissertativo-expositivo onde há a o intuito de propagar informações sobre algo, buscando sempre atingir e influenciar o leitor apresentando, na maioria das vezes, mensagens que despertam as emoções e a sensibilidade do mesmo.

**Bula de remédio:** é um gênero textual descritivo, dissertativo-expositivo e injuntivo que tem por obrigação fornecer as informações necessárias para o correto uso do medicamento.

**Receita:** é um gênero textual descritivo e injuntivo que tem por objetivo informar a fórmula para preparar tal comida, descrevendo os ingredientes e o preparo destes, além disso, com verbos no imperativo, dado o sentido de ordem, para que o leitor siga corretamente as instruções.

**Tutorial:** é um gênero injuntivo que consiste num guia que tem por finalidade explicar ao leitor, passo a passo e de maneira simplificada, como fazer algo.

**Editorial:** é um gênero textual dissertativo-argumentativo que expressa o posicionamento da empresa sobre determinado assunto, sem a obrigação da presença da objetividade.

**Notícia:** podemos perfeitamente identificar características narrativas, o fato ocorrido que se deu em um determinado momento e em um determinado lugar, envolvendo determinadas personagens. Características do lugar, bem como dos personagens envolvidos são, muitas vezes, minuciosamente descritos.

**Reportagem:** é um gênero textual jornalístico de caráter dissertativo-expositivo. A reportagem tem, por objetivo, informar e levar os fatos ao leitor de uma maneira clara, com linguagem direta.

**Entrevista:** é um gênero textual fundamentalmente dialogal, representado pela conversação de duas ou mais pessoas, o entrevistador e o(s) entrevistado(s), para obter informações sobre ou do entrevistado, ou de algum outro assunto. Geralmente envolve também aspectos dissertativo-expositivos, especialmente quando se trata de entrevista a imprensa ou entrevista jornalística. Mas pode também envolver aspectos narrativos, como na entrevista de emprego, ou aspectos descritivos, como na entrevista médica.

**História em quadrinhos:** é um gênero narrativo que consiste em enredos contados em pequenos quadros através de diálogos diretos entre seus personagens, gerando uma espécie de conversação.

**Charge:** é um gênero textual narrativo onde se faz uma espécie de ilustração cômica, através de caricaturas, com o objetivo de realizar uma sátira, crítica ou comentário sobre algum acontecimento atual, em sua grande maioria.

**Poema:** trabalho elaborado e estruturado em versos. Além dos versos, pode ser estruturado em estrofes. Rimas e métrica também podem fazer parte de sua composição. Pode ou não ser poético. Dependendo de sua estrutura, pode receber classificações específicas, como haicai, soneto, epopeia, poema figurado, dramático, etc. Em geral, a presença de aspectos narrativos e descritivos são mais frequentes neste gênero.

**Poesia:** é o conteúdo capaz de transmitir emoções por meio de uma linguagem, ou seja, tudo o que toca e comove pode ser considerado como poético (até mesmo uma peça ou um filme podem ser assim considerados). Um subgênero é a prosa poética, marcada pela tipologia dialogal.

## ANEXO 6 “OS GÊNEROS TRABALHADOS EM SALA”

### AVISO:

O aviso é uma informação, comunicado de uma pessoa para outra.

#### Senhores usuários,

Não é permitido ocupar os elevadores comendo lanches ou ingerindo líquidos, como água, refrigerantes ou café. Nosso objetivo é manter os elevadores limpos e, também, evitar possíveis acidentes desagradáveis provocados por esbarrões.

Atenciosamente a sua colaboração  
O síndico

### E-mail:

E-mail, correio-e (em Portugal, correio electrónico), ou ainda email é um método que permite compor, enviar e receber mensagens através de sistemas eletrônicos de comunicação.

De: rafael  
Para: sergio andrade  
Data: 12/03/2003 14:42  
Assunto: Documentos  
At: Sr. Sergio Andrade - Gerente Administrativo  
Re: Documentos para Flex Embalagens

Conforme sua solicitação, envio em anexo com o sr. Marcelo, da Flex Embalagens, informando o valor do saldo devedor em conta corrente. Desejo também que estejam dispostos a conceder um desconto de 5% sobre o total da dívida. Ele ficou de estudar a proposta e enviar em retorno concordando. Qualquer dúvida, favor fazer contato.  
Atenciosamente,  
Rafael Puzos

From: mario  
To: rafael@com.br  
Sent: Thursday, March 13, 2003 2:19 PM  
Subject: CINEMA

OLÁ, RAFAEL, TUDO BEM COM VOCÊ?  
ESTÁ PASSANDO AGORA NO CINEMA DO SHOPPING O FILME NOVO DO HARRY POTTER, QUE TAL PEGARMOS A BESSÃO DAS 15 HORAS NO DOMINGO? POSSO ATÉ CONVIDAR A PATRICKIA?  
ABRAÇOS  
MÁRIO

## CARTA:

A carta possui um texto semelhante ao do jornal. Mas, enquanto o texto da carta é pessoal, o do jornal é coletivo. Porém, ambos têm o mesmo objetivo: transmitir idéias e notícias.

Uma carta deve conter:

- Nome da cidade em que está a pessoa que escreve e a data.
- O nome de quem vai receber a carta, acompanhado de uma expressão simpática.
- O assunto.
- A despedida.
- O nome de quem escreveu a carta.

Para sobrescrever o envelope, é necessário colocar na frente o nome do destinatário, endereço, cidade, estado e o CEP (Código de Endereçamento Postal). No verso, os dados do remetente. Selar e postar a carta.

No caso de a correspondência ser entregue pelo remetente, basta escrever no envelope o nome do destinatário e, no canto inferior direito, a expressão "Em mãos".

Floresta Assustadora, 12 de maio de 2002.

Queridos Mamãe e Papai,

**Por favor** me deixem voltar para casa. Aperto que vocês me acham meio panaca, todo bem-comportado, todo certinho. É por isso que eu preciso aprender as Nove Regras do Mau-Caratismo na escola do tio Lobão do Mal? Mas eu já disse que na semana passada só escovei os dentes de brincadeira! E quando terei meu pêlo e fui dormir cedo, estava querendo tapear vocês!

Deixem-me voltar e aprender o mau-caratismo em casa. **Por favor**!!!  
Seu filhote número um,

Lobinho Devagar



## BILHETE:

O bilhete é uma mensagem curta, trocada entre as pessoas, para pedir, agradecer, oferecer, informar, desculpar ou perguntar.

O bilhete é composto normalmente de:

- Data.
- Nome do destinatário antecedido de um cumprimento.
- Mensagem.
- Despedida e nome do remetente.



Mãe

Depois da aula, vou almoçar na casa da tia! Espere lá até você ir me buscar.

Tchau

Jorginho

01/8/05

Igor

12/5/05

11h30

Deixe a encomenda com a Alexandria. Torcerei à tarde para pagar.

Chico



# RECEITAS:

As receitas culinárias dão orientações precisas para a realização de preparo de determinados alimentos. Apresentam duas partes distintas:

- **Ingredientes:** Lista de elementos que vão ser utilizados. Apresentam substantivos concretos acompanhados ou não de numerais que representam a quantidade.
- **Modo de fazer:** Desenvolve instruções de como utilizar cada um dos ingredientes e as palavras indicam exatamente o que querem dizer. Dão instruções narrando o modo de como realizar cada ação.

É um texto que exige muita precisão, pois qualquer troca ou falta de ingredientes causa problemas em sua execução.

Existem outros tipos de receitas como as médicas, para confeccionar objetos, materiais, etc.

## Sopa de menino

### Ingredientes

(para servir um lobo faminto)

Um menino (de tamanho médio)  
Um caldeirão de ferro bem grande  
Uma tonelada de batatas  
Um montão de cebolas  
Uma tina de rabanetes  
Uma carroça cheia de cenouras  
Balas de frutas  
Um poço cheio de água  
Um barril de tijolos  
Uma colher de pedreiro

### Modo de fazer

1. Primeiro, pegue o menino.
2. Lave-o bem, principalmente atrás das orelhas.
3. Coloque-o firmemente dentro do caldeirão de ferro.
4. Acrescente água, batatas, cebolas, rabanetes, cenouras e mais as balas de frutas para temperar.
5. Sente-se no barril de tijolos e mexa bem, até quinta-feira, usando a colher de pedreiro.

# NOTÍCIA:

As notícias são unidades informativas completas, isto é, contêm todos os dados necessários para que o leitor compreenda a informação sem precisar recorrer a textos anteriores ou a textos contidos na mesma publicação.

A notícia é redigida na terceira pessoa e caracteriza-se por sua exigência de objetividade e veracidade. O redator mantém-se à margem do que conta, começando pelo fato mais importante para finalizar com os detalhes.

A notícia consta de três partes: o título, a introdução e o desenvolvimento.

**Título:** Cumpre uma função dupla, ou seja, sintetizar o tema central e atrair a atenção do leitor.

**Introdução:** Contém o principal da informação, sem chegar a ser um resumo do texto.

**Desenvolvimento:** Inclui os detalhes que não aparecem na introdução.

A progressão temática das notícias gira em torno das perguntas: O quê? Quem? Como? Quando? Por quê? Para quê?

## HERDEIRO DO CONDADO FRANCÊS DE SEYSSSEL VIRA PALHAÇO NO BRASIL



### MUITO BEM, MUITO BEM, BEM, BEM

Um palhaço de 1,91 m, ex-acrobata. De 1953 a 1974, Waldemar Seyssel divertiu crianças na TV Record com o *Cirquinho do Arrelia*. Com a bengalona, dizendo "boa talde, batalta, pol favol", não tinha rivais. Filho de palhaço, neto de conde francês que se apaixonou por uma circense, Arrelia passou mais de 70 anos de cara pintada, divertindo a criançada com o bordão: "Como vai?, como vai?, como vai? Muito bem, muito bem, bem, bem."

Almanaque Brasil de Cultura Popular, jul. 1999.



## **PROCURA-SE**

Labrador de 2 anos da cor amarela que atende pelo nome de Apollo. Está com uma coleira anti-carrapato e uma corrente de ferro no pescoço. Moramos na Rua Eletricista Elias Ferreira em Candelária- parque das colinas.

Caso encontre, por favor ligar para um desses números:

(84) 99254193; 99822105; 91329007; 99110214; 99844551.

## *Textos Informativos:*

Escritos com a intenção de informar o leitor, esses textos sempre trabalham fatos: quem faz o quê, onde, quando, etc. Jornais, revistas e noticiários estruturam-se basicamente com informações.

Como na vida a quantidade de informações do dia-a-dia é imensa, também é extremamente variada a linguagem desses textos.

Para fins didáticos, podemos entender texto informativo como aquele que tem por objetivo central informar fatos ao leitor.

É o tipo de texto que encontramos mais freqüentemente – a informação técnica, publicitária, científica, cultural, etc. – e ocupa grande espaço na vida moderna.



Copyright © 2011 Mauricio de Souza Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



## Anexo 7 Gêneros textuais

### TABELA - MATRICULADOS MS

1-Número total de alunos matriculados no EM em MS	<b>88.777 ALUNOS</b>
2-Número total de alunos matriculados no EMI em MS	<b>79.914 ALUNOS</b>
3- Números de escolas e cidades que oferecem EMI em MS	<b>274 Escolas</b> <b>78 Municípios</b>
4-Número total de alunos matriculados no EM/EJA em MS	<b>1.784 ALUNOS</b>
5- Número total de alunos matriculados no EMI/EJA em MS	<b>13.608 ALUNOS</b>
6- Número total de alunos matriculados no EM/ Normal em MS	<b>1.322 ALUNOS</b>

FONTE: SED/MS

## **Anexo 8**